



**“Uma Diferença Muito Grande”:**

**Estudo Narrativo Exploratório com Pessoas Inquilinas no Programa Housing  
First com Experiência de Situação de Sem-Abrigo**

**FRANCISCA RIBEIRO DE SÁ MOTA**

Orientadora de Dissertação:

**PROFESSORA DOUTORA MARIA JOÃO VARGAS-MONIZ**

Professora de Seminário de Dissertação:

**PROFESSORA DOUTORA MARIA JOÃO VARGAS-MONIZ**

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA**

**Especialidade em Psicologia Comunitária**

2022

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria João Vargas-Moniz, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Comunitária.

## Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem as contribuições e envolvimento dos(as) inquilinos(as) do Programa Housing First. Merecem o reconhecimento e agradecimento todas as pessoas em situação de instabilidade habitacional e sem-abrigo, que lutam todos os dias, e ainda dão oportunidade aos serviços, de conhecerem e aprenderem com as suas histórias, estabelecendo relações de confiança e de benefício mútuo. Um agradecimento especial às pessoas que acompanhei em Housing First neste percurso.

Um enorme agradecimento à Professora Doutora Maria-João Moniz, por todas as aprendizagens, inspirações que me deu, apoio, orientação e esperança que promoveu, ao longo de todo o meu percurso académico. Ao Professor Doutor José Ornelas, que me cultivou o amor pessoal e profissional pela Psicologia Comunitária e a Ecologia, que tanto sinto parte natural e inerente à experiência. Pelo sentido de Missão, Participação e Colaboração que estes Professores promoveram em mim.

Ao ISPA-IU por ter promovido a minha formação académica e proporcionado momentos estruturais de aprendizagem, por ter sido um local de ensinamentos e consolidação de valores.

À minha família pelo amor e apoio incondicional que me oferece, por acreditarem em mim e me darem força mesmo nos momentos de dúvida e de crises existenciais. À minha mãe Nucha, ao meu pai João, aos meus irmãos Simão e Joaquim e aos meus avós Rousel e Carlos Ribeiro.

Às minhas amigas, especialmente à Sara, à Swata e à Andreia, por acreditarem em mim, fazendo-me acreditar nas minhas capacidades, por me ouvirem e pela amizade que nutrem e frutificam.

Não posso deixar de agradecer à dádiva, que é a minha existência, e à vida que me ensinado tanto, com desafios, uns maiores outros mais difíceis, mas que me permite concluir que o caminho que traço é um caminho que só pode ser o certo, o que é suposto estar, de co-construção e participação numa comunidade mais justa e diversificada, no sentido do bem-estar e envolvimento individual e coletivo.

Bem-haja!

## Resumo

O principal objetivo desta investigação passou por procurar perceber como são os dias típicos de pessoas atualmente integrantes do Programa Housing First, anteriormente em situação de sem-abrigo.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas de base exploratória em profundidade com 5 participantes inquilinos(as) do Programa Casas Primeiro - Housing First, da Associação para o Estudo e Integração Psicossocial - AEIPS -, em 23 momentos diferentes. Em conjunto, colaborativamente, desenharam-se as rotinas num mapa de Lisboa, no sentido de compreender a amplitude dos seus percursos.

As entrevistas foram analisadas segundo método da análise temática e os resultados mostraram que não existem dias típicos, mas idiossincráticos às situações específicas e prioridades do momento dos(as) inquilinos(as). Os(as) participantes testemunharam as alterações das suas rotinas e sentimentos, comparativamente a quando estavam em situação de sem-abrigo. As pessoas acederam a recursos novos, que diferiram entre si, mas que contribuíram para a sua integração psicossocial.

Um tema importante que emergiu foi a gestão monetária, que influenciou os percursos e atividades realizadas. As pessoas perspetivavam, no futuro, ingressar no mercado de trabalho, ter um emprego estável com contrato, sem depender de apoios e subsídios do Estado, possibilitando o aumento da sua qualidade de vida.

Com este estudo procura-se ampliar a voz de pessoas com experiência de situação de sem-abrigo e o seu percurso no Housing First, enfatizando que a habitação se constitui como um direito do ser humano e como um ponto básico para o desenvolvimento de novas regularidades sociais inclusivas e diversificadas.

Palavras-chave: Pessoas com Experiência em Situação de Sem-Abrigo; Housing First; Habitação com Direito; Utilização de Recursos; Regularidades Sociais.

### **Abstract**

The main goal of this work was to look for an understanding about what is a typical day of people currently integrated in an Housing First Program, previously in a situation of homelessness.

There were conducted semi-structured interviews with an in-depth exploratory based with participants of the Casas Primeiro - Housing First applied by Associação para o Estudo e Integração Psicossocial - AEIPS. Together, collaboratively, we drew the routines in a map of Lisbon, making an understanding of the width of their routes.

The interviews were analyzed with the method of thematic analysis and the results showed that there were no typical days. They were idiosyncratic to the specific situations and priorities of the moment for the tenants. Participants evidenced the changes of their routines and feelings, compared with when they were in a homeless situation. People accessed new resources, which were diverse, yet which contributed to their psychosocial integration.

An important theme that emerged was money management, which influenced their routes and activities. In the future, people wished to join the labor market, finding a stable job, with a contract, without depending on State support and subsidies, creating possibilities for an increase of quality of life.

The contribution of this study was to amplify the voices of people with experience of homelessness situations and their ways in an Housing First Program, underlining the declarations of housing as a human right and how housing is a base for the development of new, inclusive and diversified social regularities.

Key-words: People with Experience of Homelessness Situations; Housing First; Housing as Human Right; Resources Utilization; Social Regularities.

## Índice

Introdução .....	9
Revisão de Literatura .....	11
Habitação .....	11
Housing First .....	13
Pessoas em Situação de Sem-Abrigo .....	19
Habitação como Direito Humano .....	25
Modelo dos Serviços Tradicionais como Resposta à Existência de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo .....	31
Modelo Housing First como Resposta à Existência de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo .....	34
Os Contributos da Ecologia para o Modelo Housing First .....	35
Integração Física e Acessibilidade aos Recursos .....	39
Housing First como Estratégia para Promoção de Saúde Mental .....	41
Método .....	48
Contextualização do estudo .....	48
Objetivos e Questões de Investigação .....	48
Medidas .....	49
Amostra .....	51
Procedimentos .....	51
Estratégia de análise de dados .....	53
Resultados.....	55
Resultados Sociodemográficos .....	55
Dias Típicos Versus Atípicos .....	79

Fins de Semana .....	89
Diferenças na Utilização do Espaço comparativamente com Situação de Sem-Abrigo .....	92
Recursos utilizados após integração no Programa .....	94
Interações Sociais .....	98
Meios de Transporte .....	101
Gestão Monetária .....	102
Perspetivas sobre o Futuro .....	104
Discussão .....	107
Conclusão .....	115
Referências Bibliográficas .....	117
Anexos .....	127

### **Lista de Tabelas**

Tabela 1. Resultados Sociodemográficos da Amostra (1) .....	57
Tabela 2. Resultados Sociodemográficos da Amostra (2) .....	59
Tabela 3. Resultados Sociodemográficos da Amostra (3) .....	62
Tabela 4. Resultados Perguntas Finais da Entrevista (1) .....	64
Tabela 5. Resultados Perguntas Finais da Entrevista (2) .....	67
Tabela 6. Resultados Perguntas Finais da Entrevista (3) .....	71

### **Lista de Figuras**

Figura 1. Documentos que declaram a Habitação como Direito .....	29
Figura 2. Dispersão e Localização Geográfica das Habitações dos(as) Inquilinos(as)..	56
Figura 3. Rotinas de Segunda a Sexta do Participante 1 .....	74
Figura 4. Rotinas de Segunda a Sexta do Participante 2 .....	75
Figura 5. Rotinas de Segunda a Sexta do Participante 3 .....	76
Figura 6. Rotinas de Segunda a Sexta da Participante 4 .....	77
Figura 7. Rotinas de Segunda a Sexta do Participante 5 .....	78

### **Lista de Anexos**

Anexo 1. Consentimento Informado .....	126
Anexo 2. Guião Semi-Estruturado da Entrevista .....	127

## Introdução

A presente Dissertação de Mestrado em Psicologia Comunitária, no contexto do Instituto Superior de Psicologia Aplicada - Instituto Universitário (ISPA-IU), decorre da minha experiência laboral no Programa Housing First, que permitiu pensar e viver as dinâmicas de bairro / vizinhança, existentes na cidade de Lisboa.

Foi possível compreender que as pessoas participantes do Housing First criam determinadas rotinas geo-espaciais, utilizando contextos diversos e movendo-se mesmo entre bairros diferentes. Procuo explorar como são essas rotinas e dias típicos, e quais os sentimentos e contribuições sociopolíticas das pessoas.

Descrevem-se as principais características e dimensões de implementação do Modelo Housing First, procurando estabelecer relações com as questões dos participantes, nas suas vivências nas vizinhanças / bairros.

Procura-se explicitar os conceitos de recovery, empoderamento, integração psicossocial, bem-estar psicológico, comunitário e sentimento de comunidade, estabelecendo pontes entre estes fatores.

Empiricamente, este estudo é realizado através de um mapeamento geográfico e de entrevistas semi-estruturadas em profundidade, de base exploratória. Portanto, utilizou-se uma metodologia colaborativa mista quantitativa-qualitativa.

Nesse sentido, o objeto de estudo do trabalho é a vivência das Pessoas com Experiência de Situação de Sem-Abrigo, Inquilinas no Programa Casas Primeiro - Housing First.

A principal motivação passa por cumprir a oportunidade de aprender com, e divulgar, a experiência das pessoas que estavam em situação de sem-abrigo, e como a habitação constitui uma oportunidade de integração na comunidade e um direito humano que deve ser concretizado.

*“Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar”.*

(Constituição da República Portuguesa, Art. 65, 2005).

## Revisão de Literatura

### Habitação

A habitação é um espaço fulcral para o desenvolvimento de dinâmicas pessoais, do dia a dia, familiares e comunitárias. Representa a base para a construção do estilo de vida da pessoa, e para a sua ligação e envolvimento com a comunidade, oferecendo potencial para configurar o bem-estar subjetivo, crenças e comportamentos individuais, decisões sobre reprodução e formação familiar, e construir o ativismo e orientações políticas (Zavisca & Gerber, 2016).

A expansão perpétua do mercado habitacional é uma característica emergente do capitalismo moderno, que traz dinâmicas, como o aumento dos preços das habitações, juros hipotecários e despejos (Pattillo, 2013). Em 2013, Patillo faz referência ao historiador urbano Lewis Mumford (1961) que, reflete sobre a mudança na forma como se aborda a cidade, desde o início do século XIX: a passagem de uma visão de uma instituição pública, para uma instituição comercial privada a ser explorada de maneira a que melhor se continue a aumentar os valores dos terrenos e os proveitos que dele possam advir.

A habitação é um bem de consumo, fixado no espaço, cujo valor é influenciado por outros fatores, não só o custo de construção, como até abrangendo estereótipos inerentes a esse espaço ou lugar. Quanto aos preços das habitações, variam de acordo com a qualidade das escolas circundantes, com as ofertas comerciais existentes na área, com os recursos disponíveis do bairro, como parques ou paisagens, com o perfil da vizinhança e com as taxas de criminalidade. Para além disto, os preços de compra e arrendamento habitacional são resultado de decisões políticas e legais sobre impostos, zoneamento, ordenamentos, infraestruturas, desagregação e policiamento (Conley & Gifford, 2006; Pattillo, 2013).

A situações de sem-abrigo são causadas, em grande parte, devido às políticas austeras dos governos neoliberais, que limitam e/ou previnem que os fundos públicos sejam investidos na área da habitação (Padgett, 2020).

Para de Sousa e de Almeida (2001), o desenvolvimento de situações de sem-abrigo, indireta ou diretamente, prende-se com as políticas habitacionais, de

distribuição de rendimentos, de educação, emprego, abuso de substâncias e saúde mental.

As medidas políticas provocam uma grande falta de habitação acessível, e dinâmicas de gentrificação que fazem com que as famílias mais pobres ou que trabalham com menos rendimentos tenham de se deslocar. Aumentando as disparidades de rendimentos e impossibilitando que as pessoas consigam assegurar o pagamento de rendas (Padgett, 2020).

Pessoas que têm mais recursos são capazes de comprar ou arrendar as melhores habitações nas melhores localizações, fazendo com que indivíduos com rendimentos mais baixos apenas consigam ter acesso a habitações de baixa qualidade e em piores localizações. Acrescentando, trabalham os efeitos da discriminação, que distorcem ainda mais estas dinâmicas (Pattillo, 2013).

O mercado habitacional deveria produzir habitações suficientes para cumprir com as necessidades de todas as pessoas ao longo do espectro socioeconómico. No entanto, os problemas habitacionais não ocorrem por causa de falta de oferta, mas sim devido a políticas e práticas habitacionais que não vão ao encontro das necessidades das pessoas, traduzindo-se em falta de provisionamento de habitação a preços que as pessoas podem pagar (Pattillo, 2013).

A fonte primordial da questão da existência da população em situação de sem-abrigo, é motivada pelo fenómeno da instabilidade habitacional. A situação de sem-abrigo literal - a pessoa viver diretamente em sítios que não são aptos para habitação humana - representa a ponta do iceberg do problema da insegurança habitacional, que afeta milhões de pessoas por todo o mundo (Fitzpatrick-Lewis, et al., 2011; Padgett, 2020).

Existe dificuldade em definir o que é uma pessoa em situação de sem-abrigo. Igualmente difícil é estimar o número real do número de pessoas nessa situação a nível global (Fitzpatrick-Lewis, et al., 2011; Padgett, 2020).

Nos países considerados mais ricos ou desenvolvidos, na escala económica, a visibilidade, continuidade e persistência das experiências de pessoas em situação de sem-abrigo evidencia os efeitos de desigualdades, não só a nível de rendimentos, como também o seu impacto social (Padgett, 2020).

## Housing First

O Modelo Pathways Housing First foi criado por Sam Tsemberis, em Nova Iorque, no ano de 1992, baseado na crença de que a habitação é um direito básico de todos(as). Este modelo providencia acesso imediato a uma habitação e serviços de apoio técnico que vão ao encontro e partem das necessidades das pessoas, a indivíduos em situação de sem-abrigo crónicas e com experiência de doença mental e abuso de substâncias (Tsemberis, 1999).

Este Modelo contrapõe o Modelo Escada, de “Tratamento Primeiro”, defendendo um Modelo de “Habitação Primeiro”, evidenciando resultados de maior retenção habitacional, comparativamente com Tratamentos Lineares Residenciais, ou Serviços Tradicionais (Padgett, Henwood & Tsemberis, 2016, cit. por Padgett, 2020; Tsemberis, 1999). Explicitamos os modelos tradicionais, posteriormente neste trabalho.

Após a primeira proposta de Tsemberis, a abordagem Housing First foi desenvolvida na década 90 nos Estados Unidos da América e no Canadá (Watson, Shuman, Kowalsky, Golembiewski, & Brown, 2017). Desde a sua origem, tem vindo a ser aplicado em vários países e continentes diferentes (Greenwood, et al., 2013).

A nível global, fazamos referência aos países que já implementaram a metodologia Housing First, pelo menos como projetos piloto, como testagem dos resultados desta abordagem nos seus territórios. Na Europa, já existiu esta aplicação em países como a Áustria, Dinamarca, Irlanda, Finlândia, França, Hungria, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Espanha e Portugal (European Commission, 2016; Greenwood, Manning, O’Shaughnessy, et al., 2020; Pleace, s. d.). Já existiu também a implementação do Programa Housing First na Austrália (Holmes, Carlisle, Vale, Hatvani, Heagney, & Jones, 2017) e na Ásia (KoreaScience, 2009; Médecins du Monde, 2017). De notar que o Modelo Housing First foi aplicado em Portugal, pela primeira vez, na cidade de Lisboa, no ano de 2009, pela Associação para o Estudo e Integração Psicossocial (AEIPS) (Martins, Ornelas, & Silva, 2016).

Note-se como ocorre uma ênfase crescente, no que toca à implementação do Housing First, a nível de políticas e planeamento (Busch-Geertsema, 2014).

O Modelo Housing First preconiza a ação de agências governamentais e públicas, incluindo uma monitorização e avaliação da sua aplicação, assegurando, assim, que este está a ser fiel às suas diretrizes (Greenwood, Manning, O’Shaughnessy, et al., 2020).

Salientamos como é importante que se façam avaliações de fidelidade de aplicação do modelo, promovendo, dessa forma, o alcance máximo dos benefícios do programa (Greenwood, et al., 2013).

Não é possível afirmar que a aplicação do Programa seja uma réplica exata nos vários países em que tem sido praticado, mas existem investigações que sugerem que existe fidelidade, relativamente a fatores chave: habitação dispersa, independente, acessível e permanente; apoio de serviços descentralizados baseados na comunidade; não existência de contingências, a nível de tratamentos ou de “estar pronto para a habitação”; escolha do consumidor nos serviços; abordagem de redução de danos para serviços de saúde mental e uso / abuso de substâncias; e equipas de apoio multidisciplinares (Greenwood, et al., 2013).

No entanto, existe uma maior variação na fidelidade no que toca a outros aspetos: a escolha da habitação; disponibilidade da habitação (i.e., integração rápida na casa); intensidade e extensão do suporte; e envolvimento dos consumidores no planeamento do programa e das políticas. Esta variância parece dever-se à complexidade que é desenvolver este processo de passagem da filosofia do Modelo para a prática na realidade. Por outro lado, acontece que alguns programas se deparam com desafios e resistências. A nível local, pode ocorrer um processo demorado de consolidação de equipas e de aquisição de recursos. A nível externo, os programas podem ter de enfrentar desafios do sistema habitacional e dos serviços (Greenwood, et al., 2013).

O Housing First tem uma filosofia de uma intervenção levada a cabo pela escolha dos consumidores, interpretando a habitação como um direito fundamental. O Programa é operacionalizado através do acesso rápido a habitações permanentes e serviços de apoio baseados na comunidade, orientando-se para o recovery, através de uma abordagem colaborativa e ecológica (Ly & Latimer, 2015; Martins, Ornelas, & Silva, 2016).

O Modelo Housing First, e os seus serviços baseados na habitação, partem de pressupostos, como o método de arrendamento das casas e a dispersão geográfica das

habitações escolhidas. O arrendamento dos apartamentos realiza-se através do mercado imobiliário privado normativo. Existe a prioridade de reintegração em habitações dispersas por toda a cidade, em bairros normativos, com acesso aos recursos da comunidade (como transportes públicos, lojas e serviços), e que estão disponíveis de forma permanente, ao longo do tempo (Martins, Ornelas, & Silva, 2016; Ornelas, Martins, Zilhão, & Duarte, 2014). Os apartamentos variam de tipologia, desde estúdios a T1, tendo sempre uma casa de banho e uma cozinha, e existindo a possibilidade de o(a) participante partilhar o espaço com alguém que conhece, com um membro da família, ou ter um animal de estimação (Ornelas, Martins, Zilhão, & Duarte, 2014).

A abordagem ecológica e colaborativa traduz-se numa postura de intervenção, em que a equipa técnica, de uma forma flexível, individualizada e sob medida, procura perceber as necessidades e objetivos dos utilizadores. Estas dimensões podem ligar-se diversas áreas da vida das pessoas, como a manutenção e gestão da casa, a documentação e assuntos legais, acesso aos serviços de saúde, redução de danos, direito a benefícios e apoios sociais, educação e emprego, atividades da comunidade e relações com a vizinhança (Ly & Latimer, 2015; Martins, Ornelas, & Silva, 2016). O apoio técnico está disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana, a uma chamada telefónica de distância. As visitas técnicas realizam-se nos apartamentos dos participantes (pelo menos uma visita por semana pré-combinada), na vizinhança / no bairro, e em outros contextos comunitários (Ornelas, Martins, Zilhão, & Duarte, 2014).

O programa faz ligação aos recursos, procurando que estes sejam desbloqueados, no sentido de se promover o sucesso dos praticantes (Watson, Shuman, Kowalsky, Golembiewski, & Brown, 2017). Um dos principais objetivos do Housing First é a reintegração de pessoas em situação de sem-abrigo, nas suas comunidades (Tsemberis, 2010).

O Programa Housing First torna-se ainda mais pertinente uma vez que se comprovam as vantagens no que toca à relação custo-benefício do investimento: este tipo de programa habitacional tem capacidade de corte nos custos financeiros (Ly & Latimer, 2015; Ornelas, 2013).

Os custos dos serviços utilizados pela população em situação de sem-abrigo são bastante consideráveis. Como estratégia de sobrevivência, as pessoas em situação de sem-abrigo podem ter comportamentos ilegais, como por exemplo, ocupação de

propriedade privada. A estes comportamentos, que podem resultar em detenção por parte das autoridades, associam-se custos no sistema judicial (Ly & Latimer, 2015; Ornelas, 2013).

Ainda para mais, há um decréscimo dos custos nos investimentos nos abrigos noturnos, que são mais caros por noite, do que o Programa Housing First, e um decréscimo dos custos das hospitalizações psiquiátricas (Ly & Latimer, 2015; Ornelas, 2013).

A investigação nesta área tem comprovado a permanência estável dos inquilinos ao longo do tempo nas suas habitações, e uma maior proporção de tempo em acomodações independentes ((Busch-Geertsema, 2014; Greenwood, Manning, O'Shaughnessy et al., 2020; Ly & Latimer, 2015). As avaliações dos resultados do programa demonstram que as pessoas se mantêm de forma permanente nas habitações. Segundo as estatísticas, 80% dos participantes Housing First têm capacidade de se manter nas suas casas a longo prazo. Se, por um lado, ocorre uma diminuição significativa do uso de serviços de emergência, das hospitalizações psiquiátricas e dos sintomas psiquiátricos, por outro, ocorre um aumento dos processos de recovery e dos níveis de integração na comunidade (Busch-Geertsema, 2014; Greenwood, Manning, O'Shaughnessy et al., 2020; Ornelas, 2013; Tsemberis, Gulcur & Nakae, 2004).

Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, e colaboradores (2020) concluíram, pela primeira vez, que a qualidade da casa, por si só, prevê um menor nível de sintomas psiquiátricos. Este padrão parece indicar, não só, que uma casa privada é importante para o funcionamento psiquiátrico, como para que a pessoa se sinta bem na sua habitação.

Os resultados dos estudos mostram que a estrutura de qualidade da casa contribui para sentimentos de proteção e segurança física e emocional, através da recuperação do controlo sobre a própria vida (Evans et al., 2003 & Borg et al., 2005, cit. por Martins, Ornelas, & Silva, 2016).

A segurança e a valorização própria que surge com uma habitação de qualidade, funciona como motivação para que as pessoas explorem novas rotinas, se envolvam em interações pró-sociais, reduzam o uso de substâncias e expandam as suas redes e papéis sociais (Patterson et al., 2013, cit. por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020).

Salienta-se a importância da escolha, da qualidade da habitação e a satisfação com os serviços. Através de apoio adequado, os indivíduos com experiência de situação de sem-abrigo podem e conseguem manter, com sucesso, acomodações independentes baseadas na comunidade. Resultados que são alcançados pelos fatores mediadores acima referidos (Tsemberis, Gulcur & Nakae, 2004).

As pessoas envolvem-se de uma forma mais profunda com os serviços com os quais se sentem satisfeitas (Dearing, Barrick, Dermen, & Walitzer, 2005, cit. por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020). Um envolvimento mais profundo prevê o alcance do recovery e a redução do uso de substâncias (Carlson & Gabriel, 2001, cit. por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020).

Existem evidências de que os utilizadores dos serviços Housing First estão altamente satisfeitos com o programa (Ornelas, Martins, Zilhão & Duarte, 2014). Estes dados foram descritos em cinco cidades europeias diferentes, no que diz respeito às dimensões de escolha, qualidade e satisfação com a habitação (Greenwood, Manning, O'Shaughnessy et al., 2020; (Ornelas, Martins, Zilhão & Duarte, 2014).

A habitação representou o ponto de viragem para os participantes do Housing First, que estavam em situação de sem-abrigo, permitindo uma nova oportunidade de desenvolvimento das suas vidas, através de um apartamento/casa integrada na comunidade, permanente, de qualidade, com a qual estão satisfeitos e na qual se podem sentir seguros e descansar, fortalecendo a sua saúde física e psicológica (Ornelas, Martins, Zilhão, & Duarte, 2014).

Concluindo, atualmente, o modelo Housing First é suportado por uma extensa base de evidência científica, estando a ser adaptado a variadas populações, não só a população sem-abrigo jovem, mas também a famílias e utilizadores de opioides. Através de uma intervenção habitacional e de apoio técnico - com serviços de suporte em saúde mental -, em que os seus beneficiários não têm que demonstrar nem provar o seu valor ou direito, é um exemplo de um programa bem-sucedido, eficiente relativamente aos custos de investimento.

Refere-se ainda como este programa defende, reconhece e promove, na prática, na realidade, o direito humano à habitação. Estas experiências de sucesso que são a aplicação do modelo, têm ocorrido a nível sistémico e programático, nos Estados

Unidos da América, no Canadá e na Europa Ocidental (Padgett, Henwood & Tsemberis, 2016, cit. por Padgett, 2020).

## **Pessoas em Situação de Sem-Abrigo**

As situações de sem-abrigo e experiência de viver na rua não são um fenômeno estático, dependendo da experiência de vida de cada pessoa, podendo iniciar-se em diferentes fases da vida, resultando de trajetórias de vida (Serme-Morin & Coupechoux, 2021). A experiência de sem-abrigo pode ocorrer em todas as idades, independentemente de estatuto conjugal, composição familiar, gênero ou se a pessoa é imigrante ou residente há vários anos no país (Frankish, Hwang & Quantz, 2005). Não há uma definição única para este fenômeno e é um desafio contabilizar o número de pessoas nesta população (Fitzpatrick-Lewis, et al., 2011; Padgett, 2020).

O problema da existência de pessoas em situação de sem-abrigo tem tido cada vez mais atenção por parte dos governos, a nível nacional e internacional (Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, Vargas-Moniz, Loubière, Spinnewijn, Lenzi, Wolf, Bokszczanin, Bernad, Källmén, & Ornelas, 2020). Identificou-se que as pessoas em situação de sem-abrigo são uma população prioritária, no que diz respeito à intervenção e às políticas de saúde (Butler-Jones, 2008, cit. por Fitzpatrick-Lewis, et al., 2011).

No entanto, nos dias de hoje, a compreensão ainda é básica no que diz respeito à definição deste fenômeno, trajetórias de vida destas pessoas e contabilização dos números (Fitzpatrick-Lewis, et al., 2011; Serme-Morin & Coupechoux, 2021).

Há várias décadas de trabalhos de investigação científica que alertam para as consequências negativas que advêm das experiências de sem-abrigo. Estudos epidemiológicos comprovam de uma forma sistemática que, entre 25% a 30% da população em situação de sem-abrigo, têm diagnóstico de experiência de doença mental grave, como esquizofrenia ou psicose (Fazel et al., 2008, cit por Petit, Loubiere, Vargas-Moniz, et al., 2018; Fischer, 1985, cit. por Padgett, 2020; SAMHSA, 2011).

A situação é ainda mais premente para pessoas em situação de sem-abrigo com experiência de doença mental. Nestes casos, as pessoas podem ter historial de recusa de tratamento, problemas de uso ativo de substâncias, historial de violência e comportamentos problemáticos ou cadastros prisionais (Tsemberis, et. al, 2003).

Existe uma relação bidirecional entre a experiência de situação de sem-abrigo e questões/problemas de saúde, que tem vindo a ser comprovada cientificamente, e que tem sido interpretada de acordo com percepções erradas (Padgett, 2020).

A compreensão da experiência de doença mental, como variável bi-direcional - causa e consequência - da experiência de situação de sem-abrigo, é um dos fatores chave das operações da Federação Europeia de Organizações Nacionais de Trabalho com a População em Situação de Sem-Abrigo - FEANTSA - (Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et. al, 2020).

Existem estudos comparativos entre pessoas em situação de sem-abrigo e pessoas com habitação, que demonstram que pensamentos suicidas, depressão, trauma e abuso de substâncias são variáveis muito mais prevalentes no caso das primeiras (SAMHSA, 2011; Fischer, 1985, cit. por Padgett, 2020). Um recente trabalho meta-analítico demonstrou que mais 50% das pessoas marginalizadas a nível habitacional e das pessoas em situação de sem-abrigo tiveram um traumatismo cranioencefálico. Este é um dado relevante, comparativamente com o resto da população (Stubbs et al., cit. por Padgett, 2020). Outros problemas de saúde, como problemas respiratórios, úlceras na pele e ferimentos, são provas de que estas pessoas têm a sua esperança média de vida encurtada (Baggett et al., cit. por Padgett, 2020).

Ainda para mais, existem outro tipo de sequelas, não menos importantes, obviamente, mas que são menos visíveis tão diretamente: as consequências emocionais (Padgett, 2020). A experiência de sem-abrigo caracteriza-se frequentemente por isolamento, segregação social, estigma e alienação do resto da comunidade não sem-abrigo. Entrevistas qualitativas realizadas com pessoas em situação de sem-abrigo, que vivem na rua, comprovam os desafios/dificuldades e a carga emocional, pelos quais estas pessoas passam (Ornelas, Martins, Zilhão & Duarte, 2014). Estes fatores são consequentes, tanto de fatores naturais - como a exposição crua e real aos elementos -, como de fatores sociais - como o menosprezo e o assédio das pessoas transeuntes e das forças policiais (Padgett, 2020).

Apesar de o sofrimento social não ser diretamente traduzido em diagnósticos psiquiátricos ou algoritmos nomenclaturais, este tem uma grande influência na saúde,

como seja no stress crónico. Para além disto, esta necessidade crescente de constante adaptação a novas situações e à imprevisibilidade, faz com que os sistemas imunitários das pessoas se enfraqueçam e com que o bem-estar emocional seja afetado (Johnstone et al., 2015, cit. por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020; Padgett, 2020).

Um estudo demonstrou que pessoas em situação de sem-abrigo tinham relações familiares disfuncionais, hospitalizações frequentes, comportamentos suicidas, depressão (Osher & Drake, 1996, cit. por Tsemberis, et. al, 2003), e passaram por abusos e vitimizações (Goodman, Dutton, & Harris, 1995, cit. por Tsemberis, et. al, 2003).

As dimensões acima referidas afetam negativamente, tanto a saúde dos adultos em situação de sem-abrigo, como o seu bem-estar (Fazel, et al., 2008; Fazel, Geddes & Kushel, 2014; Nordentoft & Wandall-Holm, 2003, cit. por Petit, Loubiere, Vargas-Moniz, et al., 2018; Johnstone, et al., 2015, cit. por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020).

Se por um lado, há consequências tão graves e danosas a nível individual para as pessoas em situação de sem-abrigo, também decorrem consequências para a sociedade, como ter de se providenciar serviços dedicados a pessoas com experiência de situação de sem-abrigo, apoio social, cuidados de saúde nos serviços gerais, e apoio judicial no sistema de justiça (Beijer, Bruce & Burström, 2016; Fazel, Geddes & Kushel, 2014; Hwang, et al., 2013; Pleace, et al., 2013; Zaretsky & Flatau, 2013, cit. por Petit, Loubiere, Vargas-Moniz, et al., 2018).

Note-se as implicações, a nível estrutural, de políticas públicas, a nível organizacional e de saúde e bem-estar físico e mental individual, da problemática da existência da população em situação de sem-abrigo. Ainda para mais, salientamos como o aumento da integração comunitária promove o (re)ganho dos laços sociais para as pessoas, que são necessários para um funcionamento em comunidade dito normativo (Tsemberis, 2010).

Segundo um estudo, assumido como parcial e ad-hoc, realizado pelo Eurostat em 2018, em que participaram 12 países da União Europeia, nomeadamente Portugal, Espanha, Bélgica, Grécia, Alemanha, Reino Unido, Irlanda, Bulgária, Dinamarca,

Hungria, Malta, Roménia, Eslováquia, Albânia e Suíça, concluiu-se que 4 em 100 pessoas na Europa já experienciou estar em situação de sem-abrigo pelo menos uma vez nas suas vidas, tendo que ir viver temporariamente com a sua família, ou viver na rua, ou em abrigos de emergência, em acomodações temporárias ou em locais que não se podem caracterizar como habitação. A maioria reportou que a última experiência de estar sem-abrigo teve a duração de menos de um ano - 76,2% das pessoas (Serme-Morin & Coupechoux, 2021).

Por outro lado, 30% das pessoas reportaram que a principal causa de estarem com dificuldades habitacionais se deve a problemas relacionais e / ou familiares, 26,8% das pessoas indicaram o desemprego, falta de recursos ou problemas financeiros, e 17% reportaram o fim do contrato de arrendamento e a dificuldade de encontrar locais com condições habitacionais (Serme-Morin & Coupechoux, 2021).

Apesar de mais de um terço das pessoas não ter explicado como conseguiu sair da situação de sem-abrigo, 22% apontam para a reconstrução ou renovação das relações familiares e sociais, 18% referem a reentrada no mercado de trabalho e 14% apontam para a entrada em programas sociais de habitação ou subsídios para o arrendamento privado (Serme-Morin & Coupechoux, 2021).

Estima-se que, na União Europeia no ano de 2019, numa noite, o número de pessoas em situação de sem-abrigo, a viver na rua ou em abrigos temporários / de emergência, seja 700,000. Este número representa um aumento de 70%, comparativamente com o ano de 2009. Ainda para mais, a pandemia COVID-19 fez agravar as vulnerabilidades sociais já existentes, pelo que é possível ponderar sobre o aumento exponencial do número de pessoas em situação de sem-abrigo (Serme-Morin & Coupechoux, 2021).

Em Portugal, no dia 31 de dezembro de 2018, fez-se notar que, das 6,044 pessoas em situação de sem-abrigo, 2,428 - 40% - estavam a dormir na rua ou em abrigos noturnos. Em Lisboa, no mesmo ano, contaram-se 2,328 pessoas em situação de sem-abrigo, o que representa um aumento de 173% em comparação com o ano de 2013. No ano de 2019, contabilizaram-se 420 pessoas a dormir em acomodações temporárias e 140 pessoas a dormir na rua (Serme-Morin & Coupechoux, 2021).

Relativamente à implementação de programas habitacionais em Portugal, com vista à resolução da problemática da existência de pessoas em situação de sem-abrigo, o Instituto da Segurança Social, IP (ISS, I.P.) realizou um estudo, entre 2004 e 2005, com o objetivo de compreender a população de pessoas sem-abrigo, os seus trajetos e as entidades que lhes prestam serviços. Concluiu-se, principalmente, que era urgente que se criasse uma estratégia nacional - envolvendo os vários níveis do governo e as parcerias necessárias -, com vista à prevenção, intervenção, acompanhamento e integração de pessoas dessa comunidade. No seguimento, em maio de 2017, foi criada uma equipa interinstitucional coordenada pelo ISS, I.P., com o intuito de colmatar as necessidades identificadas, prevenir novas situações e de cumprir as diretrizes europeias através da adoção de medidas pertinentes. Este grupo de trabalho desenvolveu a Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo: Prevenção, Intervenção e Acompanhamento 2009-2015 (ENIPSA; ENIPSSA, 2017).

A Estratégia foi adotada formalmente no ano de 2009, tendo sido assinada, por 23 entidades, uma carta de compromisso relativo aos objetivos propostos. Estas entidades faziam parte de setores de atividades diferentes - dezoito organizações públicas e cinco privadas - e constituíram o Grupo de Implementação, Monitorização e Avaliação da Estratégia (GIMAE; ENIPSSA, 2017).

Os trabalhos iniciaram-se em 2009, tendo sido interrompidos em 2013 e retomados novamente em 2016, no seguimento da Resolução da Assembleia da República n.º 45/2016, de 11 de março, e de Despacho do membro de Governo responsável pela área da segurança social. Esta pausa na implementação deveu-se às “inevitáveis consequências na implementação e monitorização da ENIPSA 2009-2015” (ENIPSSA, 2017). Saliente-se como se identificou a necessidade de se criar um relatório de avaliação da ENIPSA 2009-2015, que apresentasse os resultados e propostas futuras para o aprimoramento da Estratégia (ENIPSSA, 2017).

Em março de 2017, no relatório de avaliação ENIPSSA 2009-2015, provou-se que a Estratégia teve o potencial de funcionar como um laboratório social. Esta estratégia foi implementada pela primeira vez em Portugal e nos países do sul da Europa, através da parceria e colaboração entre várias entidades públicas e privadas, dinamizando uma maior proximidade dos serviços - com a criação dos Núcleos de

Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo (NPISA) -, e de estruturas locais de apoio / projetos (ENIPSSA, 2017).

Com base na Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo (ENIPSSA), o Instituto da Segurança Social, I.P., assinou variados protocolos com as associações e entidades responsáveis pela implementação dos projetos (República Portuguesa, 2020).

No ano de 2020, na continuação da implementação de respostas habitacionais, e com a articulação com o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, foram implementados protocolos para financiamento de várias instituições em Lisboa, Leiria e Porto, com vista a atribuição de casas ou apartamentos partilhados, assim como o acompanhamento de equipas técnicas (República Portuguesa, 2020).

Neste sentido, é possível perceber a continuidade do investimento, por parte do Governo, em Programas Habitacionais, com vista à resolução da problemática da existência de pessoas em situação de sem-abrigo.

De realçar a importância da aplicação de uma intervenção que tenha, realmente, o significado da integração comunitária e da justiça social, compreendendo de uma forma holística as várias variáveis em trabalho nas questões habitacionais e as pessoas que são implicadas no processo.

## **Habitação como Direito Humano**

Como se tem vindo a defender, a habitação representa um espaço de extrema importância para o estabelecimento, desenvolvimento e empoderamento de dinâmicas pessoais, relacionais, familiares, comunitárias e societárias. É o ponto de partida, a base, para a construção de bem-estar individual e comunitário, e para a configuração de comportamentos individuais, ativistas e políticos (Zavisca & Gerber, 2016).

O acesso à habitação não é puramente uma questão económica, mas também de outras ordens: note-se como os efeitos de séculos de exclusão racializada, por exemplo, negam às pessoas afro-americanas o acesso à habitação e à aquisição de fortuna / recursos, fazendo com que exista uma representação desproporcional entre as pessoas em situação de sem-abrigo nos Estados Unidos da América (Padgett, 2020).

Padgett (2007) menciona o conceito de segurança ontológica, como oferecendo uma possibilidade de introspeção fenomenológica, relativamente aos benefícios que uma habitação estável oferece às pessoas, e que a população com habitação segura não reconhece ou valoriza. A mesma autora (2007), faz citação a Dupuis e Thorns (1998), que descrevem as condições da segurança ontológica: quando a habitação é um local estável e permanente no ambiente material e social; quando a habitação assegura a prática de rotinas diárias da existência humana; quando a habitação é onde a pessoa se sente em controlo da sua própria vida, porque se sente livre da vigilância e dos olhares que decorrem da vida noutras condições; e quando a habitação é a base segura, a partir da qual as identidades são construídas. Neste sentido, é possível fazer a ligação com a Teoria da Hierarquia das Necessidades de Maslow (1943, cit. por Padgett, 2007), que postula que é necessário que se cumpram as necessidades básicas humanas, para que necessidades de ordens superiores, como o sentimento de pertença e a auto-realização sejam alcançadas.

Mas, para além das consequências individuais para as pessoas em situação de sem-abrigo (Padgett, 2020; SAMHSA, 2011), existem também consequências coletivas, como terem de ser mobilizados investimentos dos Estados para a resolução desta problemática (Beijer, Bruce & Burström, 2016; Fazel, Geddes & Kushel, 2014; Hwang, et al., 2013; Pleace, et al., 2013; Zaretsky & Flatau, 2013, cit. por Petit, Loubiere, Vargas-Moniz, et al., 2018).

No ano de 1948, as Nações Unidas declararam o Direito à Habitação:

*“1. Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.”*

(Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo 25, 1948).

Na Europa Ocidental, no ano de 1989, foi criada a Federação Europeia de Organizações Nacionais de Trabalho com a População em Situação de Sem-Abrigo (FEANTSA; [www.feantsa.org](http://www.feantsa.org)). Este movimento teve o apoio da Comissão Europeia, que estabeleceu uma rede representativa de 30 países diferentes, que começaram trabalhos a nível de programas e intervenções, muitos deles de aplicação do Modelo Housing First. FEANTSA. Ainda para mais, existe um envolvimento ativo de profissionais psiquiatras na investigação nos contextos (Greenwood, Manning, O’Shaughnessy, et. al, 2020).

No ano de 2005, a Constituição da República Portuguesa, no Artigo 65, proclamou: *“Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar”*.

Note-se também como o anúncio dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), em 2015, veio reforçar novamente a habitação como um Direito Humano, com o sub-objetivo 11.1. *“Habitações seguras e acessíveis para todos até 2030”*, do objetivo 11, nomeado *“Cidades e comunidades sustentáveis, tornar as cidades e comunidades inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis”* (Business Council for Sustainable Development Portugal, 2022; Comissão Nacional da Unesco, 2022; Nações Unidas, 2022; Padgett, 2020).

Salientamos também o Ponto 19, do Capítulo 3, do Pilar Europeu dos Direitos Sociais, da Comissão Europeia, que proclama que: *“Deve ser garantido às pessoas necessitadas o acesso a habitação social ou a uma ajuda à habitação de qualidade; As pessoas vulneráveis têm direito a assistência e a proteção adequadas em caso de*

*despejo; Devem ser disponibilizados aos sem-abrigo alojamento e serviços adequados para promover a sua inclusão social”* (Comissão Europeia, 2017).

Ainda para mais, apontamos para os guiões avançados, em 2019, pelo Alto Comissariado para os Direitos Humanos das Nações Unidas, nomeadamente o Guião Número 1, que pauta a *“Garantia do direito à habitação, como um direito fundamental humano, ligado à dignidade e ao direito à vida”* (United Nations Human Rights Office of the High Commissioner, 2019).

Neste guião, as Nações Unidas defendem que os Estados, incluindo os poderes judiciários, devem assegurar que o direito à habitação adequada é reconhecido e aplicado como um direito humano fundamental, através de provisões constitucionais e legislativas. Ainda para mais, o direito à habitação deve ser definido como o direito a viver numa casa que tenha condições pacíficas, de segurança e dignidade, incluindo a segurança de propriedade, disponibilidade dos serviços, adequação cultural, a acessibilidade, condições de habitabilidade e localização apropriadas (United Nations Human Rights Office of the High Commissioner, 2019).

Em 2021, o Parlamento Europeu aprovou uma resolução sobre o acesso a uma habitação digna e a preços acessíveis para todos(as), baseando-se em tratados, declarações, cartas, convenções, orientações da OMS, resoluções, pareceres, estudos, recomendações, inquéritos, iniciativas, artigos, comunicações e decisões da comissão e pacotes de investimento social. Esta resolução:

*“C. Salienta que a União Europeia os seus Estados-Membros têm a obrigação de garantir o acesso universal a uma habitação digna e a preços acessíveis em conformidade com os direitos fundamentais estabelecidos nos artigos 16.º, 30.º e 31.º*

*da Carta Social Europeia e no Pilar Europeu dos Direitos Sociais”;*

*“W. Exorta os Estados-Membros a aplicarem o programa «Housing First» como uma estratégia integrada de luta contra o fenómeno dos sem-abrigo, que combine a habitação de apoio com os serviços sociais e a integração no mercado de trabalho das pessoas sem-abrigo; considerando que a adoção dos seus princípios pelos Estados-Membros pode contribuir significativamente para reduzir o fenómeno dos sem-abrigo”*

(Parlamento Europeu, 2021)

Mais, no que toca a esta resolução, e no que diz respeito ao ponto: “*Lutar contra a condição de sem-abrigo e a discriminação*”, o Parlamento Europeu (2021):

*“12. Solicita que, em toda a UE, seja fixado o objetivo de acabar com o fenómeno dos sem-abrigo até 2030; insta a Comissão a tomar medidas mais eficazes para ajudar os Estados-Membros a reduzirem e erradicarem o fenómeno dos sem-abrigo com carácter prioritário no âmbito do plano de ação relativo ao Pilar Europeu dos Direitos Sociais;*

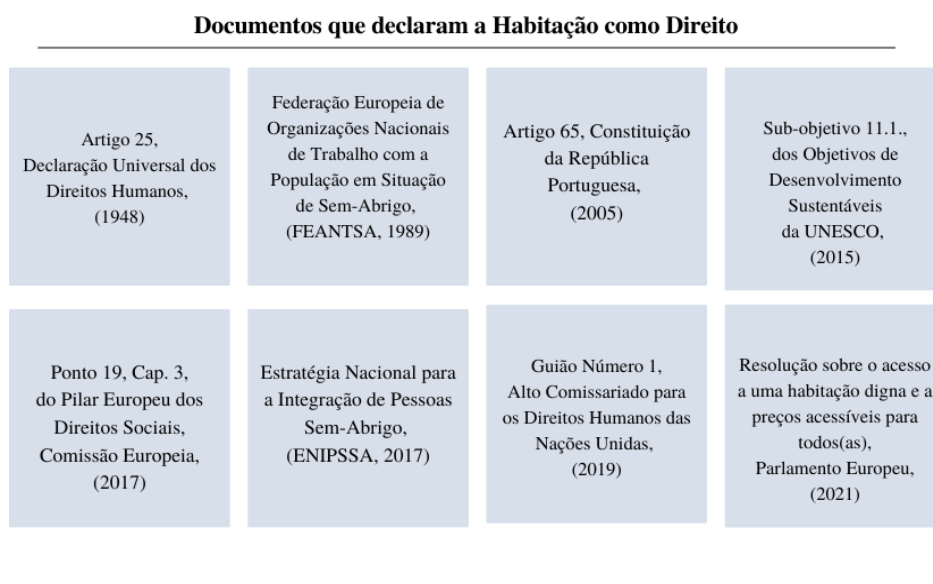
*13. Exorta a Comissão a propor um quadro da UE para as estratégias nacionais para os sem-abrigo e apela aos Estados-Membros para que adotem o princípio da «prioridade à habitação» e deem prioridade à disponibilização de alojamento permanente aos sem-abrigo, mormente através de medidas proativas e reativas como parte das suas estratégias nacionais para os sem-abrigo, assentes em consultas sistemáticas com as ONG que trabalham no domínio dos sem-abrigo, da pobreza e da discriminação;*

*14. Entende que a Comissão deve continuar a analisar a aplicação dos modelos de sucesso existentes, nomeadamente o programa «prioridade à habitação», através de instrumentos financeiros adequados, como o Fundo Social Europeu Mais e o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional;*

*15. Salaria a necessidade de colaboração interministerial e intergovernamental no desenvolvimento e na aplicação destas estratégias, bem como de participação das principais partes interessadas, e incentiva o intercâmbio das melhores práticas entre os Estados-Membros.”*

(Parlamento Europeu, 2021).

Todos estes documentos, com as suas marcadas afirmações (que congregamos na Figura 1, abaixo verificável), fazem perceber que o Direito à Habitação já é algo existente e proclamado em declarações, guias, legislações e documentos nacionais e internacionais. Mas as subscrições a este direito, não significam que este seja implementado na prática real. Aqui, neste ponto, os movimentos sociais e o ativismo, têm o potencial e o poder de transformar e estreitar a relação entre o abstrato e o concreto (Patillo, 2013).

**Figura 1**

*Documentos que declaram a Habitação como Direito*

Apesar da declaração de provas científicas, relativamente à ligação entre a saúde física e mental, e a estabilidade habitacional, barreiras estruturais ainda se opõem, trabalhando para a perpetuação da filosofia da culpabilização da vítima / da pessoa em situação de sem-abrigo pela sua situação (de Sousa, & de Almeida, 2001; Padgett, 2020).

A ligação entre as necessidades da população em situação de sem-abrigo, e a disponibilidade dos serviços, está ainda muito desfasada (Fitzpatrick-Lewis, et al., 2011).

Adicionalmente, a formação dos profissionais sobre os modelos - que ultrapassam o modelo biomédico, de foco nos sintomas e na patologia do indivíduo -, que vão mais além, através uma compreensão ecológica e holística dos determinantes sociais e ambientais, é insuficiente (Hawe, 2017; Padgett, 2020).

Mostra-se necessário considerar os profissionais de saúde, os psicólogos e os psiquiatras, como agentes ativos e recursos de mudança. Através de uma intervenção ecológica, que tenha em conta os determinantes sociais, é importante que os profissionais tenham competências estruturais nas suas práticas. O objetivo passa por

colmatar o hiato entre a teoria e a prática, analisando-se holística, contextual e compreensivamente, as circunstâncias que se ligam à pobreza (Padgett, 2020).

O reconhecimento e concretização dos direitos humanos traduz-se em investimentos em intervenções humanitárias, que asseguram a acessibilidade e estabilidade habitacional, reconhecendo as suas implicações ao nível de saúde física e mental (Ly & Latimer, 2015; Padgett, Henwood & Tsemberis, 2016, cit. por Padgett, 2020; Shats, 2014, cit. por Padgett, 2020).

Segundo Metzl e Hansen (2014, cit. por Padgett, 2020) a competência estrutural é a capacidade treinada do profissional, em reconhecer que os problemas dos seus pacientes, que são definidos clinicamente como atitudes, sintomas ou doenças, também representam implicações micro, que advêm de decisões macro, sobre acessibilidade habitacional, alimentar, de cuidados de saúde e de outros recursos de suporte (Metzl & Hansen, 2014, cit. por Padgett, 2020).

## **Modelo dos Serviços Tradicionais como Resposta à Existência de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo**

Os serviços de resposta ao fenómeno das situações de sem-abrigo são maioritariamente de resposta temporária e emergencial (Toro, et al., 1997), pouco contribuindo para a resolução do problema, de uma forma significativa e permanente (Instituto Segurança Social, 2005).

Os modelos tradicionais de resposta à população em situação de sem-abrigo, utilizam estratégias, como a institucionalização, a criação de refeitórios e albergues. Estes métodos não promovem a autonomização das pessoas. Por outro lado, mantêm o nível de dependência em relação aos serviços (de Sousa, & de Almeida, 2001).

Desde a década de 80, que o Modelo do continuum de cuidados tem sido aplicado. Este modelo baseia-se no nível de funcionamento da pessoa em situação de sem-abrigo, ditando que tipo de habitação temporária pode alcançar ou regredir (Nelson, 2010). Compreende as respostas de acolhimento de emergência e o fornecimento de habitação (Ornelas, 2008).

Os centros de alojamento temporário destinam-se a pessoas adultas carenciadas, de passagem, em situação de sem-abrigo ou em outro tipo de emergência social. São locais onde as pessoas estão por um tempo determinado, até que exista um encaminhamento para uma outra resposta social. Os seus principais objetivos são de responder às necessidades básicas de sobrevivência e procurar estabelecer um projeto de vida (Instituto da Segurança Social, 2009).

O Modelo Tradicional das respostas à situação de sem-abrigo preconiza que a pessoa em situação de sem-abrigo passe por, e cumpra, várias etapas, tipos de cuidado, e adquira competências, até que possa ter acesso a uma casa (Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020).

As intervenções que têm este modelo como base, objetivam que a pessoa alcance a saúde mental e / ou a reabilitação na área do consumo de substâncias e um estado de prontidão, primeiramente, antes de terem acesso a uma habitação (Fitzpatrick-Lewis, et al., 2011; Hwang, 2005, cit. por Petit, Loubiere, Vargas-Moniz, et al., 2018).

Os Serviços Tradicionais, em escada, dão primazia no tratamento dos problemas individuais, no sentido de fazer com que as pessoas os ultrapassem, para estar prontas para uma habitação, que, eventualmente, seria independente (Greenwood et al., 2019; Manning & Greenwood, 2019).

A intervenção dos profissionais procura a redução de danos, muitas vezes, através da coerção e do controlo (White 1998; Slade et al. 2014, cit. por Manning & Greenwood, 2019). A maior parte dos programas são congregados e supervisionam os residentes (Gulcur, Stefancic, Shinn, Tsemberis, & Fischer, 2003).

Os serviços decidem as necessidades de intervenção e apoio, sejam estas, de saúde mental, adições, entre outros. E os utilizadores dos serviços acatam com estas decisões sobre a intervenção, tendo que cumprir com as regras do programa, como por exemplo, horas de refeição, segregação por género e toque de recolher (Sahlin, 2005, cit. por Greenwood et al., 2019).

Neste modelo, as pessoas começam numa primeira escada, por exemplo, nos centros de acolhimento de emergência, progredindo para programas de habitação partilhada com vários tipos de apoio técnico, até poderem ter acesso a condições habitacionais independentes (Departamento da Habitação e do Desenvolvimento Urbano dos Estados Unidos da América, cit. por Gulcur, Stefancic, Shinn, Tsemberis, & Fischer, 2003).

O acesso às respostas habitacionais requer abstinência de álcool e outras drogas e acompanhamento terapêutico. Estes passos são vistos como necessários, para as pessoas “adquirirem capacidade de viverem de forma independente numa casa” (Gulcur, Stefancic, Shinn, Tsemberis, & Fischer, 2003).

Apesar do objetivo dos Serviços Tradicionais ser acabar com a existência de pessoas em situação de sem-abrigo, os utilizadores destes serviços demoram, em média, 10 anos para se emanciparem do tipo de arranjo habitacional oferecido pelo modelo (Feantsa & Fondation Abbe Pierre, 2018, citados por Greenwood, Manning, O’Shaughnessy, et al., 2020).

Uma grande parte das pessoas fica presa nos ciclos institucionais da situação de sem-abrigo, em hospitais e prisões (Hopper, Jost, Hay, Welber, & Haugland, 1997, citados por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020).

Os programas apontam para uma enorme dificuldade em envolver a população em situação de sem-abrigo nos Serviços Tradicionais (Asmussen, Romano, Beatty, Gasarch, & Shaughnessey, 1994; Bybee, Mowbray, & Cohen, 1994; Osher & Drake, 1996; Rowe, Hoge, & Fisk, 1998, cit. por Tsemberis, et. al, 2003).

## **Modelo Housing First como Resposta à Existência de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo**

A mudança inovadora nos serviços de apoio às pessoas em situação de sem-abrigo envolve inovação, refere-se à passagem dos modelos em escada, para os modelos Housing First, orientados para o recovery (Greenwood et al., 2013; Manning & Greenwood, 2019).

Apesar da adoção e disseminação dos modelos ser realizada por organizações e por níveis macro, os valores individuais, de cada profissional técnico, são importantes para a intervenção e mudanças que ocorrem nos serviços (Cunningham et al. 2018; Rogers 1995, cit. por Manning & Greenwood, 2019).

Em comparação com os Serviços Tradicionais, os participantes dos programas Housing First experienciam estes serviços de uma forma mais positiva. Note-se como estes dados foram reportados em sete países diferentes (Greenwood, Manning, O'Shaughnessy et al., 2020).

Considerando o aumento da estabilidade residencial, a redução de custos e o aumento da qualidade de vida de populações vulneráveis, o Housing First é uma mobilização de recursos mais eficaz, em vários contextos, para a resolução da existência de pessoas em situação de sem-abrigo, em comparação com os Serviços Tradicionais, em (Ly & Latimer, 2015; Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020; Ornelas, 2013; Padgett, Henwood & Tsemberis, 2016, cit. por Padgett, 2020).

Só com uma intervenção habitacional de caráter permanente e de apoio às necessidades específicas e concretas das pessoas, é possível quebrar o ciclo de reincidências das situações de sem-abrigo (de Sousa, & de Almeida, 2001).

Apesar da evidência sobre a eficácia do Housing First, este modelo ainda não foi disseminado de modo a que se chegasse ao seu potencial de extensão (Greenwood et al., 2013). Ainda ocorre um hiato na tradução do modelo na realidade prática (Le Boutillier et al. 2015, cit. por Manning & Greenwood, 2019).

De qualquer modo, há indícios de que existe potencial na transformação inovadora dos serviços em escada, para Housing First, através de normas, estruturas e sistemas que cultivem valores orientados para a pessoa e para o recovery, nos(nas) profissionais da linha da frente dos serviços (Manning & Greenwood, 2019).

## **Os Contributos da Ecologia para o Modelo Housing First**

A Psicologia Comunitária promoveu mudanças revolucionárias no campo da Saúde Mental e das Ciências Psicológicas, ao nível da prestação de serviços, formação dos profissionais e estratégias de intervenção e investigação, através da aplicação da Teoria Ecológica (Holahan, 1977). Saliente-se como esta teoria é um dos pilares da Psicologia Comunitária (Hawe, 2017).

Inspirando-se na ecologia do mundo natural, a Psicologia Comunitária aplicou o Pensamento Ecológico na compreensão do mundo social (Holahan, 1977), procurando compreender, como o(s) organismo(s) / entidades, animadas ou inanimadas, se relaciona(m) com o seu meio, de uma forma dinâmica e interdependente, trabalhando para o bem-estar e sustentabilidade (Hawe, 2017).

A intervenção comunitária de base ecológica é inovadora, pelo foco que existe nos recursos e forças da comunidade, no empoderamento e na valorização das experiências das pessoas. O objetivo da aplicação da Teoria Ecológica é uma mudança transformativa ou a manutenção de sistemas que promovam a inclusão e o bem-estar das pessoas e das comunidades (Hawe, 2017).

A Teoria Ecológica reconhece como a saúde e o bem-estar individual e comunitário são interdependentes das ligações entre o indivíduo e o contexto onde este se insere (Holahan, 1977; Rappaport, 1987).

Caracterizando-se por uma compreensão aprofundada e alargada da realidade, a tónica passa da patologia e da má-adaptação, para as capacidades de adaptação e resiliência, da pessoa, para o contexto (Holahan, 1977; Rappaport, 1987).

Para a análise e compreensão do contexto, importa a perceção do participante (Holahan & Spearly, 1980). Esta corrente de pensamento pressupõe que a interação cria subjetividade e significado(s), que podem ser passados ao longo do tempo, e que influenciam as pessoas e os contextos. Ou seja, existe uma valorização da subjetividade e da experiência vivida (Hawe, 2017).

Lewin (1939, citado por Hawe, 2017), ao desenvolver a Teoria da Ecologia Psicológica, defende que, ao identificar e avaliar as oportunidades e restrições dos ambientes em que as pessoas se inserem, se consegue chegar a uma compreensão mais precisa e eficaz dos indivíduos e/ou dos grupos.

A filosofia da Ecologia é aplicada aos indivíduos, procurando perceber-se como é que as pessoas, na sua diversidade de recursos, se adaptam aos contextos locais e às comunidades onde se encontram. Tal como as pessoas são complexas e multidimensionais, assim os contextos requerem e compõem-se por normas sociais e históricas culturais. A pessoa, naturalmente, irá deparar-se com estes fatores que podem ser protetores ou de risco para a inclusão da pessoa na comunidade (Trickett, 2009).

Ainda para mais, o Paradigma Ecológico segue determinados princípios. O primeiro princípio é o do Ciclo de Recursos: procura identificar-se os recursos existentes e a sua distribuição, ao longo do espaço e do tempo. Os recursos podem ser físicos e/ou simbólicos, contribuindo para a afirmação da identidade de diferentes grupos e para o reforço de determinadas regras. O segundo é o da Interdependência: as componentes do sistema criam ligações diretas e indiretas e, alterando-se uma destas componentes, ocorrerão mudanças em todo o sistema. O terceiro princípio é o da Adaptação: baseando-se na organização funcional do sistema e trabalhando para a sua melhoria. O último princípio é o da Sucessão: tem que ver com *timing* e com mudanças que ocorrem ao longo do tempo e da história (Hawe, 2017).

Para além disso, existe um foco nos *settings* comportamentais e de atividades pelos quais os contextos naturais são compostos. Os *settings* comportamentais representam a arquitetura ou as unidades básicas da vida do dia a dia. A interação dinâmica das pessoas cria padrões regulares de comportamento. Nestes sistemas ativos, organizados e auto-regulados, certos comportamentos são promovidos ou desencorajados. O *setting* de atividades é constituído pela combinação da experiência subjetiva, do comportamento e de características externas. Representa a unidade básica de análise nas intervenções comunitárias e o mais importante é como a pessoa experiencia o ambiente (Hawe, 2017).

O interesse está nas relações e interações de papéis que acontecem entre as pessoas, os profissionais, a legislação e os programas criados, numa perspetiva que compreende o tempo e relações benefício-custo (Rappaport, 1987).

Como os sistemas são de natureza dinâmica, é possível ocorrerem mudanças eficazes e com impacto, que se altere o *status quo*. A mudança do sistema é um processo intencional que altera as rotinas, as relações, os recursos, as políticas, as estruturas de poder e os valores. Neste sentido, as intervenções deverão afetar as redes

interativas entre a pessoa  $\times$  tempo  $\times$  lugar, e realizar-se de uma forma sistémica e situada (Foster-Fisherman, Nowell & Yang, 2007, cit. por Hawe, 2017).

Segundo Hawe (2017), a alteração do sistema pode ser feita através de várias estratégias, como:

- tendo uma abordagem multinível relativamente aos fatores; criando novos recursos;
- mudando a forma como o sistema foi criado;
- alterando o *mindset* que se tem em relação ao sistema; ou reforçando as relações já existentes.

Partindo da experiência subjetiva, das vozes resistentes das pessoas e, reconhecendo-se a multidimensionalidade das forças estruturais do contexto, cria-se um caminho em direção à mudança e à justiça social. Para além de ser um quadro teórico, o Modelo Ecológico é um conjunto de valores, um enquadramento único de olhar para o mundo. A valorização da subjetividade e o seu carácter colaborativo, contribuem para o aumento do impacto dos programas de intervenção (Hawe, 2017).

No que concerne ao papel dos/as Psicólogos/as Comunitários/as, este é o de ampliar a voz e a visibilidade das pessoas e das comunidades, construindo a ligação entre as comunidades, a sociedade civil, as instituições e o Estado. É importante existir uma sensibilidade cultural e atitudes autocríticas e de humildade, reconhecendo a complexidade e interdependência da realidade e das intervenções (Hawe, 2017).

As intervenções de base ecológica promovem a conexão das pessoas com os contextos sociais comunitários e procuram transformar esses contextos, em recursos que funcionam como suportes (Kelly, 2006). Através da natureza e da capacidade de adaptação das intervenções, as práticas ecológicas conseguem melhorar a qualidade de vida das comunidades (Holahan & Spearly, 1980).

Nesse sentido, o Programa Housing First tem uma intervenção ecológica, focando-se e adaptando-se, de uma forma flexível às experiências individuais e contextos onde a pessoa está inserida, facilitando o acesso aos recursos da comunidade ((Ly & Latimer, 2015; Martins, Ornelas, & Silva, 2016; Watson, Shuman, Kowalsky, Golembiewski, & Brown, 2017). Através da ligação com os contextos comunitários, as equipas técnicas procuram promover redes de suportes sociais (Ornelas, Martins, Zilhão & Duarte, 2014). Para além disso, há uma consciência sobre as relações que se

estabelecem entre níveis micro, meso, organizacional e macro, sendo a intervenção realizada no sentido de haver facilitação e sustentabilidade entre eles. Um dos principais focos é na integração comunitária (Tsemberis, 2010).

## **Integração Física e Acessibilidade aos Recursos**

A integração comunitária depende de oportunidades para se acederem a recursos, se desenvolverem redes sociais, se participarem em atividades que estão ligadas à comunidade e oportunidades para contribuir para a sociedade (Ornelas, 2008). As pessoas que participam em atividades comunitárias reportam maiores níveis de satisfação com a vida, constituindo esta participação uma oportunidade de interação com outros membros da comunidade. Simultaneamente, esta é uma oportunidade para a expansão de redes de suporte (Townley et al., 2009).

Relações naturais, de casualidade na comunidade - suportes informais e distais -, predizem a integração comunitária (Townley, Miller, and Kloos, 2013). Os inquilinos do Programa Casas Primeiro, que estiveram em situação de sem-abrigo, apontam para que as interações sociais que surgem, por habitarem num apartamento / casa, independente e integrada na comunidade, de uma forma permanente, permite sentir-se incluídos e aceites na sociedade (Ornelas, Martins, Zilhão, & Duarte, 2014).

A integração física diz respeito ao ponto em que os participantes se envolvem em atividades da comunidade e têm acesso a recursos, contribuindo para a melhoria das suas circunstâncias de vida.

Um exemplo de um desses recursos é a própria casa, que permite um sentimento de segurança, privacidade, possibilidade de guardar bens pessoais e comida (Ornelas, Martins, Zilhão, & Duarte, 2014). A habitação em vizinhanças / bairros integrados, com acesso a recursos comunitários diversificados, como transportes públicos, e outras infraestruturas - característica do Housing First -, associa-se a uma integração comunitária positiva (Hall et al, 1987; Parkinson et al, 1999, cit. por Ornelas, Martins, Zilhão, & Duarte, 2014).

Participantes do Housing First reportam que, quando estavam em situação de sem-abrigo, utilizavam frequentemente serviços de emergência social, banheiros públicos, centros de apoio alimentar, equipas de rua para redução de danos e outros serviços direcionados especificamente para pessoas nessa situação. Em contraposição, após integração no Programa Housing First, os inquilinos referem que utilizam os recursos da comunidade, equiparando-se à restante sociedade civil: centros de saúde,

serviços sociais locais, juntas de freguesia e outras organizações da comunidade. Esta mudança, na utilização de serviços gerais sociais e de saúde, representa uma transformação no sentido da integração comunitária (Ornelas, Martins, Zilhão, & Duarte, 2014).

Para além disto, quando as pessoas estavam em situação de sem-abrigo, apenas conseguiam satisfazer as suas necessidades mais básicas, de sobrevivência do dia a dia, o que as marginaliza ainda mais da vida na comunidade e de participar em atividades, até porque estão em situação de pobreza extrema. Nesse sentido, a habitação potenciou que as pessoas participassem em mais atividades e ambientes comunitários, como ir à igreja, ao café, participar em organizações desportivas e festividades da cidade, ou de uma forma geral, estar em ambientes onde se sentissem bem-vindos (Ornelas, Martins, Zilhão & Duarte, 2014).

As organizações, associações culturais, cívicas e políticas, as escolas, representam recursos que estão disponíveis para as pessoas poderem ter acesso a algum tipo de participação e experienciar crescimento pessoal, consciência crítica, estima, eficácia, conhecimento, informação e competências (Trickett, 2011, cit. por Jorge-Monteiro, 2015). Ainda para mais, sugere-se que as associações comunitárias promovem a justiça social e o recovery individual (Andresen, Oades, & Caputi, 2003; Kieffer, 1984; Rappaport & Simkins, 1991, cit. por Jorge-Monteiro, 2015).

O estudo de Ornelas, Martins, Zilhão e Duarte (2014), concluiu que uma habitação dispersa, independente e permanente, providenciada pelo Programa Casas Primeiro, foi um fator crítico para o acesso aos recursos, promovendo a participação na comunidade, diferenças dramáticas nas suas rotinas do dia a dia.

As pessoas que estavam em situação de sem-abrigo explicaram que preferiam viver um dia de cada vez, não pensando, nem criando expectativas sobre o futuro. Após a integração no Programa Casas Primeiro, começaram a focar-se no que fazer a seguir, e a ter um papel ativo nessa concretização de projetos pessoais, de forma a viver uma vida mais satisfatória, e a se sentirem mais concretizados. Alguns dos participantes voltaram a estudar e outros começaram a trabalhar (Ornelas, Martins, Zilhão & Duarte, 2014).

## **Housing First como Estratégia para Promoção de Saúde Mental**

O recovery da experiência de sem-abrigo é um processo pelo qual as pessoas são capazes de aprender, trabalhar, viver e participar de forma plena nas suas comunidades (Hogan, 2003). Sendo um processo individual, dependendo de pessoa para pessoa, envolve a mudança de “atitudes, valores, sentimentos, objetivos, competências e/ou papéis. É uma maneira de viver uma vida satisfatória e contributiva...” (Anthony, 1993, p. 15, cit. por Greenwood, Manning, O’Shaughnessy, et al., 2020).

Quando a pessoa com experiência de sem-abrigo está em recovery, re-ganha o acesso a todos os recursos do contexto dos quais possa querer usufruir, volta a fazer parte da comunidade, a ter papéis sociais relevantes, e a ter os seus direitos humanos e de cidadania reconhecidos e garantidos (Greenwood, Manning, O’Shaughnessy, et al., 2020).

Os métodos de avaliação do processo de recovery são os indicadores de recovery das pessoas com experiência crónica de sem-abrigo: a manutenção da habitação independente, a melhoria do estado da saúde mental, da estabilidade e do funcionamento mental e psiquiátrico, e a integração comunitária (Greenwood, Manning, O’Shaughnessy, et al., 2020).

A integração na comunidade representa a passagem para a participação ativa na comunidade e o desenvolvimento do sentimento de pertença, sendo um dos indicadores descritos como influenciando o recovery das pessoas com necessidades complexas relativas à saúde mental e adições e experiência de sem-abrigo (Gibson, D’Amico, Jaffe, & Arbesman, 2011; Manning & Greenwood, 2019b; Ware, Hopper, Tugenberg, Dickey, & Fisher, 2007, cit. por Greenwood, Manning, O’Shaughnessy, et al., 2020).

Os serviços orientados para o recovery valorizam os beneficiários, tendo uma visão de que as pessoas têm capacidades e forças, em detrimento de olharem para estas como casos com problemas a serem tratados (Farkas et al. 2005, cit. por Manning & Greenwood, 2019).

Saliente-se como o poder de escolha da pessoa sobre a habitação parece influenciar positivamente o tempo de permanência na habitação, e por isso, o indicador de manutenção habitacional (Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020).

Estudos norte-americanos também têm demonstrado como a escolha percebida se relaciona com a auto-determinação, que é um dos preditores do recovery e do bem-estar das pessoas em situação de sem-abrigo (Ng et al., 2012, cit. por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020).

Alterando o contexto em que se inserem, as pessoas voltam a ganhar controle sobre as suas vidas, o que significa que são empoderadas (Zimmerman, 1995, cit. por Martins, Ornelas, & Silva, 2016).

Em 1987, Rappaport avança com a definição do construto empoderamento: o controle que uma pessoa tem sobre a sua própria vida e sobre a sua participação na comunidade. A proposta é de que este conceito tem um sentido psicológico, o sentido que cada um dá sobre a sua influência, e um sentido real, de influência social, direitos legais e poder político (Rappaport, 1987).

Para além disso, oferecendo uma compreensão mais abrangente da realidade, o empoderamento é um conceito multidimensional, de natureza ecológica, traduzindo-se, de uma forma contextualizada em vários níveis, como o individual, organizacional, a nível da vizinhança / do bairro, politicamente, sociologicamente, económica e espiritualmente (Rappaport, 1987).

Nos processos de empoderamento é desenvolvido um autoconhecimento sobre a transformação que ocorreu, de um sentimento de impotência, para um envolvimento proativo, provando um comprometimento contínuo com a liderança. É um processo através do qual, as pessoas, as organizações e as comunidades ganham mestria sobre as suas vidas, podendo manifestar-se de variadas formas, dependendo do contexto. Ou seja, de uma forma dinâmica (Rappaport, 1987).

O empoderamento favorece o combate das desigualdades e da discriminação no acesso e na participação comunitária de muitos grupos (Rappaport, 1993; Rappaport & Simkins, 1991, cit. por Jorge-Monteiro, 2015).

A escolha da casa, a sua qualidade e a satisfação do inquilino são dimensões

com as quais os serviços podem realizar a sua intervenção, no sentido de empoderar as pessoas que estiveram em situação de sem-abrigo, e promover o envolvimento comunitário, de uma forma significativa e adaptativa (Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020).

Organizações empoderadoras criam oportunidades, atividades e espaços para as pessoas desenvolverem e/ou terem controlo sobre as suas próprias vidas. Por outro lado, organizações empoderadas promovem serviços alternativos, e que influenciam e informam decisões políticas (Zimmerman, 2000).

O papel do Psicólogo/a Comunitário/a é o de facilitar este processo, esta meta a atingir, apoiando as pessoas na identificação de obstáculos e estratégias para ultrapassar as dificuldades. Os processos de empoderamento podem-se ter iniciado antes do momento em que o técnico realiza a intervenção. Desenvolvem-se ao longo do tempo e de uma forma contínua (Cattaneo & Chapman, 2010).

Ao utilizar-se uma linguagem empoderadora, que tenta englobar toda a diversidade e possibilidades do contexto, há uma tomada de posição relativamente à intervenção. As ações são desenvolvidas em relação com as pessoas, com as leis, com os programas e com outros profissionais. Esta tomada de posição, simbólica, parte de pressupostos, que as pessoas têm o poder e capacidade de serem mestres das suas próprias vidas, e de participarem na vida comunitária. Representa uma visão sobre o mundo e é um fenómeno de interesse da área da Psicologia Comunitária (Rappaport, 1987).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) (citada por Cordier, Milbourn, Martin, Buchanan, Chung, & Speyer, 2017) compreende que a participação social é influenciada pelo empoderamento das comunidades. As pessoas têm papéis sociais e podem controlar questões e fatores chave que afetam o seu bem-estar. A nível individual, a participação social pode ser o envolvimento a prestar cuidados a nível familiar, como a crianças e idosos, e a fazer voluntariado, por exemplo, em organizações, formais e informais.

Segundo revisão sistemática de literatura, a integração psicossocial caracteriza-se por três dimensões: a participação, a conectividade e sentimento de pertença, e a cidadania (Cordier, Milbourn, Martin, Buchanan, Chung, & Speyer, 2017).

No que se relaciona com a participação, esta tem que ver com fatores económicos, espirituais e sociais. A participação económica abrange a procura ativa e autónoma de educação, formação e emprego, e a própria aquisição de emprego. A nível da espiritualidade, esta tem que ver com a participação em grupos, com quem existe partilha das mesmas crenças, e uma forma comum de adoração ou culto (Cordier et al., 2017).

A conectividade e o sentimento de pertença têm que ver com relações dentro de grupos sociais e com sentimentos de vinculação emocional, identificando-se normas sociais dentro de um grupo, por exemplo, a família, os amigos, os vizinhos e a comunidade mais alargada. O sentimento de pertença é uma necessidade fundamental humana, constituindo-se como uma variável emocional (Baumeister & Leary, 1995, cit. por Cordier et al., 2017). Ora, uma maneira de se promover o sentimento de pertença e conectividade é através da participação e envolvimento em organizações ou grupos comunitários (Lynch, 2007, cit. por Cordier et al., 2017). Por outro lado, reflita-se sobre como uma maior integração, requerer diversidade nas redes sociais, companheirismo, apoio moral e cuidados (Huxley, 2012, cit. por Cordier et al., 2017).

No que toca ao fator da cidadania, esta relaciona-se com questões políticas, de acesso aos serviços comunitários e de envolvimento na comunidade (Cordier, Milbourn, Martin, Buchanan, Chung, & Speyer, 2017). As pessoas, sendo membros de uma comunidade, têm direitos e deveres. Dependendo destas normas criadas, as pessoas, de acordo com as suas características, irão ser incluídas ou excluídas da sociedade (Isin, 2009, cit. por Cordier et al., 2017). A prática da cidadania faz-se através do envolvimento com a comunidade, através do acesso aos serviços da comunidade, do ativismo político e de atos de altruísmo (Cordier, Milbourn, Martin, Buchanan, Chung, & Speyer, 2017).

A Conferência Mundial para o Desenvolvimento Social (Nações Unidas, 1995, cit. por Cordier et al., 2017), concluiu que uma sociedade inclusiva, é uma em que cada indivíduo participa ativamente, para o cumprimento dos seus direitos e responsabilidades. Ou seja, o ativismo político é uma ferramenta que as pessoas têm para controlar as decisões que se prendem sobre os seus direitos e responsabilidades. Este patamar de ativismo político é alcançado através de um sentimento de confiança,

que surge de uma contribuição recíproca com uma rede de apoio (Bullen & Onyx, 1998, cit. por Cordier et al., 2017).

Os beneficiários dos Programas Housing First, que participaram no estudo de Greenwood, Manning, O'Shaughnessy e colaboradores (2020), demonstraram maiores níveis de integração na comunidade, comparativamente com beneficiários dos Serviços Tradicionais.

A integração comunitária engloba a integração física (acima explicitada), a integração social e a integração psicológica (Aubry et al, 2013; Wong and Solomon, 2002, cit. por Ornelas, Martins, Zilhão & Duarte, 2014). A integração social caracteriza-se pelas interações sociais que acontecem na comunidade, como por exemplo conversar com os vizinhos ou com a pessoa da mercearia. A integração psicológica tem que ver com um sentimento de pertença, com a percepção de que se é um membro válido da comunidade. Estes dois fatores, social e psicológico, são extremamente importantes, especialmente, para pessoas com experiência de sem-abrigo de longa duração, com experiência de doença mental, por experienciarem isolamento, rejeição, e não terem as mesmas oportunidades de se envolverem nas atividades comunitárias e de desenvolverem redes sociais (Nelson et al, 2005; Siegel et al, 2006;; Tsai and Rosenheck, 2012; Yanos et al, 2004, cit. por Ornelas, Martins, Zilhão, & Duarte, 2014; Townley et al, 2009).

A integração comunitária é fundamental para o recovery das pessoas que estão ou estiveram em situação de sem-abrigo, ao tornar possível oportunidades para a desconstrução de estereótipos, combate de estigmas e para o desenvolvimento/reganho de papéis e identidades valorizadas (Kirkpatrick & Byrne, 2009; Rhenter et al., 2018, cit. por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy et al., 2020).

De acordo com a literatura, apesar das habitações congregadas poderem promover o sentimento de comunidade das pessoas que estiveram em situação de sem-abrigo, em relação aos seus pares (Quilgars & Pleace, 2016, cit. por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy et al., 2020), habitações independentes baseadas na comunidade, facilitam a integração na comunidade mais abrangente (Shinn, 2015; Ware et al., 2007, cit. por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy et al., 2020).

O sentimento de comunidade e de bem-estar são construtos chave para o campo

da Psicologia Comunitária, sendo que estudos apontam para uma relação positiva entre estes conceitos (Stewart & Townley, 2020).

De acordo com a abordagem ecológica, as comunidades funcionam de modo a promover o bem-estar individual e a proteger as pessoas dos problemas e desafios que possam ter que enfrentar, de uma forma natural (Pretty, Bishop, Fisher, & Sonn, 2007, cit. por Stewart & Townley, 2020).

Segundo Sarason (1974, citado por Townley and Kloos, 2011) o sentimento de comunidade é a característica que define a vida comunitária. Pode referir-se a uma experiência individual da comunidade - sentimento psicológico de comunidade - ou a uma experiência coletiva de comunidade (Bess, Fisher, Sonn, & Bishop, 2002, cit. por Stewart e Townley, 2020).

O sentimento psicológico de comunidade traduz-se em a pessoa sentir que faz parte de uma rede de relações que estão disponíveis de uma forma acessível, e que se apoiam de uma forma mútua (Sarason, 1974, cit. por Stewart e Townley, 2020).

Existem diferentes visões no que toca à forma de compreender este conceito, abordando-o de uma forma estática ou processual, bipolar ou contínua, sendo que Pretty, Bishop, Fisher, e Sonn (2007, cit. por Stewart & Townley, 2020) apontam para a necessidade de se continuarem os estudos futuros, no sentido de se chegar a uma compreensão mais profunda sobre como estas variáveis se relacionam.

Por outro lado, os estudos apontam para que as características psicossociais das vizinhanças / dos bairros têm impacto no sentimento de comunidade das pessoas (Townley & Kloos, 2011). Ambientes comunitários, percecionados como tolerantes e inclusivos, permitem o melhor funcionamento das pessoas, tenham estas diagnósticos de experiência de doença mental ou não (Newman et al. 1994; Wong and Solomon 2002, cit. por Townley and Kloos, 2011).

No estudo de Townley e Kloos (2011), os resultados sugerem que existem dimensões que explicam a variabilidade e promovem o sentimento de comunidade: as experiências da vizinhança - a satisfação com e segurança na vizinhança / bairro, e as relações com vizinhos

Este sentimento está associado a vários resultados funcionais individuais: a duração e estabilidade da residência (Perkins et al. 1990, cit. por Townley and Kloos, 2011); a satisfação com a vida (Prezza et al. 2001, cit. por Townley and Kloos, 2011); os sintomas de saúde/doença mental (Ellaway et al. 2001, cit. por Townley and Kloos, 2011) e a segurança (Ziersch et al. 2005, cit. por Townley and Kloos, 2011). E também a resultados sociais: como a vizinhança e o controlo social informal (Perkins et al. 1990, cit. por Townley and Kloos, 2011); a participação política e o envolvimento comunitário (Hughey et al. 1999, cit. por Townley and Kloos, 2011).

Assim, os investigadores, os profissionais e os serviços devem guiar as suas intervenções no sentido de promover relações positivas entre os seus consumidores e as suas vizinhanças, tomando medidas para aumentar a segurança no bairro e criando medidas de promoção da satisfação com os bairros (Townley and Kloos, 2011).

Em conclusão, conseguimos perceber a complexidade do fenómeno da existência de pessoas em situação de sem-abrigo, que se pode enquadrar e analisar de acordo com fatores de vários níveis, desde micro, organizacional até ao macro. Reconhecemos, a partir de evidências científicas e declarações nacionais e internacionais, o valor e os resultados da aplicação do Programa Housing First, que salvaguarda a concretização do direito humano à habitação, trabalhando com e a partir das necessidades e objetivos diversificados e específicos das pessoas. A habitação e o apoio técnico representam o ponto base para o desenvolvimento de processos de empoderamento, recovery e integração psicossocial, nas suas múltiplas dimensões, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e justa.

## **Método**

### **Contextualização do estudo**

A presente investigação foi realizada no sentido de obtenção de grau de mestre em Psicologia Comunitária no ISPA-IU. Por estar inserida como técnica de apoio psicossocial no Programa Casas Primeiro da Associação para o Estudo e Integração Psicossocial - AEIPS-, decidi conduzir um estudo neste contexto, facilitando o meu processo de gestão de recursos e tempo, e aprofundando o meu conhecimento na área da investigação, especificamente sobre as experiências das pessoas em situação de sem-abrigo.

### **Objetivos e Questões de Investigação**

O principal objetivo do presente trabalho é procurar compreender o que é um dia típico, quais são os percursos realizados, por uma pessoa integrada no Programa Housing First - Casas Primeiro, anteriormente com experiência de situação de sem-abrigo.

Por outro lado, procuramos compreender se existem diferenças na utilização do espaço pelas pessoas que estavam em situação de sem-abrigo, atualmente participantes do Programa Casas Primeiro.

*Questão de investigação 1:* O que são dias típicos / habituais / normais para as pessoas integradas no Programa Housing First?

*Questão de investigação 2:* Que recursos é que os(as) inquilinos(as) estão a utilizar após a integração no Programa?

*Questão de investigação 3:* Em que medida é que as pessoas inquilinas do Programa Housing First se sentem integradas nas suas comunidades / bairros / vizinhanças?

*Questão de investigação 4:* O que é que os(as) inquilinos(as) consideram mais importante / transformador na sua experiência no programa Housing First?

*Questão de investigação 5:* Quais são as suas perspetivas das pessoas integrantes em Housing First relativamente ao futuro? Existem esperanças e / ou aspirações?

## Medidas

Para a resposta a estes objetivos e questões de investigação, utilizamos uma metodologia mista, qualitativa-quantitativa, integrando estes dois métodos, em simultâneo (Tashakkori & Creswell, 2007). Para a compreensão de fenómenos psicológicos, em contextos diferentes, este método é fundamental (Bartholomew & Brown, 2012).

Os métodos qualitativos dão “voz” e visibilidade aos participantes e às suas experiências (Rappaport, 1995). Foi nesse sentido, que os utilizámos, seguindo o paradigma ecológico, e de forma a enriquecer a investigação, valorizando a(s) subjetividade(s), da(s) experiência(s) (Hawe, 2017), e notando a importância da perceção do participante, para a compreensão do contexto (Holahan & Spearly, 1980).

Para além das entrevistas semi-estruturadas longitudinais em profundidade, recorreu-se à análise temática das mesmas. Isto permitiu que se desenvolvessem conversas de uma forma natural e contextualizada, em que os participantes, espontaneamente e de forma fluida, partilhassem informação, e que conseguíssemos organizar estes dados de uma forma estruturada. Ainda para mais, esta natureza flexível dos métodos qualitativos, possibilita aos participantes que introduzam e desenvolvam outros assuntos, que considerem pertinentes, e ao investigador, que reforce ou esclareça pontos ao longo do discurso (Kloos, & Townley, 2011).

Utilizamos entrevistas semi-estruturadas, longitudinais, procurando explorar em profundidade as experiências dos(as) inquilinos(as), durante uma semana, os temas suscitados, a natureza dos recursos utilizados, e se existem padrões de atividades ao longo deste tempo.

No que diz respeito a esta metodologia empírica, começámos por criar um guião de entrevista exploratório. Este guião baseou-se na recolha de dados biográficos e numa entrevista semi-estruturada. A nível da entrevista semi-estruturada, os temas das perguntas incidiram sobre as experiências dos(as) inquilinos(as) nas suas rotinas do dia a dia, de segunda a domingo, qual foi o seu percurso, os serviços utilizados, as emoções sentidas nesses caminhos e qual a diferença dessa rotina e desses percursos, comparando quando estavam em situação de sem-abrigo. Perguntou-se também sobre

como era um dia típico quando estava em situação de sem-abrigo, se as suas rotinas eram muito diferentes.

Ao nível das rotinas relatadas pelos participantes, procurámos utilizar uma abordagem de investigação-ação participativa (Foster Fishman, Nowell, Deacon, Nievar & McCann, 2005; Wallerstein & Duran, 2006; Wang & Burris, 1994, citados por Langhout, Fernández, Wyldbore e Savala, 2016), promovendo o envolvimento e colaboração dos investigadores e dos membros da comunidade, no decorrer do processo de investigação, e pela valorização de vários tipos de conhecimento - tanto o científico, como o da experiência vivida (Fals Borda, 1987, cit. por Langhout, Fernández, Wyldbore e Savala, 2016). Nesse sentido, imprimimos mapas, para em conjunto com a pessoa, identificarmos e criarmos linhas de percurso realizado, desenhando em papel e caneta, de forma a termos uma descrição e compreensão imagética.

Para além disto, de maneira a organizar, estruturar e medir alguma da informação obtida, nomeadamente descrição dos níveis de satisfação e segurança, utilizou-se também metodologia quantitativa (Marôco, 2007).

Servimo-nos de uma avaliação quantitativa, em que se procurou compreender e medir os níveis de satisfação das pessoas com a localização da habitação, com as condições / qualidade da habitação, com o ambiente da vizinhança, com os vizinhos, e o nível de segurança sentido na habitação.

Colocaram-se perguntas finais, de natureza qualitativa, procurando explorar se o(a) participante tinha contactos frequentes ou amizade com os(as) seus(suas) vizinhos(as), se se sentia bem-vindo(a) no seu bairro, se se sentia mais seguro na sua casa, comparando quando estava em situação de sem-abrigo, se houve alguma mudança a nível da saúde mental e física quando integrou a casa, se se sentia discriminado quando estava em situação de sem-abrigo, se atualmente sentia algum tipo de discriminação no seu bairro, se sentia que fazia parte / estava integrado no seu bairro e comunidade, se quando estava em situação de sem-abrigo sentia que fazia parte / estava integrado no seu bairro e na sua comunidade, o que considerava mais transformador / importante na sua experiência no Programa Casas Primeiro, e quais eram as suas

perspetivas relativamente ao futuro, se tinha alguma esperança e / ou algumas aspirações.

### **Amostra**

Para a realização de uma investigação, dependendo dos objetivos e tipos do estudo, é necessário que se sigam regras, nomeadamente de seleção de subgrupos da população - processo de amostragem -, originando-se a amostra (Marôco, 2011).

O total numérico da amostra varia de acordo com o tipo de investigação, com a variância e com o grau de precisão desejado. A amostra pode constituir-se por toda a população ou por um grupo representativo desta (Marôco, 2007).

A amostragem intencional / por julgamento define-se pela escolha deliberada dos participantes, em que os(as) investigadores(as), de uma forma não probabilística, criam uma amostra com propriedades previamente selecionadas, como pode ser o grau de conhecimento relativamente ao tema em estudo. Esta estratégia não requer nenhum número específico de participantes, e nem de teoria subjacente (Etikan, Musa & Alkassim, 2016).

A amostragem por conveniência faz parte da tipologia de amostragem não probabilística, não aleatória, em que os participantes do estudo cumprem certos requisitos, como serem facilmente acessíveis, estarem próximos geograficamente, disponíveis num certo momento, ou tenham a vontade de participar na investigação (Etikan, Musa & Alkassim, 2016).

Os(as) participantes foram selecionados(as), por serem integrantes do Programa Casas Primeiro, acessíveis e disponíveis ao longo do tempo, com vontade de participar, sendo especialistas nas experiências de situação de sem-abrigo e integração em Housing First. A presente investigação é de carácter intencional, por conveniência (Etikan, Musa & Alkassim, 2016; Marôco, 2007).

### **Procedimentos**

A nível metodológico, para a construção desta tese de mestrado, procedemos, primeiramente, a uma revisão de literatura e exploração dos temas e conceitos, através

da utilização de Plataformas de Pesquisa Bibliográfica, como a PsychInfo e a Google Scholar, e de Plataforma de Pesquisa, como a Google.

Procurámos artigos e livros, com data de publicação desde 2015 até ao presente ano de 2022, especificando a busca através de artigos que tenham utilizado metodologias de revisão de literatura, revisão sistemática, meta-análise e meta-síntese. As palavras chave utilizadas nestas Plataformas foram *homeless, housing first, housing, tradicional services, centros de acolhimento, ecology, recovery, empowerment, sense of community, community services, community mental health, intervention, integration, social inclusion, social environments, visual mapping, Geographic Information System, mixed methods, transcription in verbatim, social regularities*. Chegou-se a um total de 62 resultados na Plataforma PsycInfo. A escolha da relevância dos artigos foi realizada com base na pertinência dos títulos e dos abstracts. Realizámos também pesquisas subsequentes através das Plataformas Google e Google Scholar, chegando a um total de 71 referências bibliográficas: 1 peça legislativas, 1 ata, 1 guião, 5 livros, 1 tese de doutoramento, 2 tese de mestrado, 11 websites e 57 artigos científicos.

Após a criação do guião semi-estruturado das entrevistas e de um consentimento informado, os(as) participantes foram convidados a colaborar de uma forma voluntária na presente investigação, em que se explicitou a natureza e os objetivos do estudo. Preencheu-se conjuntamente o consentimento informado, clarificando as condições de confidencialidade dos dados e explicitando a dimensão longitudinal do mesmo. Este compromisso de esforço foi recompensado pelo ganho de 3 vouchers, entregues em momentos diferentes das entrevistas, no início, a meio e no final.

A recolha de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas gravadas e aplicadas, presencialmente, num local à escolha dos/das participantes. As entrevistas foram gravadas via áudio e garantimos a proteção do conteúdo das entrevistas, através da destruição de gravações dentro do prazo de 1 ano. O guião contou com recolha de dados biográficos, entrevista semi-estruturada e perguntas finais. Adicionalmente, no que se refere à exploração das rotinas e dos percursos dos participantes, fomos, em conjunto, identificando, marcando e desenhando num mapa da cidade de Lisboa, os movimentos geográficos das pessoas. Posteriormente,

sobrepuosmos os mapas criados, no sentido de vermos o conjunto da semana, numa imagem.

Após a aplicação das entrevistas, procedeu-se às transcrições das mesmas, para uma base de suporte digital. A transcrição é o processo através do qual se transformam as palavras ouvidas, como as que foram gravadas nas entrevistas, em texto escrito (Halcomb & Davidson, 2006). Neste sentido, o nosso objetivo foi realizar uma descrição e comparação dos dados qualitativos, e uma análise dos valores das médias e das frequências obtidas através dos dados quantitativos, de forma a procura regularidade(s) no contexto.

Foram realizadas 23 entrevistas num todo, aplicadas desde 28 de junho de 2022 a 17 de agosto de 2022. Existiram entre 4 a 5 momentos diferentes de entrevista, por cada pessoa, o que se traduz num volume total de 6 horas de gravação áudio, uma média total de 1h30 por cada pessoa. A duração média das entrevistas individuais foi de 14 minutos e 96 segundos por entrevista. A entrevista mais curta teve a duração de 2 minutos e 11 segundos. A mais longa demorou 33 minutos e 10 segundos. Estes dados traduziram-se em 15 horas de transcrição em verbatim.

### **Estratégia de Análise de Dados**

A transcrição é o processo através do qual se transformam as palavras ouvidas, como as que foram gravadas nas entrevistas, em texto escrito (Halcomb & Davidson, 2006). Primeiramente, transcreveram-se as entrevistas para uma base digital. O método de transcrição utilizado foi a transcrição em *verbatim*, que consiste numa reprodução fidedigna do conteúdo áudio, sendo este visto como uma materialização indubitavelmente verdadeira da entrevista (Poland, 1995).

Procurou realizar-se uma descrição qualitativa e quantitativa dos dados biográficos (Mâroco, 2007).

No que se refere aos dados obtidos através das entrevistas semi-estruturadas, estes foram analisados segundo o método da análise temática, que procura, de uma forma holística e em detalhe, identificar, analisar e salientar padrões (Braun & Clarke, 2006).

Após a transcrição das entrevistas, a estratégia foi criar uma tabela, de modo a identificar e salientar os temas e categorias que emergiram da nossa análise, ao longo dos dias da semana. De forma a alcançar categorias temáticas, utilizámos o método da análise temática. Um tema captura algo importante sobre os dados, em relação às questões de investigação, representando algum nível de respostas padronizadas ou com algum tipo de significado, ao longo dos dados. Sendo este um método de natureza qualitativa, não existe uma proporção certa nem errada de quantidade de dados, apenas de surgimento e prevalência como tema, para ser considerado. Idealmente, o(s) tema(s) aparecerá(ão) ao longo dos dados (Braun & Clarke, 2006).

No que se refere às perguntas sobre níveis de satisfação, procedeu-se a uma análise mista, quantitativa, procurando perceber os valores médios, e qualitativa, de modo a informar os resultados anteriores.

Os dados biográficos foram descritos numa tabela descritiva, com citações retiradas da entrevista. Ao nível das rotinas e dos percursos que foram relatados nas entrevistas, desenvolvemos a sobreposição dos mapas criados, de forma a termos uma descrição e compreensão imagética sobre esses temas.

## Resultados

### Resultados Sociodemográficos

A amostra deste estudo foi composta por 5 participantes inquilinos(as) do Programa Casas Primeiro - Housing First, da Associação para o Estudo e Integração Psicossocial (n=5). Duas participantes eram do sexo feminino e três do sexo masculino, sendo as suas idades compreendidas entre os 40 e os 60 anos, com uma média de idades 52 anos. O número de anos de experiência de situação de sem-abrigo, variou entre 1 e 15 anos, sendo a média de 7 anos. Todos os participantes estavam há pelo menos 1 ano do Programa Casas Primeiro.

Não se encontrou diferenças de género, porque não se perguntou diretamente essa informação. O objetivo era uma análise exploratória de fatores descritivos comuns.

Na Figura 1, observa-se a dispersão e localização geográfica das habitações dos(as) inquilinos(as).

Nas Tabelas 2 e 3, é possível observar pormenorizadamente todos os resultados sociodemográficos obtidos, relativamente aos(as) participantes desta investigação.

Na Tabela 4, observa-se os resultados obtidos, no que toca às perguntas finais do guião de entrevista. No que se refere à avaliação de natureza quantitativa, como podemos verificar por esta tabela, numa escala de 1 a 5, em que 1 é Totalmente Insatisfeito, e 5 é Totalmente Satisfeito, os resultados foram:

- Satisfação com localização: média total de 3.2, correspondendo a classificação de Satisfeitos(as).
- Satisfação com condições / qualidade da casa: média total de 3.6, correspondendo a classificação entre Satisfeitos(as) e Muito Satisfeitos(as).
- Satisfação com o ambiente da vizinhança: média total de 3, correspondendo a classificação de Satisfeitos(as).
- Satisfação com os vizinhos: média total de 4.4, correspondendo a classificação de Muito Satisfeitos(as).

- Sentimento de segurança na casa: 4.4, correspondendo a classificação de Muito Satisfeitos(as).

A Tabela 4 oferece os testemunhos dos(as) participantes, contextualizando a interpretação destes dados quantitativos. Pois se, por exemplo, o Participante 1 se sente totalmente satisfeito com os vizinhos:

P1: Pode pôr 5, que eu não quero ter conversas com eles... quanto menos falar ali... com as pessoas, melhor para mim (...) Não quero falar ali com ninguém e ponto final. (...) Porque, depois vêm perguntas... que eu não tenho nada que responder a essas perguntas... (...) Eles fazem a vida deles e eu faço a minha.

Nas Figuras 2, 3, 4, 5 e 6, observam-se os mapas desenhados colaborativamente, que demonstram a amplitude dos percursos dos(as) inquilinos(as), ao longo dos dias da semana, de segunda a sexta feira. Os dias estão legendados, dias habituais ou atípicos, de acordo com a classificação dos participantes.

**Figura 2**



*Dispersão e Localização Geográfica das Habitações dos(as) Inquilinos(as)*

**Tabela 1***Resultados Sociodemográficos da Amostra (1)*

Identificação	Idade	Género	Habilitações Literárias	Empregado(a) / Desempregado(a) / Ocupação	Rendimentos / Apoios Sociais	Pacote televisão e / ou internet	Telemóvel	Anos de experiência de SSA	Tempo no Programa CP a viver na casa	Área da habitação	Passo / Passo social
<i>NS (P1)</i>	40	M	1o Ciclo = 4a Ano, 6o Ano incompleto	Desempregado; Trabalhador informal, por biscates; Inscrito em Formação, à espera de iniciar.	RSI = 189,66 euros	Pacote televisão sem internet	Sim	6 anos = 1 ano de rua e 5 anos em Instituições	Há mais de 1 ano, desde agosto de 2021	Freguesia de Santa Maria Maior	Passo social+ = Navegante Lisboa
<i>MR (P2)</i>	60	M	3o Ciclo = 9o Ano	Desempregado; Trabalhador informal, por biscates	RSI = 189,66 euros	Pacote televisão sem internet	Sim	15 anos	Há mais de 1 ano, desde maio de 2021	Freguesia da Estrela; mudou para Campolide	Passo social+ = Metropolitano Lisboa
<i>PA (P3)</i>	60	M	2o Ciclo = 6o Ano	Desempregado; A frequentar Formação do IEFP.	RSI = 189,66 euros + Bolsa da Formação do IEFP (subsídio bolsa; subsídio transportes; subsídio alimentação)	Televisão TDT, internet não	Sim	10 anos	Há mais de 1 ano, desde abril de 2021	Freguesia de Arroios	Passo social+ = Navegante Lisboa

<i>LV (P4)</i>	49	F	2o Ciclo = 6o Ano	Desempregada; À procura de Formação em várias entidades.	RSI = 189,66 euros + PSI = 100 euros	Pacote de televisão e internet	Sim	1 ano = 2 dias na rua, 4 meses Albergue Ponto de Luz e 5 dias num quarto	Há mais de 1 ano, desde maio de 2021	Freguesia de São Vicente de Fora	Passes social + = Metropolitano Lisboa
					RSI conjunto com companheiro = 310 euros; Bolsa Formação do IEFP (bolsa formação FPCT;						
<i>PP (P5)</i>	54	F	Secundário = 12o Ano; com frequência até ao 4o Ano na Universidade de Direito	A frequentar estágio em contexto laboral, parte de Formação da AEIPS - IEFP.	subsídio transportes; subsídio alimentação)	Pacote de televisão e internet.	Sim.	3 anos = rua e Pousada da juventude	Há mais de 1 ano, desde abril de 2021	Freguesia de Alcântara	Passes social + = Metropolitano

**Tabela 2***Resultados Sociodemográficos da Amostra (2)*

Identificação	Idade	Gênero	Saúde física e / ou mental	Comorbilidades e Mobilidade	Questões de saúde já estavam presentes quando estava SSA? Surgiram nesse tempo? Ou depois?	Após ter saído da SSA, surgiram outras questões de saúde?	É acompanhado em algum serviço de saúde? Desde quando?
<i>NS (P1)</i>	40	M	Dermatologia, "Pois, mas eu nem sei... Não sei o que é isso... Às vezes aparece, outras vezes não aparece, a Doutora não explicou bem a situação."	Influência na gestão do dinheiro	"este problema de pele, apanhei-o lá, na instituição."	"Não, isso manteve-se igual."	Centro Saúde Lapa = tem médica de família, desde sempre. Consulta de Alcoologia e Psicologia na Unidade de Alcoologia do CHPL, há mais de 7 anos.
<i>MR (P2)</i>	60	M	"De saúde física está tudo bem, graças a Deus. E mental, por enquanto ainda está tudo bem."	Não aplicável	Em SSA: "Sim, tive uma hepatite C. C não, B. Mas que da qual já estou curado."	"Não senhora, até hoje graças a Deus."	Foi acompanhado devido à Hepatite B no Hospital Curry Cabral; Centro de Saúde Sofia Abecassiz, desde 2008; Foi acompanhado no CHPL em Alcoologia

<i>PA (P3)</i>	60	M	"Tenho dores" (corporais); "Coluna vertebral. Isto já é, é hereditário."	"Eu tenho alturas e épocas, que também tem a ver com o, com o, com o clima, com o Inverno, que é pior. Tem a ver também com fases lunares."	(Antes) = "Calculo que sim, foi na altura ainda do escudo."	"Eu julgo que são as mesmas."	Desde 2018, inscrição no centro de saúde da Lapa.
<i>LV (P4)</i>	49	F	"A nível de saúde eu tenho um problema de tiróide, tiróide titânio e tenho psicose orgânica."	"Não, não têm nenhuma."	"já nasci com o problema da tiróide e a psicose orgânica, começou aos vinte e três anos."	"Tinha aquelas pontadas no lado esquerdo."; "No lado esquerdo, não se é coração, sei que é no lado esquerdo. Já estava com vocês quando comecei a sentir."; "Disse que podia ser uma dor muscular. O mesmo que diz a minha médica de, de família mas não é concreto que seja isso, concreto é que eu tenho alguma coisa no lado esquerdo que me faz isso. Só numa consulta de cárdio é que eu vou descobrir isso."	É acompanhada no CHPL, devido à psicose e médico prescreveu medicação relativamente ao coração; Acompanhada no Hospital Beatriz Ângelo e tem médica família Posto Médico de Loures; Acompanhada no Curry Cabral devido à tiroide.

<i>PP (P5)</i>	54	F	<p>Saúde física: "Agora estou a ter problemas de saúde. De visão especialmente e cardíacos."; Saúde mental: "Sim, porque estava numa fase em que ia transitar de uma formação para outra, não estava a gostar da anterior e estava-me a sentir muito insegura e desmotivada, pronto é isso.", "Não, sou seguida na psicóloga", "até a nível familiar, de questões que eu tenho. De pessoas que me deixaram de falar, não sei porquê."</p>	<p>"Às vezes têm, especialmente porque eu me canso muito, porque as pulsações estão muito elevadas e eu sinto muito cansaço."</p>	<p>"Não. A de visão talvez já tivesse alguns problemas"</p>	<p>"esta parte de problemas cardíacos, eu comecei a ter, não sei mas foi depois de eu ter covid que comecei a ter os problemas."</p>	<p>Oftalmologia = Hospital da Cruz Vermelha; Psicologia, Estomatologia e Nutrição = SCML. Há mais de um ano.</p>
----------------	----	---	---	---	---	--	--

**Tabela 3***Resultados Sociodemográficos da Amostra (3)*

Identificação	Idade	Gênero	Tem neste momento alguma experiência de consumos de substâncias?	Considera que os consumos tiveram alguma influência para ficar em SSA?	Na altura em que estava em SSA desenvolveu algum consumo?	Qual a sua relação com os consumos? O que pensa sobre isso?
<i>NS (P1)</i>	40	M	"Álcool."; "Só e chega."	"já acontecia antes."	"já acontecia antes."	"É um vício muito mau."; "Depois, o que se conquista hoje, se fôr beber, amanhã perco logo outra vez. Por isso, acho que não vale a pena."
<i>MR (P2)</i>	60	M	"Já fui um alcoólico completo, agora neste momento estou a zero."	"Não, surgiu antes porque como eu sou do Norte, as coisas lá é eu têm por hábito consumir-se álcool e depois em Lisboa, em situação de sem-abrigo, continua-se."	"Não, surgiu antes porque como eu sou do Norte, as coisas lá é eu têm por hábito consumir-se álcool e depois em Lisboa, em situação de sem-abrigo, continua-se."	"Já não consumo para aí há mais de seis meses."; "Graças à força de vontade que eu tenho e que tive, e a ajuda que tive."; "O excesso dá cabo da saúde e dá cabo de tudo."  "Eu diria que o vício é quase como o irmão da fome. Portanto, uma pessoa sente, sente necessidade."; "Eu no meu caso já reduzi para metade, praticamente."; "portanto, re,re, reduz-se o gas, o gasto em dinheiro e reduz-se também o gasto na saúde."
<i>PA (P3)</i>	60	M	"Não, tabaco, só."	Não aplicável	Não, já fumava antes.	

<i>LV (P4)</i>	49	F	"Não, não consumo nada, não tenho consumos."	Não aplicável	"Não, nunca, nunca. Graças a Deus a educação que os meus pais, os meus pais que me criaram foi o suficiente para eu nunca vir a ter nenhuns consumos na vida."	"acho que é importante porque é saúde."
<i>PP (P5)</i>	54	F	"Não, eu de vez em quando bebo uma cerveja, gosto de beber um copo de vinho ao jantar, por exemplo, mas não tenho outro tipo de consumos."	Não aplicável	Não aplicável	"Porque no fundo dos consumos está sempre um problema qualquer adjacente, acho eu."; "Alguma coisa que estará mal na vida das pessoas. Muitos não trabalham, muitos não têm nada para fazer, a maioria."

**Tabela 4***Resultados Perguntas Finais da Entrevista (1)*

Identificação	Satisfação com localização	Satisfação com condições / qualidade da casa	Satisfação com ambiente da vizinhança	Satisfação com os vizinhos	Sentimento de segurança na casa
P1	1 = "Para mim é zero." "-Pelo ambiente, só e mais nada."; "É muita droga, é muita droga, é muita mistura de pessoas, tudo à mistura."	4 = "Que eu queria lá ter uma máquina de lavar, e não consigo."; "Mas eu gosto da casa, atenção. Gosto da casa."	1 = "-Não há respeito, não há respeito nenhum por ninguém ali."; "Porque há bairros e bairros."	5 = "Pode pôr 5, que eu não quero ter conversas com eles... quanto menos falar ali... com as pessoas, melhor para mim..."; "Não quero falar ali com ninguém e ponto final."; "Porque, depois vêm perguntas... que eu não tenho nada que responder a essas perguntas..."; ""Eles fazem a vida deles e eu faço a minha"	4 = "Tenho-me sentido seguro, porque não tem havido problema nenhum, mas pode haver..."; "Com o vidro assim, nunca se sabe. Que ali há muitos malucos, não é?"

T0\_5 ; T1\_4 = "dou uma nota 5 à antiga, porque já tinha... alterado a residência, habituado. Aqui, um prédio maior, enorme, vou dar nota 4, porque é um prédio que tem... porteiros, muito bem, mas ainda não conheço bem as pessoas, que às vezes é, saem de manhã, só entram à noite, hum, outras vezes saem à hora de almoço, só entram à noite, portanto, vou dar nota 4."

T0\_5 = "É nota 5, para eles";  
T1\_4 = "estes vizinhos chegam aqui, entram, bom dia, boa tarde. Não temos assim grandes conversas. Enquanto lá, era sair da minha casa, na rua, era logo as pessoas, uma confusão. Aqui, é tudo como pessoas como eu de conversa."

T0\_5 ; T1\_5 = "Pela razão que já disse, tenho 2 porteiros, dois por dia, portanto, um até à meia noite"

T0\_4 = "dou ponto, ponto 4"; T1\_5 = "Tenho mais... ar puro, tou mais perto do pulmão de Lisboa, que é a floresta do Monsanto."

T0\_4 = "A anterior nota 4" ;  
T1\_5 = "Nota 5."

P2

4 = "Aqui tenho acesso direto a quase os transportes todos. Pois, quer dizer, sem os barcos e o comboio. Todos os que necessito. De momento."

4 = "São boas."; "Muito boas era se fosse tudo em cimento. Ou assim,... era mais perfeito."

3 = "Normal."; "É indiferente."

4 = "É que também não os conheço bem (...) nunca falei com eles."

4 = "Sim."

P3

P4	1 = "Não gosto da zona"	1 = "Eu não gosto da casa porque não tem poliban, é banheira. Porque não tem um cadeirão grande na sala e porque a cama está, ... ocupa quase o quarto todo."	3 = "É porque ninguém faz mal a ninguém. A pessoa vem à noite, vem à hora que vem, entra na sua casa, não há... não há incómodos."	5 = "São excelentes. Nunca me incomodaram."; "São boas pessoas. Quando me veem, cumprimentam."	5 = "Sim, é uma casa. Só eu é que estou na casa. Fecho a porta, à chave e estou segura."
P5	5 = "Isso é 5. Porque eu sempre, ... eu nasci em Alcântara, por isso... Conheço muita gente em Alcântara. Conheço os cantos à casa!"	4 = " Vou-lhe dar um 4, não lhe vou dar um 5. Por causa destes problemas que têm surgido, pronto. Mas, de resto, estou satisfeítíssima."	4 = "a gente cumprimenta-se: "Boa tarde!". Eu falo aí com os velhotes todos da rua. Venho no autocarro com os velhotes. Aquilo é uma paródia, porque aquilo parece uma família. É muito engraçado."; "Só não gosto é daquela parte lá em baixo."; "Não sei, é a malta que passa ali"	4 = " Eu praticamente não os vejo (...) Mas são simpáticos."; "Não é assim uma coisa que me interesse muito."; "Cada um com a sua vida."	4 = " É a questão da porta, que é muito frágil. E agora tem havido para aqui assaltos."; "Aquilo com um pontapé, entram cá dentro."

---

**Tabela 5***Resultados Perguntas Finais da Entrevista (2)*

Identificação	Tem contactos frequentes ou amizade com vizinhos/as	Sente-se bem-vindo/a no seu bairro	Sente-se mais seguro/a em casa do que quando estava em SSA	Sente que houve alguma melhoria a nível da saúde mental e física desde que integrou a casa?	Sentia-se discriminado/a quando estava em SSA?	Atualmente, sente algum tipo de discriminação no seu bairro?
P1	"Isso foi ao início. "; "até porque a senhora de lá de cima, já me ajudou várias vezes. Mas pronto, passou-se aquilo. E eles até passaram por mim lá em baixo no Martim Moniz e não me falaram. Se não me falaram, é porque não querem falar. E não obrigados a falar. Então, ainda bem.;" "Isto, pessoas dos bairros, já se sabe como é que é..."	"Sinto, eu entro e saio sem problema nenhum. Nunca ninguém me disse nada, nunca ninguém me ameaçou, nunca tive ali problemas com ninguém."	"E é totalmente diferente, não é? Estar uma pessoa aqui... sozinha. Sujeita a qualquer coisa, não é? Do que estar numa casa. Claro que se sente mais seguro."	"O descanso é muito importante para tudo.;" "Viver na rua é muito triste.;" "Não, isso manteve-se igual. Emagreci, nem sei porquê.;" "Sempre me mantive assim, nunca tive problemas de saúde.;" "Fora, este problema de pele, não é... que, este problema de pele, apanhei-o lá, na instituição."	"Não."	(Bairro de Santos, onde trabalha) "Ou seja, discriminação... discriminação, não. Mas inveja, sim... "; "De eu estar a trabalhar ao pé... de quem estou."

P2	"Aqui ainda estou a desenvolver."	"Sim. Não tenho nada que, nada que criticar. Tenho os transportes perto, não tenho nada que indicar. Gosto muito de andar a pé, não é?"	"Ah, sim, claro. É totalmente diferente. Não se vai comparar uma pessoa sem-abrigo, com uma pessoa com uma casa, não é? Aliás, lá estão, pessoas que me, que me conhecem, passam por mim, nem me reconhecem"	"Mudou o consumo do álcool"; "Agora tá a 0, antes a 100%. Agora tá a 0, portanto"; "Não, tive uma hepatite B, que tá completamente curada, e só nisso, vê-se totalmente a diferença"; "Exatamente, que se dorme melhor, que não preciso de acordar de noite para ver se as coisas tão ao meu lado, se não tão..."	"Discriminado nunca me senti... Mas... Talvez que as pessoas tivessem um bocado de receio, porque... portanto, uma pessoa não tomava banho, uma pessoa não fazia a barba, era totalmente diferente. Por isso, não digo que as pessoas tivessem medo, porque isto são coisas, que as pessoas já conheciam, conhecem..."	"Nunca senti, nem na outra casa antiga, nem aqui."
P3	"Nunca falei com eles."; "Não faz muita confusão."	"Sim."	" Sim. Passei lá ontem, onde estão os cacifos. Há duas portas que têm a parte de baixo, a chapa levantada. Dobrada. Portanto, a chapa é assim, não é? E a parte de baixo está assim."	"Física, sim."; "para adormecer, eu vejo-me aflito."; (mental) "Sim, mudou."; "Tenho mais tolerância."; " Coisas que, às vezes as pessoas dizem, para me provocarem, e eu... passo e ando."; "Tenho resistido em dar a informação. Porque há pessoas que aproveitam-se. E eu não sei se vai acontecer e ou se não vai acontecer."	"Não avalio muito isso."; "Eu estou sem palavras."; "Não, isso depende. Depende da altura, de quem seja"; "Há de tudo."; "Havia lá um senhor que até me dava comida."	Participante não respondeu.

P4

"Não."; "Não, não é uma coisa que não é da minha pessoa arranjar confiança. "

"Sou bem-vinda, sim. As pessoas não me tratam mal, não me olham com ar de que eu estou a estorvar ou porque eu sou mal vinda, não."

"Ah, claro! Na rua, a pessoa não está bem. Vamos que aparece alguém?"

"Eu quando estava na rua não me sentia mal, não. Tomava a minha medicação, que é o que interessava. Todos os dias tinha a minha medicação tomada."; "Sentia era vontade de estar numa cama para dormir, mas de resto... "; "Descansar melhor, é."

"Não. Nunca me senti discriminada. Eu ia ao café. (...) Mas eu ia lá e não me sentia discriminada porque as pessoas não sabem se eu estou na rua ou não."

"Não. No meu bairro não. Eu nem me encontro com as pessoas."

"os melhores é com o A. e a mulher, porque já os conheço há muitos anos. E também porque são os únicos portugueses deste prédio. Eu não estou a ser xenófoba. Mas com eles, qualquer problema que eu tenha, é a eles que vou... Se eu tiver um problema posso recorrer a eles."; "Com eles já é de amizade."

"Acho que sim. Acho que ninguém tem nada contra mim. De momento, que eu saiba, não."

"Oh, isto aqui é 5. Não tem nada a ver. Na outra é que eu não tinha segurança nenhuma. Nenhuma, mesmo."; "E uma diferença muito grande..."

"Houve uma melhoria muito grande. Porque eu na rua não dormia. Não comia.", "E depois tinha pensamentos muito negativos. Senti mesmo: "Epá, como é que isto me aconteceu?", e via que não estava a conseguir sair da situação. E cada dia que passava era uma tortura."

"Estigma."; "Sim, porque as pessoas não olham com bons olhos para as pessoas que vivem na rua e ... têm medo que a gente os contagie com alguma doença, ou que a gente tenha doenças e falta de higiene. Eu, não era o nosso caso, mas pronto. Mas, eles vêm-nos sempre assim: "Pois, é bem feita, não trabalham, não sei o quê. É o que dá. Pronto."; "E outras, por exemplo, quando estávamos a dormir na rua, ali nos correios, que iam comprar qualquer coisa ali em frente. Muitas vezes passavam e vinham com um saco com bolachas e com coisas."

"Não. Não sinto."

**Tabela 6***Resultados Perguntas Finais da Entrevista (3)*

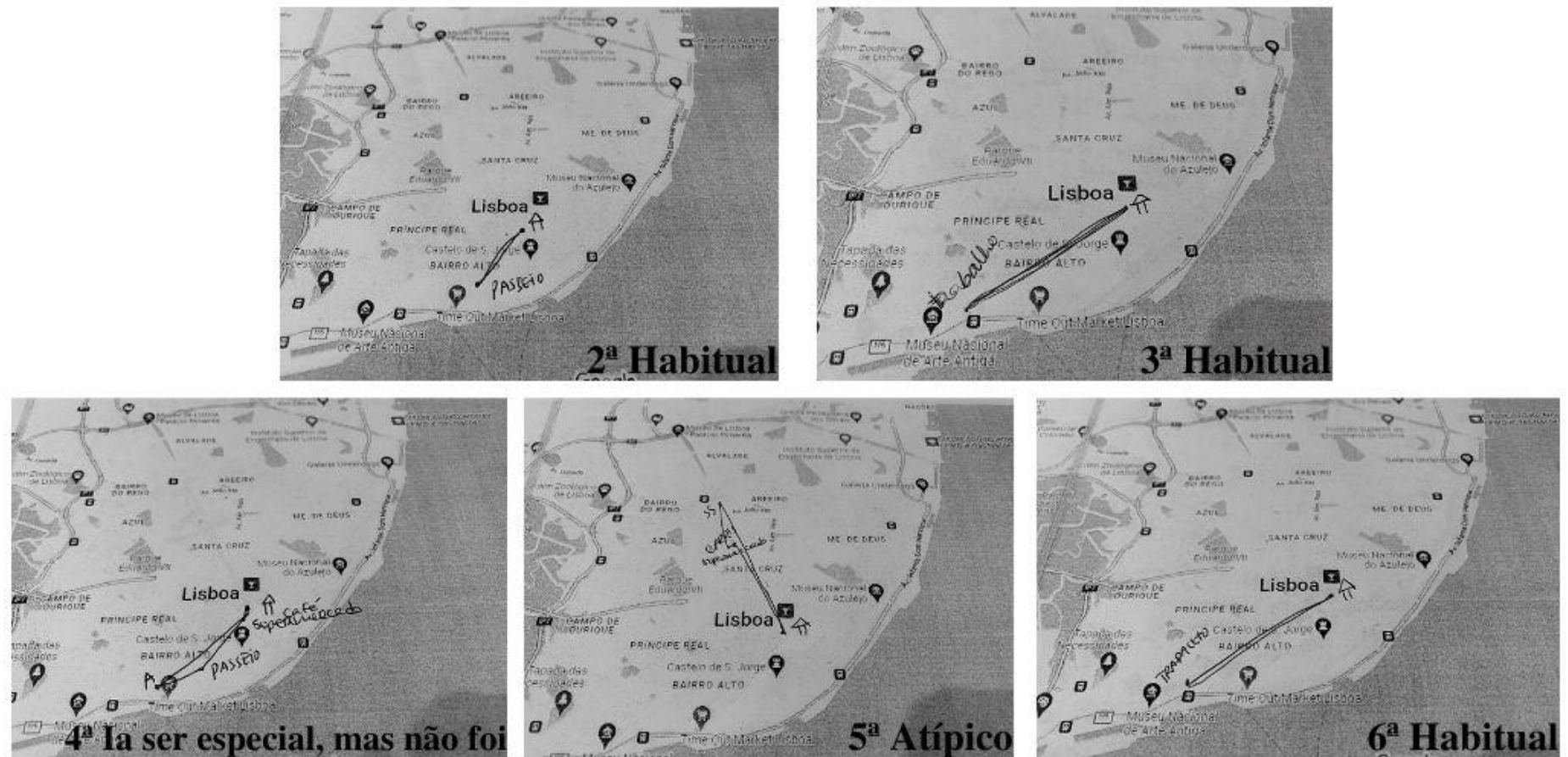
Identificação	Sente que faz parte /está integrado/a no seu bairro e na sua comunidade?	E quando estava em SSA, sentia que fazia parte /estava integrado/a no seu bairro e na comunidade?	O que considera mais importante / transformado na sua experiência no Programa Casas Primeiro?	Quais são as suas perspetivas relativamente ao futuro? Tem esperança e / ou algumas aspirações?
P1	"Onde? Na Mouraria? Não! Não, nem quero, é que nem quero. Nem pensar nisso."	"Mesmo a viver na rua, sentia que fazia parte do bairro. Sentia e sinto. Sentia e sinto... Isto vai ser o meu bairro, para o resto da vida, não é?"; "Mesmo estando na rua, sentia-me mais protegido, não é? Do que estar noutra sítio, onde ninguém me conhece de lado nenhum."	"Foi ter conseguido a casa."; "E, depois em segundo lugar, é uma pessoa sentir-se que não, que não está sozinha, não é? Se precisar de ajuda, tem sempre uma pessoa que pode ajudar... Além dos amigos, que uma pessoa tenha... Se, se precisar de ajuda, a associação... Sabe que pode contar com isso... "	"Isto agora está tudo no começo, ainda."; "O meu objetivo agora... é parar com a bebida. Parar com a bebida. Fazer a minha vidinha, tranquilo... E vir trabalhar de manhã, até ao meio dia, e à tarde ir fazer o curso. "

P2	<p>"não vamos tar a tirar conclusões precipitadas, que é cedo. Estou aqui há 25 dias, 20 dias, praticamente... E, e... é cedo para tirar essas, elações... Porque é assim, só com o tempo é que se vai... criando raízes, como tenho para trás."</p>	<p>"Uma pessoa quando tá... numa situação de sem-abrigo, tá completamente afetada, porque se fôr preciso, foi e já não tem tudo. Porque nós não temos, não temos sítio para dormir"; "Não, nunca tava no mesmo sítio."</p>	<p>"Desde o acompanhamento médico, desde o acompanhamento em casa, em tudo o que foi importante, e em tudo o que vocês fizeram, tudo, para mim, tudo isso tem um valor. Tudo isso para mim é 100%, é... como hei de dizer? É uma verdade pura que existe, são pessoas que tão presentes, seja ir, seja na doença, seja, perder as chaves, naquilo que fôr...";</p>	<p>"Esperança temos sempre. Porque, se uma pessoa não tem esperança, começa a ficar... afetada. (...) Arranjar um trabalho, não sei... Trabalhar para ter... outras condições de vida."; "Porque, com a minha idade, já não é tão fácil, como era antigamente, não é? Hoje já... com 60 anos, já ninguém, já ninguém vê a minha pessoa. Trabalhar, um biscate ou outro, a gente vai. De resto, não há (...)" ; "Agora, arranjar um trabalho ou um curso para fazer, um curso remunerado, qualquer coisa."; "Desde que nós tenhamos uma estabilidade sustentável, económica, economicamente, que desse pa nós pagarmos rendas, pa nos alimentarmos, se não a precisar de ajuda de mais ninguém, era ... Era um dos projetos que eu gostava."</p>
P3	<p>"Sim."</p>	<p>"Eu acho que não. Porque, na altura a direção que tinha era da Santa Casa."</p>	<p>"É o vosso apoio." (Casa e apoio técnico)</p>	<p>"É ter trabalho."; "estou entretido, tenho ordenado."; (um trabalho) "Seguro!"</p>

P4	<p>"Não. Sinto que cada um está na sua vida."; "Não, não Dra. Não. Eu gosto de estar só eu, eu e mais ninguém. Não gosto de muita conversa porque pode dar porcaria. Quando a amizade é demais... quando a esmola é demais, o santo desconfia, costumam dizer isso. Eu não gosto. Não sou pessoa de muito palavreado com as pessoas. Não sou pessoa de me abrir com outras pessoas, a não ser de pessoas que eu já conheço, com que eu cresci."</p>	<p>"Sentia que fazia parte. Ninguém me incomodava."</p>	<p>"De me terem dado a casa."; "E da forma como eu fui acolhida."</p>	<p>"Casar-me. Casar-me com o meu marido. E estar já numa casa que eu goste."; "E de vir a ter um aumento no rendimento mínimo. E de vir a ter um aumento também na minha... no meu subsídio, na minha pensão."; "Para o futuro espero vir a fazer um curso onde eu possa acabar o 9º ano."; " Esperava encontrar um trabalho onde me pudessem fazer um contrato."</p>
P5	<p>"Sim. Estou."</p>	<p>"Bem, eu continuei sempre aqui neste sítio, não é? Mas já com as pessoas, ...pronto, ... era aquela coisa de saberem que eu estava na rua. Não era a mesma coisa. E eu sentia-me mal, por saberem. Por me verem, ou... e eu sentia vergonha."</p>	<p>" Foi mesmo ter a estabilidade de ter um teto. De ter um sítio para chegar ao fim do dia e onde poder estar em paz. E com os meus pensamentos e com ... pronto, estar descansada."</p>	<p>"É encontrar um emprego estável. E não andar sempre a fazer formações."; "Gostava de ter um animal, mas não sei..."; "Pois, mas lá está. Isso é tudo dependente de eu ter essa estabilidade depois a nível de trabalho. "; "Gostava de praticar um desporto qualquer."; "Sim, não depender do Estado. "</p>

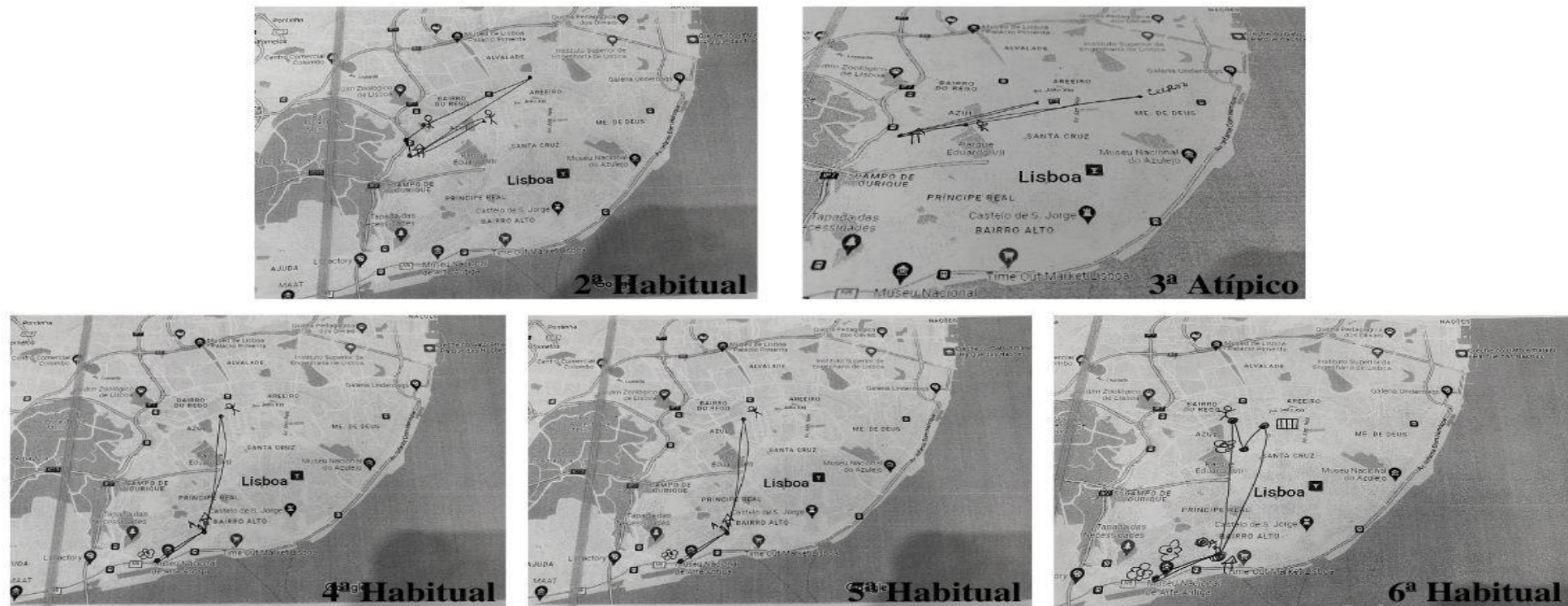
---

Figura 3



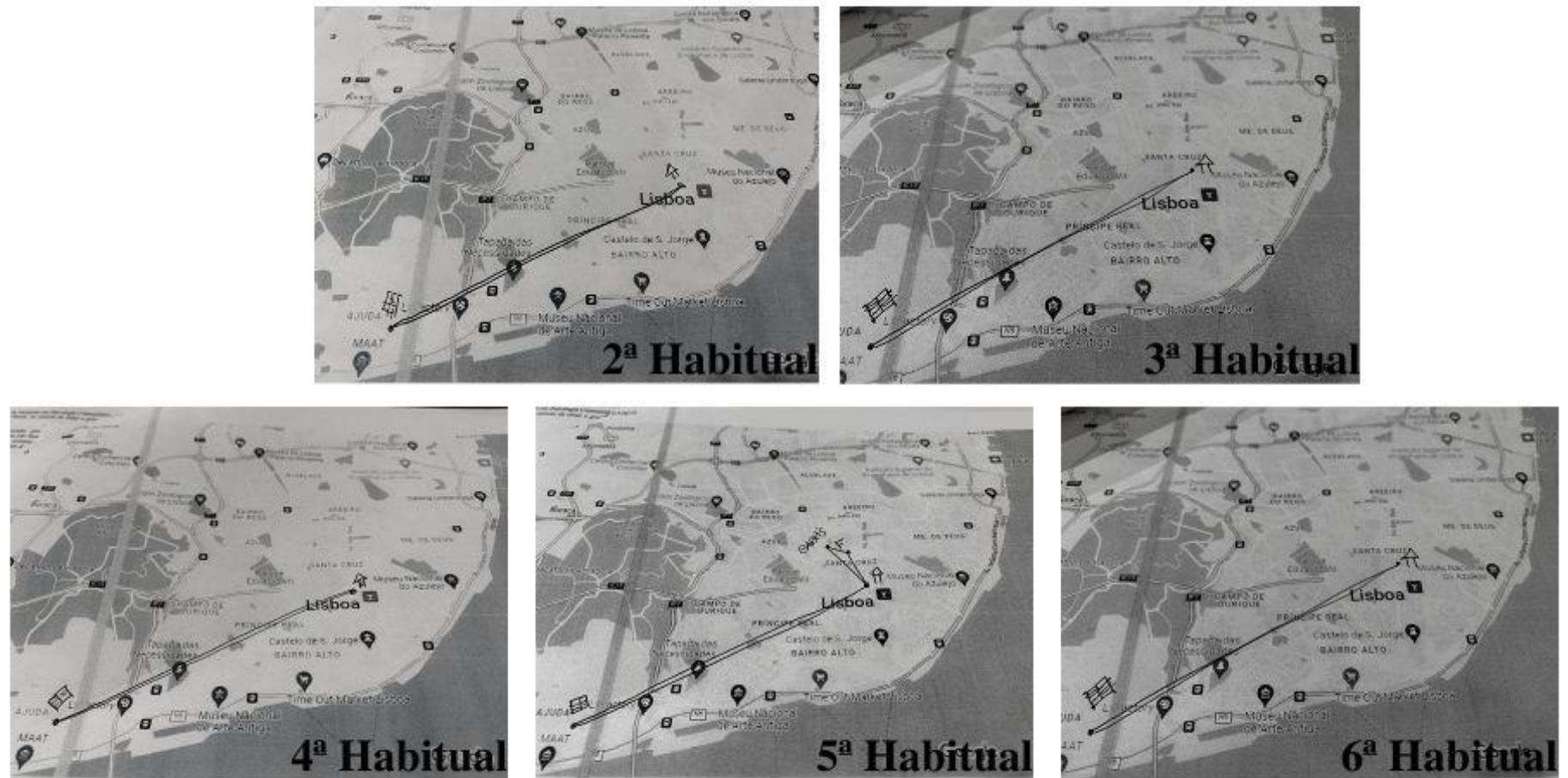
Rotinas de Segunda a Sexta do Participante 1

Figura 4



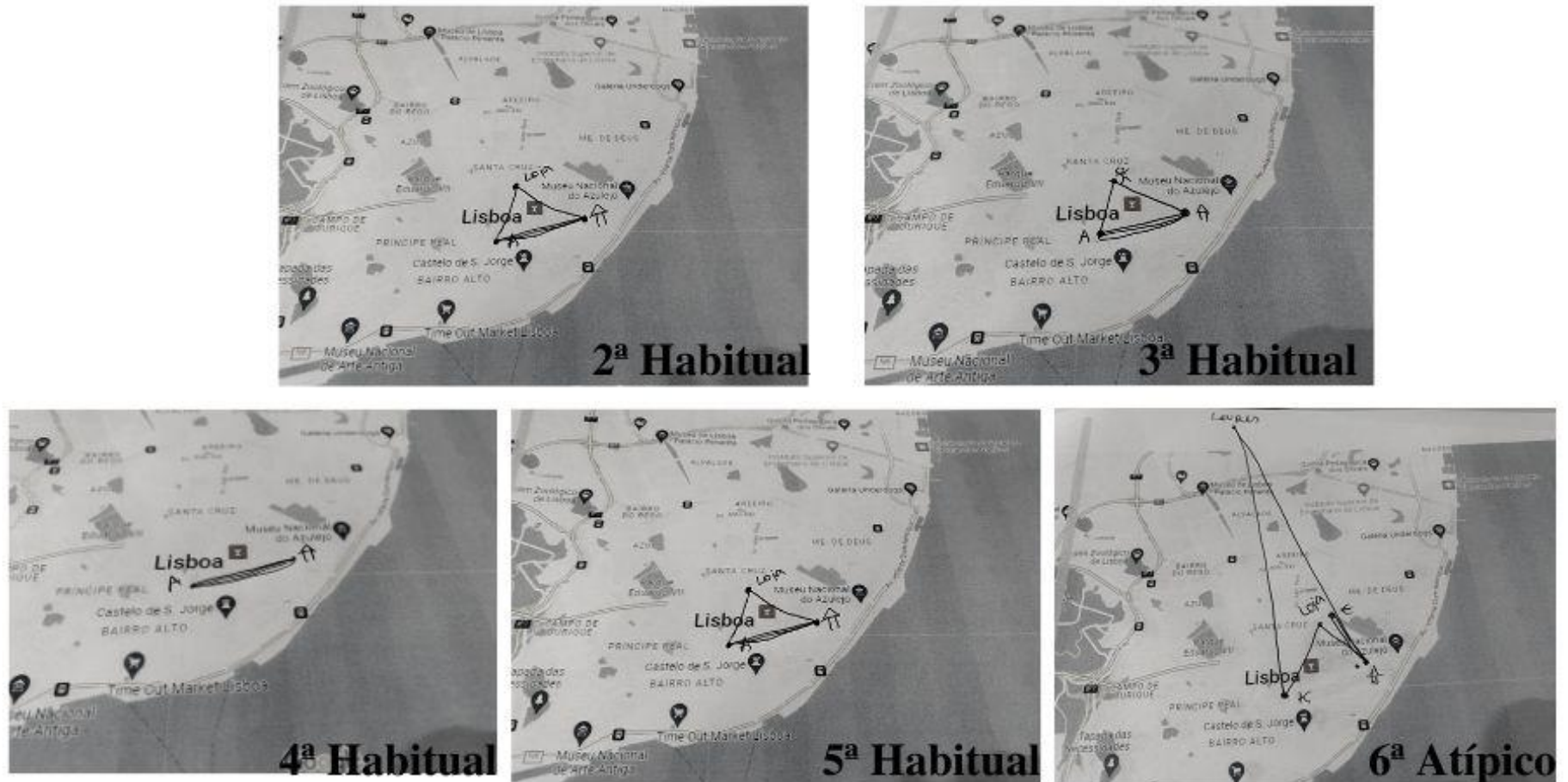
Rotinas de Segunda a Sexta do Participante 2

Figura 5



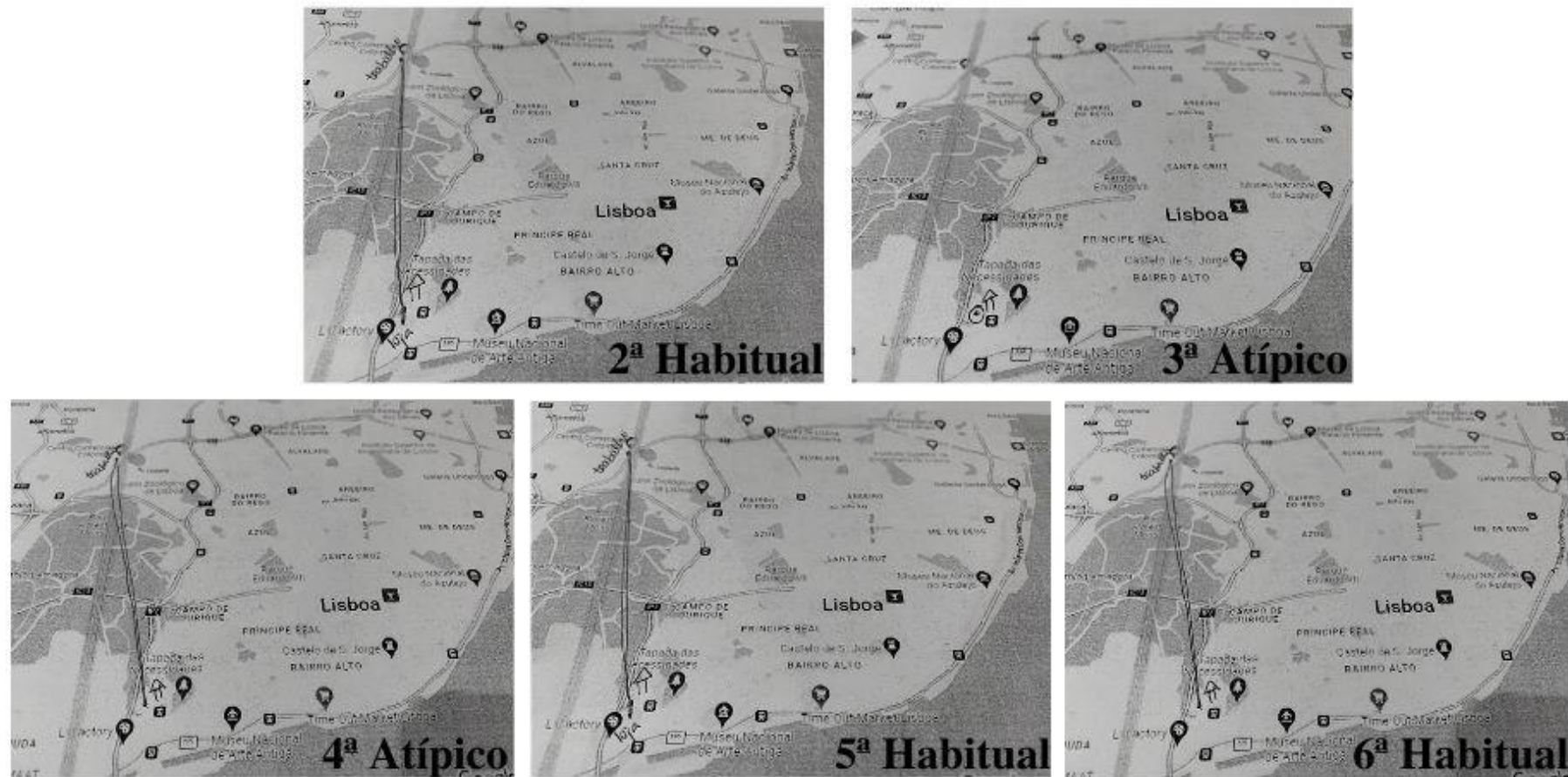
Rotinas de Segunda a Sexta do Participante 3

Figura 6



Rotinas de Segunda a Sexta da Participante 4

Figura 7



Rotinas de Segunda a Sexta do Participante 5

## Dias Típicos versus Atípicos

Num total de 25 dias de semana, de 2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup>, os(as) inquilinos(as) reportaram experiência de 18 dias habituais, ou normais, 1 dia que ia ser especial, mas não foi, 4 dias atípicos, ou diferentes, e 2 dias que foram habituais, mas diferentes ao mesmo tempo. No que se relaciona com a vivência dos fins de semana: um participante referiu não querer diferenciar estes dias, querendo trabalhar; uma participante referiu que os fins de semana eram atípicos, dependendo de ter dinheiro; e 3 participantes referiram experienciar os fins de semana como habituais ou normais.

Na análise temática das entrevistas transcritas em *verbatim*, surgiram 9 códigos, diferenciados com cores diferentes no texto:

- Dias típicos vs dias atípicos;
- Vermelho: emoções, sentimentos, saúde física e mental, consumos;
- Azul escuro: ocupação, emprego, formação;
- Castanho: serviços utilizados, espaços utilizados, visitas de acompanhamento do Programa Casas Primeiro;
- Azul claro: habitação e atividades na habitação;
- Roxo: fins de semana;
- Verde claro: interações sociais;
- Verde escuro: meios de transporte.
- Amarelo: gestão de dinheiro;
- Rosa: perspetivas sobre futuro;

### **Dias Típicos / Habituais / Normais**

Para o Participante 1 (P1), um dia habitual/normal/típico, pode ser tanto ficar por casa, passear, como ir trabalhar:

P1: Às vezes não saio de casa. (...) Saí, saí para dar uma volta. (...) Ver pessoas e montras. Para descontraír. (...) É o que tenho feito. Levanto-me de manhã, às sete, seis e meia, tomo banho, como alguma coisa, e venho trabalhar. (...) Logo direito para casa. (...) Estou a entrar na rotina normal. O que fazia, deixei de fazer. Não é nada diferente. [Está a voltar a ter uma rotina] que já tinha.

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P1: Estar fechado, uma pessoa sente-se presa, não é? Se sair, apanhar ar fresco, ver pessoas, e por acaso, até é um sítio que eu até gosto, é uma sensação de liberdade.

P1: Sinto-me bem, ando contente. Está a correr tudo bem, que é o que me interessa. (...) Porque estou a conseguir alcançar os meus objetivos.

P1: A fazer alguma coisa de útil. Em vez de estar parado, ou em casa, ou seja onde fôr, não é? Ou andar a passear, pelo menos estou a fazer por mim e pelos outros, não é? Estou a ajudar-me a mim, e ao mesmo tempo, ajudo os outros.

P1: E lá no armazém, há muito álcool... Há muito álcool. E eu... Ter-me aguentado tão bem... E olhar para aquilo, e não me diz nada... É um bom sinal. (...) Não quero, não quero. Não quero, não quero, não quero. E sei que vai-me fazer mal. Vai fazer mal. Já sei como é que é, como é que funciona. Se vou beber uma, vou estragar tudo o que já fiz há quinze dias. Porque eu sei que se beber uma, já não consigo parar. O meu problema é esse. Então, não quero, não quero.

P1: Sinto-me bem. Sinto-me feliz. Porquê? Porque sei que estou a fazer a coisa certa. Sei que estou a fazer a coisa certa, e por isso estou feliz. Estou feliz.

P1: A coisa certa... ah... (ri-se) Então, quando me levantava e não fazia nada, e saía para ir beber, estava a fazer a coisa errada. Agora, levanto-me... para ir... fazer alguma coisa de útil, acho que estou a fazer a coisa certa, não é?

P1: Porque isso é que, é isso que estraga tudo, o álcool. Isso é que estraga tudo. Como eu já lhe disse, eu quando bebo, é só para perder, nunca foi para ganhar. O meu problema é mesmo a bebida. Quando eu bebo, é só para perder.

Para o Participante 2 (P2), um dia normal, habitual ou típico é:

P2: Acordei de manhã, tomar o pequeno-almoço sempre em casa, fui dar a minha volta, fui até à estação de Campolide. Da estação de Campolide segui em frente via Sete Rios, de Sete Rios subi até ao jardim da Amnistia Internacional, dei a volta por cima e vim almoçar a casa. À tarde vi um bocado da volta a Portugal em bicicleta e depois fui para ... ter com a minha amiga, o normal. Dar uma volta e ter com a minha amiga, buscar o meu jantar.

P2: Levantar, fazer a minha higiene pessoal, tomar o meu pequeno almoço, ir até ao jardim na mesma, é sempre o meu percurso.

P2: É um percurso que já estou habituado a fazer, portanto já são pessoas que conheço, dou os bons dias, claro que estou no meu banco sozinho, sempre o habitual.

P2: Sim, gosto muito de ir, gosto muito de passar ali, de ir ao Jardim 9 de abril porque é uma vista linda que temos de outra banda, ver os barcos de recreio chegarem, tudo, vê-se ali de tudo.

P2: As minhas leituras e é estar sempre sozinho.

P2: Sim, gosto de estar, gosto muito do isolamento.

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P2: Sinto-me bem. Já são caminhos que eu já conheço, .. já conhecia. Ali aquela .. a zona do jardim da Amnistia Internacional (...) Que era o jardim onde eu

acostumava ir, e gosto de ir lá, porque gosto de ver, que aquilo tem lá as zonas comunitárias, e tem lá os meus amigos, que eu conheço de lá, portanto, falamos disto e daquilo e de outras coisas, ... E, lá está. É assim, ... a vida.

Para o Participante 3 (P3), um dia normal é:

P3: A estudar e depois a fazer comida [e ir] para o curso [do IEFPP].

P3: Ir às Finanças. Não sei se primeiro terei ido ao Arco do Cego (...) para ter o passe mais barato.

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P2: Normal. (...) Há dias em que fico assim um bocado cansado depois de chegar à noite.

P2: Diria que quase sempre equilibrado, sim.

P2: É o que tem que ser.

P2: Positivo.

P2: Estou a aprender. Ou a reaprender.

Para a Participante 4 (P4), um dia normal ou típico é:

P4: Saí de casa para ir almoçar.

P4: Depois vim para casa e depois, depois estive a ver televisão, pus roupa a lavar, depois lá para as cinco e meia, pus-me a caminho outra vez. Apanhei o autocarro e depois o metro e fui jantar.

P4: Parei numa loja onde está a trabalhar uma amiga minha até que o autocarro chegasse.

P4: E quando eu estou em casa faço a minha oração a Nossa senhora, acendo uma velinha ali num cristal.

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P4: Senti-me bem, um bocadinho com tosse, porque eu ainda estou com aquela tosse de quando eu estive com covid.

P4: É neutra, neutra é nem é positiva nem negativa, é neutra, porque já faz parte da rotina. Não tem outra opção melhor, é aquela que eu tenho para ir comer e jantar.

P4: Foi uma emoção mais feliz, porque a gente conversa e pronto, ela conversa coisas dela do Brasil, e eu acompanho-a no que ela diz.

P4: Aqui sinto-me sozinha na minha casa, porque não tem o meu marido, ele não está comigo de momento, está a trabalhar fora. Então, sinto-me sozinha.

P4: Não, amigos tenho, mas não moram, ... não estão em Lisboa, estão em Loures, moram em Loures e só quando eu tenho dinheiro é que eu vou lá.

P4: Normal...

Para a Participante 5 (P5), um dia normal ou habitual é:

P5: Fui ao estágio. (...) fui trabalhar e depois voltei para casa.

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P5: Hoje sinto-me satisfeita. É isso, porque fui útil.

P5: Senti-me bem. Mas há dias que, não sei porquê, a tensão baixa um bocado e tenho as pulsações elevadas e é um bocado penoso para mim. Ontem não, ontem correu tudo bem.

P5: Há dias que me sinto entusiasmada, há outros que disse “Epah! Agora não me digas que vou ficar lá todo dia sem fazer nada.” Assim eu não gosto.

P5: Senti-me útil lá na MediaMarkt e senti-me realizada, pronto, achei que pronto fui prestável naquilo que me, nas tarefas que me deram, eu cumpri-as e quando é assim fico bem, quando eu tenho alguma dificuldade eu começo logo a criar macacos no sótão, é um bocado assim.

P5: O que eu sinto é de manhã. Todos os dias, primeiro que eu..., eu acordo, mas tenho tanto sono, tanto sono! Mas isso é normal, acho eu, é do cansaço, também. Tenho sentido é muitas dores nas pernas. Câibras, à noite, e depois não consigo dormir com as câimbras. Tenho que me levantar e andar por aqui a esticar as pernas. E isso interrompe-me o sono, não é? Depois eu canso-me e de manhã para acordar é uma chatice. Tenho mais dificuldade.

### **Dias Atípicos / Diferentes**

No que concerne os dias diferentes ou atípicos, estes foram reportados apenas pelos Participantes 1, 2, 4 e 5:

P1: [Ia ter um] dia especial (...) Mas não foi (...) Porque ia à consulta e desmarcaram-na. E eu queria mesmo ir. [Neste dia], fomos beber um café. E fomos tratar do... das marcações das consultas, não é?, [em visita de acompanhamento técnico], fomos ao Continente às compras (...), andei ali pela Baixa (...) fui para casa [ficando] a ver uns filmezinhos.

Este participante também reportou um dia atípico:

P1: Não é costume. Fui tratar do passe, é uma vez por ano, ou de quatro em quatro meses, como me disseram... Fui ao supermercado, também não é habitual, agora... Só quando se pode, não é? O que é habitual é, é... Olhe, fui dar uma volta.

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P1: [No dia que ia ser especial, mas não foi] senti-me triste. (...) Preparei-me para ir. Como já tinha faltado várias vezes. Estava mesmo disposto a ir... e afinal, falhou. Senti-me triste e não senti, que eu também já falhei várias vezes. (...) Como eu já falhei várias vezes, terem desmarcado a consulta, não me senti assim tão triste... Eu ontem queria mesmo ir. (...) Errar é humano (...) Ali não houve erro, nem houve nada disso. Não houve falhas. Pelo que percebi, a Doutora ou foi de férias ou está de baixa, ou está doente (...)

P1: [No dia atípico] Senti-me bem (...) Ia fazer uma coisa boa, não ia fazer uma coisa má. (...) Senti, até porque você viu, fui eu que levantei as declarações, sem problema nenhum. Só precisei de ajuda para preencher o... foi o impresso do passe.

O participante 2 reporta terças-feiras atípicas durante o mês de agosto:

P2: Sim, agora às terças-feiras praticamente é ou ir ter com a Doutora Francisca, ou a Francisca vir ter a minha casa, esperar que ela venha, tomar o pequeno almoço na mesma, tudo igual. Almoçar, apanhar e ir a pé até, até ao El Corte Inglés, apanhar o metro até às Olaias, e depois frequentar o curso dos computadores.

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P2: É uma rotina diferente, to, totalmente diferente daquilo que eu tava habituado. Mas prontos, é uma rotina que se faz bem.

P2: Claro! Sim! Mas... mas... hoje por acaso foi um bocado complicado, a terceira sessão já foi, já foi melhor, quando tive uma colega, que também pertence às Casas Primeiro, que me deu umas luzes e já estou a, a, a, a desenrascar-me no computador.

P2: Sim, gosto. Quem não tem computador em casa, é completamente diferente, que não vai poder praticar. Quem tem computador em casa vai praticando, vai se habituando. Agora, quem não tem, sinceramente, não pode, não, não tem outra forma.

P2: Sim, é importante, claro que é importante, porque praticamente tudo o que nós temos, vai ser tudo através de tecnologia...

P2: E nós temos que nos adaptar às tecnologias. Nós, nos telemóveis, praticamente é o que nós trabalhamos. Com os computadores, não. Depois é totalmente diferente nós estarmos a mexer no telemóvel ou no computador.

A participante 4 descreve um dia normal, mas simultaneamente diferente para si:

P4: Foi um dia madrugador.

P4: E despachei-me do banco. Mesmo assim dei lugar, dei a minha senha a uma senhora incapacitada. (...) Fui, fui pagar a renda da casa. (...) Fui depositar dinheiro na minha conta da poupança. E o resto levantei.

P4: Já se faz tarde. Vou comer ao kebab.

P4: Hoje vou arranjar o cabelo. (...) Vou-me por bonita, arranjar o cabelo, pintar, arranjar as sobrancelhas.

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P4: E então como apareceu lá a senhora com prioridade, eu dei a minha senha à senhora. A senhora estava a dizer “Ah! Quem me dá a senha, eu estou cansada, quem me dá a senha?” E eu disse: “Olhe tome lá a minha senha que eu tiro outra, não me importo de esperar até que chegue a minha vez.” E então eu dei-lhe a minha senha e ela agradeceu-me “Obrigada, obrigada”. Era uma velha com o neto e ela estava-se a sentir cansada. (...) Fiz uma boa ação.

P4: Senti-me bem porque sabia que ia depositar um dinheiro na minha conta da poupança e ia pagar a renda da casa por, porque assim já fica despachado, já fica... a entidade já fica com a casa paga, e porque eu vou tratar de mim também.

P4: [Ida ao cabeleireiro] Eu mereço! É, investir em mim.

A participante 5 reportou dois dias atípicos na sua rotina:

P5: [Primeiro dia] Ontem é que eu fiquei em casa, pronto, como estava com este problema de visão, decidi não sair, nem fui à MediaMarkt nem saí de casa, porque tinha de descansar. (...) Aconteceu vir da urgência hospitalar e ela ter-me aconselhado, a doutora, a ficar a descansar um dia pelo menos, até isto melhorar. (...) [devido] a problemas de visão, exatamente. E também ontem, por acaso tinha a tensão alta quando fui à farmácia levantar os medicamentos, ontem não, anteontem. Já não é relevante para aí mas pronto. Tinha as pulsações a cento e quarenta o que é muito. A doutora disse-me que isto é uma questão nervosa, enervei-me com este problema nos olhos e isto disparou tudo.

P5: [Segundo dia] Ontem tive mais trabalho, por exemplo, do que é costume. Porque fiz mais coisas, foram coisas mais diferentes, muito diversificadas, e eu gostei mais, porque quando é sempre aquela coisa toda igual, torna-se monótono.

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P5: [Primeiro dia] Fiquei preocupada, também porque são dias que eu fico em casa, são dias que eu não ganho. É uma preocupação legítima não é? (...) um bocadinho enervada, um bocadinho. Um bocadinho ansiosa...

P5: [Segundo dia] Há dias que me sinto entusiasmada, há outros que disse “Epah! Agora não me digas que vou ficar lá todo dia sem fazer nada.” Assim eu não gosto. (...) No ir, às vezes é aquela coisa... Se eu sei que que por exemplo a R. não está, os meus dois tutores não têm tempo para mim e não podem tar a dar tarefas, às vezes, pronto, metem-me a telefonar para os clientes naqueles coisos de satisfação, de inquéritos de satisfação, mas pouco mais. E depois eu é que vou desenvolvendo pesquisas, de coisas que eu ouço eles falarem o que é o be to be ou o que é aquilo, ou do que é o eco março, não sei quê. Mas vou à internet e vou fazendo apontamentos. (...) Que haja trabalho, para estar ali sete horas, sem fazer nada. Não é tar ali sem fazer nada porque eu como digo, faço pesquisa, eu faço isto, tou sempre a tentar informar-me das

coisas que eu ouço eles falarem, porque os meu tutores dizem mesmo “A gente não tem tempo P., não podemos.” Então eu vou fazer uma pesquisa conforme eles vão falando uns com os outros.

## **Fins de Semana**

P1: No último sábado, fui. Fui à reunião dos Alcoólicos Anónimos. (...)

[Normalmente] Não. É, fico mais por casa. Fico mais por casa. Quando saio é para dar aí umas voltas aqui na zona.

P1: Nã, mas qual fim-de-semana? Não há fins de semana. Já disse a ele que não quero folgas...

## **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P1: Não, este sábado, amanhã vou lá, amanhã vou lá. [Reunião dos Alcoólicos Anónimos] Vou continuar até ver, a ver o que é que isto vai dar.

P1: [Em relação ao trabalho] Quero investir. Porque estar parado é morrer. E depois, posso começar a pensar em coisas que não devo, prefiro estar com a cabeça ocupada. E não estou, e não estou sozinho, não é? Pelo menos estou com pessoas que gostam de mim, como eu já lhe disse, da última vez... que gostam de mim e me puxam para cima, é o principal. (...) E nota-se, não é? Eles dizem logo. Que eu, muitas vezes, digo lá à rapariga que está lá na caixa, “opá, hoje estou com vontade de ir beber”, ela diz “mas não vais, mas não vais, que sabes bem que, se vais, vais beber uma mini, para não parares mais, depois sabes que comesças a beber, a beber e não paras mais, e vais estragar tudo o que fizeste até agora”, que é o que ela me diz sempre. E não vou, e não vou.

Já o Participante 2, não faz tanto a distinção sobre os fins de semana, reportando a rotina habitual, de ir ao jardim:

P2: Todos os dias seja sábados, domingos, feriados, todos os dias.

## **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P2: Porque é um caminho que eu gosto de fazer.

P2: [Atividades que faz no jardim] Principalmente ler. (...) Ouvir música, no meu rádiozinho pequenino. Eu gosto. (...) Sim, espaços públicos, exatamente. É sempre o espaço público, porque eu gosto de estar sozinho, porque sei lá, quero os meus livrinhos para ler e estar sozinho. Porque assim, sei que estou sozinho, não me meto com ninguém, ando o meu caminho, certinho... Assim que me começo a meter com alguém, pode haver descambalhada e eu não quero cá nada disso.

O Participante 3, aos fins de semana, não tendo formação do IEFP:

P2: Eu costumo ficar aqui em casa.

P2: [Mas, às vezes também sai de casa] Sai sábado e domingo.

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P2: Lá fora, como sabe, não sei se é inveja, ou o que é que é,... as pessoas sabem que eu estou numa casa e começam com bocas que eu não gosto. (...) São coisas que não me interessam. Passam.

A Participante 4, relativamente aos fins de semana:

P4: Ah, eu passo em casa.

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P4: Gosto. Isso é um bocadinho chato, não é? Sozinha em casa, mas gosto.

No que concerne à rotina dos fins de semana, a Participante 5 refere:

P5: Sábado foi o dia das compras. (...) É. Costuma. Vou ao Lidl, vou ao Pingo Doce, vou ver onde é que é mais barato. Não, e umas coisas gosto de comprar no Lidl, aqueles iogurtes e essas coisas eu gosto do Lidl. Bolachas, gosto de tudo. Mas depois coisas assim de comida, comida, prefiro... prefiro comprar no Pingo Doce. Porque, sabe porquê? Porque é mais barato. Um bocadinho. Agora tenho optado por uma

questão de uma situação, que é comprar uns sacos económicos no talho. Portanto, comprei um de 30 euros, e temos aí comida que dá para bastante tempo.

P5: O domingo depende. Às vezes vou à minha tia. Quando ela vai almoçar com o filho ao sábado, eu vou lá. Vamos à Rua de Alcântara, vamos ao Calvário, vamos não sei quê... às vezes vamos à Prior do Crato, que é ali já atravessando a linha. Bem, não tenho ido às Docas porque está muito calor. Eu não consigo ir para as Docas com este calor. Mas, sabe porquê? Por causa também dos meus problemas cardíacos. E de tensão, e isto e aquilo, é ... cansa-me, e com o calor eu não aguento. (...) Pois, se eu estiver muito cansada, já evito. Mas saio sempre.

P5: Saio, vou ao supermercado, vou a casa da minha tia ao sábado, geralmente fazer-lhe um bocadinho de companhia. Depois domingo é que geralmente estou em casa (...) É a ver filmes, estou a jogar no telemóvel, faço Sudoku, faço palavras cruzadas, aproveito assim os tempos. Leio...

### **Emoções / Sentimentos / Reflexões Individuais dos Participantes**

P5: Às vezes até o meu primo nos convida para almoçar. Fora. Também a única maneira de ir almoçar fora, é com ele. (...) Falamos. Depois passeamos, o meu primo também gosta muito... ou ir para a Estufa Fria, ou ir não sei para onde, ou ir ver o mar. Ele vive na Parede e, portanto, ele gosta.

P5: Já não gosto de sair ao domingo.

P5: [Quando pergunto se são emoções mais positivas] Sim. Porque não há aquela pressão de pronto... como eu gosto muito de ver filmes e isso... também... Adoro cinema, por isso...

P5: Raiva por causa dos preços dos bens. Eu às vezes até venho de lá... eu, só de pensar que vou pagar, começo logo a tremer. (...) Tem de se ter muita calma com o dinheiro que se gasta.

## **Diferenças na Utilização do Espaço comparativamente com Situação de Sem-Abrigo**

No que toca ao objetivo de compreender se existem diferenças na utilização do espaço pelas pessoas que estavam em situação de sem-abrigo, atualmente participantes do Programa Casas Primeiro, os resultados foram que houve diferenças:

P1: Na rua, estava a dormir dentro de uma escada. Quando tinha dinheiro bebia, quando não tinha não bebia. Às vezes pagava. Não saía ali daquele ambiente. Eram os dias normais, eram esses (...) Até tomar a decisão de ir... pa... para a instituição, não é? (...) [na instituição] Saía, saía de manhã, depois tínhamos que entrar às quatro. Olhe, andava na rua, às voltas...

P2: Era muito diferente desta. Porque uma coisa é nós termos uma casinha para estarmos, do que sermos sem-abrigo e termos que estar de mochila ou termos que andar com isto, ou então vamos só para um sítio, ou então não vamos (...) Sim, sempre mais ou menos no mesmo sítio. Ter os meus cobertores, pronto a minha cama e pegar na mochila e levá-la e andar comigo todo o dia, era totalmente diferente, era uma rotina mais cansativa. (...) Sim, sim, ir ao supermercado, ficar ali mais ou menos no meu sítio para eu não andar muito longe, ir um bocado até ao Jardim Amália Rodrigues, ir ter com essa senhora, para ir buscar o almoço e à noite para ir buscar o jantar, era essa a minha rotina.

P3: Depende do dia, [Quando pergunto se costumava ficar no mesmo sítio] Praticamente isso (...) Eu tava ali lá em frente à igreja de, de Arroios. Eu dormia aí, ficava na área da igreja, de um dos lados, depois dormi em baixo, onde tãõ os cacifos. (...) Ia pa aí beber um cafezinho (...) Lá um pessoal que... alguns ainda conheço. (...) E depois tar, tar como costuma jogar no jardim constantino, ou jogava, ou via, ou... era assim.

P4: [Era uma rotina muito diferente?] Era porque não existia o refeitório naquela altura. E eu comia no Ponto de Luz, comia na instituição onde eu estava. E quando fui para o Albergue, comia no Albergue. (...) No Albergue, a gente tínhamos, jantávamos, dormíamos, tomávamos o pequeno almoço, tínhamos que sair, não podíamos lá ficar. E

só entrávamos depois, a partir das cinco. (...) No Albergue. No Ponto de Luz, não, era diferente, era como se fosse a minha casa. Se eu quisesse ficar o dia todo, ficava. (...) tive dois dias na rua, à espera de vaga no Ponto de Luz. (...) Depois do Albergue, fui para um quarto. (...) Depois dali fui para os Anjos. (...) Para outro quarto. (...) Depois dos Anjos fui para o Intendente onde havia muitas baratas, muitos bichos, ratos... havia de tudo. (...) Depois dali fui para Benfica, para o quarto de Benfica. Depois de Benfica fui para as Galinheiras. Depois das Galinheiras fui para a Rua José Falcão. Depois da Rua José Falcão fui para Alvalade. Depois de Alvalade fui para a Morais Soares (...) Então depois eu tive na rua, eu procurei a AEIPS.

P5: [Era uma rotina muito diferente?] Era, porque eu passava o dia inteiro na rua, não tinha para onde ir. Sentia-me perdida, sem objetivos. Depois tinha que recorrer ao balneário para tomar banho, ao balneário de Alcântara, que só estava aberto de quarta a domingo. Portanto, até a situação da higiene era, pronto, era muito... bem, tentava cuidar mas é difícil, era muito difícil. (...) Pois, era, muitas vezes estava com uma amiga, estávamos ali num café um bocado mas depois aquilo, as coisas fecham e a gente à noite não tem para onde ir, e ninguém descansa. Eu não conseguia dormir, portanto foi aí que eu tive depois problemas de psiquiatria, porque fiquei com défices de sono, pronto, fui logo tratar disso e tive que iniciar o tratamento de psiquiatria. (...) [Quando estava na Pousada] dava muitos passeios pela Expo, junto ao rio, ia para lá ler, fazia muitas caminhadas, pronto, ia ao Vasco da Gama também, mas saía sempre diariamente e quando estava bom tempo íamos para o rio, eu gosto daquela zona.

## **Recursos utilizados após integração no Programa**

No que toca aos novos recursos que os(as) inquilinos(as) estão a utilizar, fazemos notar que todos(as) os(as) participantes estão a ser beneficiários(as) e a terem salvaguardados os seus direitos à habitação. Nesse sentido, todos(as) estão a utilizar uma casa / apartamento como recurso, e a usufruir das visitas de acompanhamento e apoio técnico integrante da abordagem Housing First.

## **Habitação e Atividades na Habitação**

A habitação foi o recurso básico, imediato e permanente que os(as) participantes tiveram assegurado, aquando da sua integração no Programa Casas Primeiro. Todos(as) referiram a importância da habitação:

P1: O que é que foi mais importante?... Para mim?... Foi ter conseguido a casa. (...) Foi ter conseguido a casa... E ter saído. Se eu não tivesse conseguido a casa, ainda estava no outro sítio, onde estava, não é? Que não é nada bom para ninguém. Estar com tanta gente, tudo à mistura... E... O mais importante foi ter a casa.

P1: [Atividades que refere realizar na habitação] levantei-me, tomei banho, comi (...) uns filmezinhos.

P2: Foi tudo normal, acordei de manhã, tomar o pequeno-almoço sempre em casa”, dei a volta por cima e vim almoçar a casa. À tarde vi um bocado da volta a Portugal em bicicleta.

P2: Levantar, fazer a minha higiene pessoal, tomar o meu pequeno almoço.

P3: Fiquei aqui em casa, com isto. (...) estive a estudar inglês. (...) Sim, a estudar e depois a fazer comida. (...) Também um pouco de televisão.

P4: Para descansar gosto de estar na minha cama a ver televisão. A ver a novela. (...) E quando eu estou em casa faço a minha oração a Nossa senhora, acendo uma velinha ali num cristal.

P5: O mais importante? Foi mesmo ter a estabilidade de ter um teto. De ter um sítio para chegar ao fim do dia e onde poder estar em paz. E com os meus pensamentos e com ... pronto, estar descansada. (...) Uma casa. Sem casa, acho que eu nem ia

conseguir nada. Não ia conseguir fazer nada. (...) Ontem é que eu fiquei em casa, pronto, como estava com este problema de visão, decidi não sair, nem fui à MediaMarkt nem saí de casa, porque tinha de descansar. (...) Depois, em casa também já chego cansada. Quero é comer, e depois ver um bocado de televisão e ir dormir. (...) É a ver filmes, estou a jogar no telemóvel, faço Sudoku, faço palavras cruzadas, aproveito assim os tempos. Leio...

### **Outros Recursos**

O Participante 1 refere o trabalho e os seus colegas do local de trabalho, o IEFP, onde está inscrito numa formação, o Centro de Saúde da Lapa, a Unidade de Alcoologia de Lisboa, onde está a ser acompanhado em Alcoologia e Psicologia, o supermercado, a zona da Baixa para passear e descontraír, a televisão, a ReFood, onde vai buscar apoio alimentar, Segurança Social e Centro de Emprego:

P1: Então, eh... é o que tenho feito. Levanto-me de manhã, às sete, seis e meia, tomo banho, como alguma coisa, e venho trabalhar.

O Participante 2 refere a utilização do espaço público de uma forma em que não tem que se preocupar com a segurança dos seus pertences, a frequência num curso do IEFP, o acompanhamento médico na questão do seu problema em alcoologia, o Centro de Saúde Sofia Abecassis, o apoio alimentar do Centro Social Paroquial Santos-o-Velho, uma amizade de longa data, a televisão, o rádio, o café do bairro, e a área de Emprego Apoiado da AEIPS.

P2: Frequentar o curso dos computadores (...) Surgiu através do centro de emprego.

P2: Sim, espaços públicos, exatamente. É sempre o espaço público, porque eu gosto de estar sozinho, porque sei lá, quero os meus livrinhos para ler e estar sozinho. Porque assim, sei que estou sozinho, não me meto com ninguém, ando o meu caminho, certinho... Assim que me começo a meter com alguém, pode haver descambalhada e eu não quero cá nada disso. (...) Ouvir música, no meu rádiozinho pequenino.

P2: Só visitei um café mas foi de manhã quando fui ao jardim, é que tomei o meu cafezinho de manhã. Que é onde tomo sempre.

P2: Recebi uma chamada de um sítio de trabalho, mas preciso de carta de condução mas as vossas colegas não sabem. É para o jardim mas eles precisam de alguém com carta de condução, portanto ficou sem efeito.

P2: Há jardins que não têm uma coisa que é importante. Que eu detesto, é não terem água potável... Não terem, como é que eu de dizer, bebedouros para as pessoas, porque com estes calores que nós estamos a sentir, nós estamos a ver que, pronto, é a época dele, mas estou a ver muita coisa desperdiçada também. Com a seca que nós estamos a passar, estão-se a regar jardins praticamente três vezes ao dia, sem necessidade nenhuma. É gastar água. Conforme os níveis de água estão, acho que, aliás, acho que ao primeiro do mês acho que já se proibiu isso.

O Participante 3 menciona a casa como espaço onde pode estudar, cozinhar e ver televisão, a formação do IEFP, as Finanças e a CARRIS.

P3: E o curso. (...) Quero ver se tiro o 9º ano.

P3: Fui às Finanças. Não sei se primeiro terei ido ao Arco do Cego...

Os recursos que a Participante 4 refere são a casa como um espaço onde pode descansar, praticar a sua religiosidade e ver televisão, o Refeitório da Santa Casa da Misericórdia dos Anjos, onde vai almoçar e jantar, uma loja de uma amiga onde vai ver as montras e conversar com ela, o cabeleireiro de uma amiga, o Kebab, onde já conhece os donos, e o Banco, onde faz o pagamento mensal da renda e deposita dinheiro na sua conta poupança.

P4: Eu quando vim da Praça do Chile, quando saí do metro, parei na loja onde está a minha conhecida. Uma pessoa que eu me simpatizo.

P4: Vou-me por bonita, arranjar o cabelo, pintar, arranjar as sobrancelhas. (...) É de uma amiga minha. É na Póvoa de Santo Adrião. Lá em Loures. (...) Vou tratar de mim.

P4: Foi uma emoção mais feliz, porque a gente conversa e pronto, ela conversa coisas dela do Brasil, e eu acompanho-a no que ela diz.

P4: Não tenho outra melhor, tinha quando ia buscar aquelas refeições aqui a São Vicente, mas desde que parei de ter, tenho ido ao refeitório.

P4: Vou comer ao kebab. (...) Já, costumo ir lá. O pai dele, o dono do restaurante tem um filho e o filho é que trabalha lá, mais os outros empregos que eu conheço. Mas o meu amigo é o pai do rapaz.

P4: A renda da casa, fui depositar dinheiro na minha conta da poupança. E o resto levantei.

A Participante 5 refere a utilização do recurso da casa para descansar e fazer as atividades de lazer, o estágio profissional, no contexto de uma formação do IEFPP, de lojas de conveniência, do supermercado, do talho, da utilização do espaço público para passeios, a urgência hospitalar, os familiares, como recurso de reconexão a redes de apoio, a Psicóloga, e colegas mais próximos do local de trabalho, que a têm integrado.

P5: Então agora estou em contexto laboral, num estágio, em contexto laboral.

P5: Ah, é sempre o indiano para comprar cigarros. Cigarros e foi outra coisa que me fazia falta, que eu já não me lembro o que é que era, mas pronto.

P5: Agora tenho optado por uma questão de uma situação, que é comprar uns sacos económicos no talho.

P5: Ai, às vezes damos aí umas voltas. (...) Vamos à Rua de Alcântara, vamos ao Calvário, vamos não sei quê... às vezes vamos à Prior do Crato, que é ali já atravessando a linha. Bem, não tenho ido às Docas porque está muito calor. Eu não consigo ir para as Docas com este calor. Mas, sabe porquê? Por causa também dos meus problemas cardíacos. E de tensão, e isto e aquilo, é ... cansa-me, e com o calor eu não aguento. Eu gostava era de ir ali para o Monsanto. Lá está frio.

P5: Aconteceu vir da urgência hospitalar e ela ter-me aconselhado, a doutora, a ficar a descansar um dia pelo menos, até isto melhorar.

P5: Vou a casa da minha tia ao sábado, geralmente fazer-lhe um bocadinho de companhia.

P5: Já, agora já só estou na psicóloga.

## Interações Sociais

P1: [no local de trabalho os colegas] puxam-me para cima, dão-me força. “Assim é que andas bem, não bebes”, “não bebas, que sabes que te vai fazer mal, vais perder outra vez o trabalho, vais perder muita coisa...”... Eles, bons conselhos eles dão. Maus conselhos não me dão.

P1: Sim, eles sabem bem o percurso, o percurso todo que eu já fiz. Sabem bem da situação que eu já tive. Sabem isso tudo. E nunca tive problemas nenhuns em falar, seja no que fôr. (...) Não é com todos, mas é com um o outro.

P1: [no local de trabalho os colegas] Eles dizem logo. Que eu, muitas vezes, digo lá à rapariga que está lá na caixa, “opá, hoje estou com vontade de ir beber”, ela diz “mas não vais, mas não vais, que sabes bem que, se vais, vais beber uma mini, para não parares mais, depois sabes que comesças a beber, a beber e não paras mais, e vais estragar tudo o que fizeste até agora”, que é o que ela me diz sempre. E não vou, e não vou.

P1: [Numa quarta-feira, refere ter gostado de encontrar um amigo]: Por acaso encontrei um amigo meu (...) Não, mas ele... Como eu estava com pressa, e também já... já... já ia.. já eram quase oito horas, falámos só ali um bocadinho... e ele foi... e ele seguiu para casa e eu fui... fui à ReFood. Nem estava à espera de vê-lo ali, ali a caminhar e tudo.

P1: [Ao ir buscar apoio alimentar às carrinhas no Martim Moniz, refere que encontrou um] conhecido, conhecido, não. Encontrei as pessoas que costumam ir lá buscar o comer.

P2: [Menciona que prefere fazer a sua rotina sozinho, mas que tem uma amizade com quem pode contar]: estou sempre sozinho, ou tenho o meu livro para ler e leio, ou não tenho e não leio, é assim. (...) Sim, gosto de estar, gosto muito do isolamento. (...) É sempre a mesma amiga. Não há cá mais e já é muito. (...) Já conheço há vinte anos, é uma pessoa que me posso chatear de vez em quando mas não posso deixar nunca, não é. (...) Há vinte e cinco anos, por isso é que tenho confiança. É uma pessoa que sempre me ajudou e eu quando a posso ajudar, também ajudo por isso...

P3: [quando explorei a questão de estar inserido numa turma de um curso de formação, se tinha conhecido pessoas novas, respondeu] Eu falo pouco. (...) É-me indiferente. [Por outro lado, refere] lá fora, como sabe, não sei se é inveja, ou o que é que é ... as pessoas sabem que eu estou numa casa e começam com bocas que eu não gosto. (...) Não sei qual é a razão de ser. São coisas que não me interessam. Passam.

P4: [quando passou por uma loja onde trabalha uma pessoa com quem simpatiza] foi uma emoção mais feliz, porque a gente conversa e pronto, ela conversa coisas dela do Brasil, e eu acompanho-a no que ela diz.

P4: Aqui sinto-me sozinha na minha casa, porque não tem o meu marido, ele não está comigo de momento, está a trabalhar fora. Então, sinto-me sozinha.

P4: [Quando vai comer as refeições ao Refeitório da Santa Casa da Misericórdia dos Anjos] eu não conheço lá ninguém, nem faço questão de conhecer. Lá as pessoas são violentas, e eu não gosto de lidar com pessoas violentas.

P4: (...) amigos tenho, mas não moram, ... não estão em Lisboa, estão em Loures, moram em Loures e só quando eu tenho dinheiro é que eu vou lá.

P4: [Quando foi ao banco] E então como apareceu lá a senhora com prioridade, eu dei a minha senha à senhora. A senhora estava a dizer “Ahh quem me dá a senha eu estou cansada, quem me dá a senha?” E eu disse: “Olhe tome lá a minha senha que eu tiro outra, não me importo de esperar até que chegue a minha vez.” E então eu dei-lhe a minha senha e ela agradeceu-me “Obrigada, obrigada”. Era uma velha com o neto e ela estava-se a sentir cansada (...) Fiz uma boa ação.

P4: [No restaurante kebab] Já, costumo ir lá. O pai dele, o dono do restaurante tem um filho e o filho é que trabalha lá, mais os outros empregos que eu conheço. Mas o meu amigo é o pai do rapaz.

P4: [No cabeleireiro onde costuma ir] É de uma amiga minha. É na Póvoa de Santo Adrião. Lá em Loures.

P5: [No contexto laboral, quando exploro se tem criado amizades e se as pessoas são simpáticas, faz reticências, mas salienta] Mas há assim uma ou duas pessoas que eu

me dou melhor. (...) É o F., que é o que anda sempre a dar-me na cabeça para eu não fumar; Ele também fuma. Mas rouba-me o isqueiro; leva-me o isqueiro. Diz: “Não tenho o isqueiro”. É mentira. E depois eu: “Oh Fernando, agora em que sítio da loja é que ele estará?” e ele mesmo diz: “Não vez que eu faço mesmo isso que é para tu não fumares?””, “Depois é o meu tutor, o T., e eu gosto muito dele. Mas ele agora está de férias. A L. implica muito comigo por causa dos cigarros, porque ele não fuma. E depois diz que eu cheiro a tabaco. Mas toda a gente se dá bem comigo. Lá na Media Markt todos me conhecem. Os seguranças, tudo. (...) Os próprios colaboradores sabem o meu nome. Claro que sinto-me integrada.

P5: [Sobre se tinha encontrado pessoas conhecidas na quarta-feira] Não por acaso não. Ah! Encontrei o N. (parceiro) porque ele vai sempre ter comigo, mas não, ontem por acaso não, mas costumo encontrar aí pessoas conhecidas.

P5: [Relativamente a frequentar uma loja de conveniência em Alcântara] É habitual, é. Já há muitos anos que eu já o conheço.

## Meios de Transporte

P1: [Vai a pé quando dá a sua volta pelo bairro, deslocando-se para o trabalho de transportes] Andar faz bem.

P2: [Refere uma preferência por andar a pé] Sempre a pé. Sempre a pé. (...) A pé, porque eu gosto muito de andar a pé. Para mim, a pé é o melhor. Eu vejo muita gente que dão assim um toquezinho e já foram e eu, graças a Deus não tenho tido nada.(...) E além disso, desde que deixei... desde que sou livre do... (álcool) Tinha que andar mal. Agora faço na boa. (...) Tenho os transportes perto, não tenho nada que indicar.

P3: [Utiliza transportes públicos] Aqui tem acesso direto a quase os transportes todos. [Utiliza] o metro, que apanho na Praça da Figueira, o autocarro ou elétrico. (...) Acho que demoro o necessário.

P4: [Utiliza transportes públicos na sua rotina] Apanhei o autocarro e depois o metro. Apanhei o autocarro e depois o metro até ao Intendente.

P5: [Refere que utiliza os transportes públicos, chegando cansada do estágio] Ah, isso sim. Isso venho sempre. É as pernas, depois é as escadas do metro, depois é o autocarro. E depois é aquela subida do estádio da Luz para vir para o metro. Cansa um bocado. (...) Para lá é o setecentos e quarenta e dois e o metro de São Sebastião até ao Alto dos Moinhos, para cá, venho de metro também mas saio na Praça de Espanha e venho no setecentos e cinquenta e seis porque eu chego muito mais rapidamente a casa. (...) Às vezes uma hora.

## Gestão Monetária

Um tema que surgiu ao longo das entrevistas, foi a importância e preocupação com a gestão monetária. Note-se como todos(as) participantes apenas recebem rendimentos de inserção, dois contando com apoios de bolsa de formação e estágio, uma pessoa com a pensão de invalidez, e os restantes dois conseguindo biscates, mas não tendo contrato de trabalho. Consideramos relevante salientar os testemunhos dos(das) inquilinos(as):

P1: Gosto, que eu até andei lá a ver aquelas lojas, que eu estou a pensar comprar uns ténis. Por isso, é mais por aí. (...) Sim, e há lá... está em promoção ainda... fui lá ver roupa, até pode ser que dê para aproveitar alguma coisa, né... sem sair muito caro... (...) Mais vale gastar o dinheiro em coisas boas, que em coisas más, não é?

P1: Fui ao supermercado, também não é habitual, agora... Só quando se pode, não é?

P3: [Quando perguntei se na sua rotina tinha ido a algum café] Eu tenho aí. Não vou estar a gastar dinheiro.

P3: [Quando perguntei porque reduziu o consumo de tabaco] Porque reduz... portanto, re,re, reduz-se o gás, o gasto em dinheiro e reduz-se também o gasto na saúde (ri-se).

P4: Normalmente eu só vou passear quando estou com dinheiro, que é no dia oito, que é quando eu faço as minhas compras, as compras para a casa. Quando eu dou um jeito no meu cabelo, arranjo o meu cabelo, pinto o meu cabelo, também mereço!

P4: Senti-me bem, um bocadinho com tosse, porque eu ainda estou com aquela tosse de quando eu estive com covid, ainda não tomei nada para essa tosse. Aliás, fiz medicação, fiz xarope e outros medicamentos que eu comprei quando estava na casa da minha irmã, mas depois a médica receitou-me e eu só vou levantar a receita, no dia oito, quando tiver dinheiro, para essa tosse passar.

P4: Porque quando no dia a dia eu não tenho dinheiro, não. Eu só estou em casa, saio para ir almoçar e volto para casa.

P5: Agora preciso de comprar uma tábua de engomar. Já desde que vim para cá que pensei em ter a tábua. E vi ali, hoje aqui nestes chineses e só um é que tem. Mas eu disse: “Agora vou esperar para receber e depois é que compro.” Porque agora faz falta.

P5: [Quando digo que faz lembrar da gestão do dinheiro] Do dinheiro e daquilo que se traz. Tem de se ter muita calma com o dinheiro que se gasta. (...) Mas também aproveito sempre para comprar aquelas coisas que estão em promoção. Ah, nesta compra poupou 4 euros. Nesta compra poupou 6. Vou sempre vendo o que está em promoção.

P5: [Relativamente à avaliação da qualidade da casa] Não chega ao 5 por eu não ter mais dinheiro para comprar mais coisas para a casa. Mas acho que vou ter um projetor, em princípio, porque a minha irmã me vai dar. Para pôr aqui. Mas eu acho que não posso trazer aquilo, porque a minha coluna não aguenta. Eles têm lá bastantes coisas para me darem. Até roupas da namorada do meu sobrinho. Ela tem coisas muito giras. Ela depois farta-se das roupas e dá-mas.

## Perspetivas sobre o Futuro

P1: Por agora, não. Por agora, não. Ainda ando a pensar... Sinceramente, ainda ando a pensar o que é que eu quero fazer para o futuro. Isto agora está tudo no começo, ainda. (...) Está tudo no começo, quero levar as coisas devagar... Lá mais para a frente, logo verei. Sendo mesmo para jardineiro... Ou se fico aqui... Até posso ficar aí. Até posso ficar aí... Ou se faço outra coisa qualquer. Logo verei.

P1: [Relativamente à possibilidade de desistência no curso do IEFEP no qual está inscrito] Mas eu não vou desistir, não vou desistir. Não vou, não vou, não vou. Até porque fui eu que pedi para fazer o curso. Fui eu que pedi.

P1: O meu objetivo agora... é parar com a bebida. Parar com a bebida. Fazer a minha vidinha, tranquilo... E vir trabalhar de manhã, até ao meio dia, e à tarde ir fazer o curso. (...) Depois, logo se verá. Por agora... é o que estou a pensar, é o que eu quero fazer.

P1: Tenho é que ir visitar o Castelo de São Jorge, que já há muito tempo que não vou lá.

P1: A ver se... consigo... eu e ele conseguimos fazer isso, do contrato e essas coisas todas. Que é para me sentir útil a 100%, para contribuir a sério para a, para a... para a sociedade, não é?

P2: Se nós próprios poupamos água em casa, porque nós não sabemos se temos água no dia de amanhã... Se calhar a geração que virá a seguir, se calhar não vai ter água doce para sobreviver, como é que se vai fazer?

P2: Esperança temos sempre. Porque, se uma pessoa não tem esperança, começa a ficar... afetada. Nós temos que ter sempre esperança... Perspetivas... sei lá... Arranjar um trabalho, não sei... Trabalhar para ter... outras condições de vida. E... é muito complicado. (...) Porque, com a minha idade, já não é tão fácil, como era antigamente, não é? Hoje já... com 60 anos, já ninguém, já ninguém vê a minha pessoa. Trabalhar, um biscoito ou outro, a gente vai. De resto, não há, não há assim, aquele patrão que diga “tu vais trabalhar assim para mim”, não, com 60 anos, já ninguém te vai dar nada... portanto, uma pessoa trabalhar 5, 6, 7 anos, chega aos 7 anos, trabalha, vai para a reforma e tá pronto.

P2: Agora, arranjar um trabalho ou um curso para fazer, um curso remunerado, qualquer coisa. (...) Mas que fosse prolongado. Não é tar a fazer 15 dias e depois parou, e depois vai fazer outros 15 num outro lado qualquer, não. (...) É tar, portanto, aí um ano, sete anos, oito anos, a fazer este curso, este trajeto. De ponta, como se fosse aqui, até acabar. Assim, tudo bem. Demorou 5 anos, demorou 5 anos. Demorou 7. Era começar e acabar. Aí, sim... Chegar ao fim do mês, ter o meu vencimento e dizer assim “Não. Hoje, vou fazer isto e vou fazer aquilo.” E ter uma vida totalmente diferente, embora, conseguindo ter a minha casinha na mesma, iria conseguir fazendo, mas teria que ter esse projeto e de... E dizer “Temos aqui este projeto, vou ficar aqui, vamos fazer aqui também, depois até ali, depois até ali. E tudo até ao fim. Assim, sim. Assim, sim.” Começar o projeto e acabá-lo. (...) Ou ter estabilidade, ter... como é que hei de dizer? Uma formação que... que se, não... vamos a este projeto e vamos estar estáveis, durante 5, 6, 7 anos, 8 anos, quando desse. Desde que nós tenhamos uma estabilidade sustentável, económica, economicamente, que desse pa nós pagarmos rendas, pa nos alimentarmos, se não a precisar de ajuda de mais ninguém, era ... Era um dos projetos que eu gostava.

P3: Mais estudos tem mais possibilidades de ... sei lá, tem mais possibilidades de qualquer coisa. (...) É ter trabalho (...) Seguro! (...) Sempre fui mais por me inscrever no Centro de Emprego, porque o Centro de Emprego é mais seguro do que se for trabalhar aí para qualquer um. Até mesmo para essas agências de trabalho temporário. Também não é grande história.

P4: Pelo menos nos dias de semana, eu gostava de estar a fazer alguma coisa. (...) Estar no Corte Inglês a trabalhar. (...) E, se calhar poderei vir a meter-me num desses trabalhos que fazem... (...) Como é que se diz, pessoas que fazem um trabalho para pessoas com limitações. (...) Contratam e que se sintam satisfeitos com o meu trabalho. (...) Para eu ser uma mais-valia para a empresa e uma mais-valia para mim. (...) Eu agora no futuro vou comprar um iPad.

P4: Casar-me. Casar-me com o meu marido. E estar já numa casa que eu goste.

P4: Aumentar o rendimento mínimo, que eu já mandei duas cartas para lá. E de vir a ter um aumento no rendimento mínimo. E de vir a ter um aumento também na minha... no meu subsídio, na minha pensão.

P4: Para o futuro espero vir a fazer um curso onde eu possa acabar o 9º ano.

P5: É encontrar um emprego estável. E não andar sempre a fazer formações. (...) Com um contrato, exatamente. Que me permita até ter mais tranquilidade. Por exemplo, agente estamos uns meses em formação, e depois? Começamos a pensar: “E depois de onde é que vem o dinheiro?”. Não é? Portanto, isso depois também é diferente.

P5: Gostava de ter um animal, mas não sei (...) Não, porque depois essa coisa... Eu fui associada da União Zoófila. E todos os dias vejo muitos animais abandonados. Tão engraçados que eles são. E acho uma parvoíce as pessoas irem a centros comerciais e comprarem animais, com tantos para adotar. (...) Pois, mas lá está. Isso é tudo dependente de eu ter essa estabilidade depois a nível de trabalho. Porque depois como é que eu alimento o cão? Como é que eu o levo ao veterinário? Isso tem de ser tudo equacionado.

P5: Não depender do Estado.

P5: Gostava de praticar um desporto qualquer. Ainda não sei bem qual. (...) Porque eu quando fazia desporto, pá, a minha cabeça estava ótima.

P5: [Realizar atividades culturais] Eu gostava de ir ao da Marioneta.

## Discussão

O principal objetivo deste estudo foi procurar perceber como é um dia típico / habitual / normal para uma pessoa integrada no Programa Housing First - Casas Primeiro, com experiência anterior de situação de sem-abrigo.

Neste sentido, de acordo com análise temática que realizei, através das entrevistas semi-estruturadas, do que é um dia típico ou atípico/diferente para os(as) inquilinos(as), concluímos que depende das idiosincrasias e prioridades pessoais desse momento. Existiu variabilidade ao longo da amostra, que foi de encontro às situações individuais dos participantes. As novas regularidades sociais foram dependentes da diversidade e individualidade dos participantes (idiosincráticas).

Apesar das atividades e processos sociais serem variados ao longo da amostra, cada participante está a construir a sua própria rotina.

Cada regularidade social caracteriza-se por ritmos próprios, e existe a possibilidade de estas se alterarem ao longo do tempo. O intervalo de tempo em que as regularidades sociais são capturadas são fulcrais para a compreensão da sua natureza (Seidman, 1990).

Para o participante 1, dias habituais foram, tanto permanecer em casa, passear pelo bairro, como ir trabalhar e comparecer a visitas de acompanhamento.

Para o participante 2, foram fazer a sua rotina pessoal em casa, deslocar-se pelos espaços públicos sozinho, fazendo as suas leituras, comparecer a visitas de acompanhamento e encontrar-se com uma amizade de longa data.

Para o participante 3, dias habituais foram fazer a rotina pessoal em casa, receber visita de acompanhamento, ir às Finanças, à CARRIS, estudar e ir à formação do IEFP.

Para a participante 4, dias típicos foram fazer a rotina pessoal, religiosa e de lida da casa, almoçar no refeitório e encontrar-se com uma pessoa conhecida numa loja que fica no seu percurso diário.

Para a participante 5, dias habituais são ir ao estágio laboral no MediaMarkt e descansar em casa.

Estes resultados, que correspondem à resposta à primeira questão de investigação - o que são dias típicos ou atípicos de pessoas integradas no Programa Housing First? - estão em consonância com a Teoria das Regularidades Sociais, que defende que estas regularidades se manifestam através de normas, padrões de interação, que se influenciam mutuamente, e que em qualquer contexto, existem numerosos processos sociais a ocorrer simultaneamente (Seidman, 2012).

Por outro lado, outro objetivo foi procurar compreender se existem diferenças na utilização do espaço pelas pessoas que estavam em situação de sem-abrigo, atualmente participantes do Programa Casas Primeiro.

P1: Na rua, estava a dormir dentro de uma escada. Quando tinha dinheiro bebia, quando não tinha não bebia (...) Não saia ali daquele ambiente. [Na instituição] Saia, saia de manhã, depois tínhamos que entrar às quatro. Olhe, andava na rua, às voltas...

P2: Era muito diferente desta. Porque uma coisa é nós termos uma casinha para estarmos, do que sermos sem-abrigo e termos que estar de mochila ou termos que andar com isto, ou então vamos só para um sítio, ou então não vamos.

P3: Eu dormia aí, ficava na área da igreja (...) Ia pa aí beber um cafezinho (...) E depois tar, tar como costuma jogar no jardim constantino, ou jogava, ou via, ou... era assim.

P4: No Albergue (...) tínhamos que sair, não podíamos lá ficar. E só entrávamos depois, a partir das cinco (...) No Ponto de Luz, não, era diferente, era como se fosse a minha casa. Se eu quisesse ficar o dia todo, ficava.

P5: Era, (diferente) porque eu passava o dia inteiro na rua, não tinha para onde ir. Sentia-me perdida, sem objetivos. Depois tinha que recorrer ao balneário para tomar banho, ao balneário de Alcântara, que só estava aberto de quarta a domingo. Portanto, até a situação da higiene era, pronto, era muito... bem, tentava cuidar mas é difícil, era muito difícil.

Os padrões que as pessoas tinham quando estavam em situação de sem-abrigo, de rotina na rua ou em instituições, eram restritivos de acesso a todos os seus direitos e potenciais recursos. Características externas, comportamentos e experiência subjetiva constituíram o *setting* de atividades, unidade básica de análise nas intervenções comunitárias e na presente investigação, valorizando-se principalmente como é que as pessoas experienciam o ambiente (Hawe, 2017).

De acordo com os resultados, a integração no Programa permitiu mais estabilidade habitacional, liberdade de circulação e construção de rotinas individuais, de descanso e higiene. Note-se como todos(as) os(as) inquilinos(as) têm passe, o que pode promover a sua facilidade de deslocação na cidade.

Estes resultados estão de acordo com o esperado através de uma intervenção humanista e de concretização dos direitos humanos, que promove a estabilidade habitacional e um aumento da qualidade de vida (Ly & Latimer, 2015; Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al., 2020; Ornelas, 2013; Padgett, Henwood & Tsemberis, 2016, cit. por Padgett, 2020; Shats, 2014, cit. por Padgett, 2020).

A alteração do sentimento de segurança descrito parece ter funcionado como motivação para que as pessoas explorem novas rotinas, se envolvam em interações pró-sociais, reduzam o uso de substâncias e expandam as suas redes e papéis sociais, tal como Patterson et al. (2013), citado por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy, et al. (2020) referem.

P1: E é totalmente diferente, não é? Estar uma pessoa aqui... sozinha. Sujeita a qualquer coisa, não é? (...) Claro que se sente mais seguro.

P2: Ah, sim, claro. É totalmente diferente. Não se vai comparar uma pessoa sem-abrigo, com uma pessoa com uma casa, não é?

P3: Sim. Passei lá ontem, onde estão os cacifos. Há duas portas que têm a parte de baixo, a chapa levantada.

P4: Ah, claro! Na rua, a pessoa não está bem. Vamos que aparece alguém?

P5: Não tem nada a ver. Na outra é que eu não tinha segurança nenhuma. Nenhuma, mesmo. (...) E uma diferença muito grande.

Os resultados qualitativos que podemos significar da análise temática das entrevistas, no que se refere à segunda questão de investigação - que recursos é que

os(as) inquilinos(as) estão a utilizar após a integração no Programa? -, foram: a habitação, a televisão, o rádio, supermercados, talho, lojas de conveniência, cabeleireiro, banco, uma loja, emprego informal, formações do IEFP, estágio profissional do IEFP, o estabelecimento da Segurança Social, o estabelecimento do IEFP, o estabelecimento da CARRIS, o estabelecimento das Finanças, espaços públicos, como jardins, restaurante Kebab, centros de apoio alimentar, café do bairro, área de emprego da AEIPS, urgência hospitalar, e amizades ou pessoas conhecidas ou familiares.

Os testemunhos alinham-se com os pressupostos da Ecologia, e das intervenções e investigações de base comunitária, que salientam as capacidades de adaptação e resiliência, das pessoas, a influência do contexto (Holahan, 1977; Rappaport, 1987). Ainda para mais, reforça que os padrões construídos pelas pessoas, dependem de características externas, comportamentos e experiência subjetiva (Hawe, 2017).

Respondendo à questão de investigação 3 - em que medida é que as pessoas inquilinas do Programa Housing First se sentem integradas? - os participantes 3 e 5 referem que sentem que fazem parte e/ou estão integrados no seu bairro e/ou comunidade:

P3: Sim.

P5: Sim. Estou.

Isto vai ao encontro do pressuposto da dispersão das habitações como facilitadora da integração na comunidade mais abrangente. O facto de as casas serem alugadas no mercado normativo, em bairros com acesso aos recursos da comunidade, faz com o processo da integração psicossocial seja facilitado (Martins, Ornelas, & Silva, 2016; Ornelas, Martins, Zilhão, & Duarte, 2014; Shinn, 2015; Ware et al., 2007, cit. por Greenwood, Manning, O'Shaughnessy et al., 2020).

No entanto, o Participante 1 refere que não se sente que integrado, que não faz parte do seu bairro / da sua comunidade:

P1: Onde? Na Mouraria? Não! Não, nem quero, é que nem quero. Nem pensar nisso.

O Participante 2 mudou de habitação recentemente, pelo que, relativamente ao sentimento de integração no bairro / vizinhança, descreve:

P2: Não vamos tar a tirar conclusões precipitadas, que é cedo. Estou aqui há 25 dias, 20 dias, praticamente... E, e... é cedo para tirar essas, elações... Porque é assim, só com o tempo é que se vai... criando raízes, como tenho para trás.

A Participante 4 também não se sente integrada:

P4: Não. Sinto que cada um está na sua vida (...) Não gosto de muita conversa porque pode dar porcaria (...) Não sou pessoa de me abrir com outras pessoas, a não ser de pessoas que eu já conheço, com que eu cresci.

Relativamente a estes resultados, de que três participantes em cinco não se sentem integrados, estes podem ter que ver com o desenvolvimento do sentimento de confiança, que ainda se está a co-construir ao longo do tempo, e que está a surgir através de uma contribuição recíproca com uma rede de apoio (Bullen & Onyx, 1998, cit. por Cordier et al., 2017).

Por outro lado, também pode pesar a importância da escolha da habitação, tal como Tsemberis, Gulcur e Nakae (2004) explicitam na literatura. Os participantes 1 e 4 não se sentem satisfeitos com a localização da sua habitação.

P1: Para mim é zero. (...) Pelo ambiente, só e mais nada. (...) É muita droga, é muita droga, é muita mistura de pessoas, tudo à mistura.

P4: Não gosto da zona.

A flexibilidade individualizada e contextualista da intervenção ecológica e colaborativa do programa Housing First, permite que exista a possibilidade de uma melhor compatibilização com as escolhas, preferências e necessidades dos(as) inquilinos(as), contribuindo para uma maior satisfação e confiança (Bullen & Onyx, 1998, cit. por Cordier et al., 2017; Ly & Latimer, 2015; Martins, Ornelas, & Silva, 2016). Neste sentido, poderá existir a possibilidade de se realizar uma mudança da localização das casas destas pessoas, que não estão satisfeitas com este fator.

De qualquer modo, todos(as) os(as) participantes referem que o que foi mais transformador no programa foi a casa e o acompanhamento técnico - questão de

investigação 4 -, permitindo uma nova oportunidade de desenvolvimento das suas vidas, o que vai ao encontro das conclusões do estudo de Ornelas, Martins, Zilhão e Duarte (2014).

P1: Foi ter conseguido a casa. (...) E, depois em segundo lugar, é uma pessoa sentir-se que não, que não está sozinha, não é?

P2: Desde o acompanhamento médico, desde o acompanhamento em casa, em tudo o que foi importante, e em tudo o que vocês fizeram, tudo, para mim, tudo isso tem um valor.

P3: É o vosso apoio.

P4: De me terem dado a casa. (...) E da forma como eu fui acolhida.

P5: Foi mesmo ter a estabilidade de ter um teto. De ter um sítio para chegar ao fim do dia e onde poder estar em paz.

Surgiu um padrão temático, relatado por 4 dos 5 participantes, sobre o qual nos debruçamos na presente discussão. A gestão monetária foi um fator que sobressaiu em todas as entrevistas, com exceção da realizada com o Participante 2, de resto existindo uma preocupação pela gestão dos rendimentos, parecendo que a rotina do dia a dia se regulariza, de acordo com o dia do mês do recebimento. A integração no Programa Casas Primeiro, permite que as pessoas potencialmente tenham acesso a mais recursos monetários, por exemplo, ao ingressarem em formação remunerada. Mas a longo prazo, estas pessoas estão sempre a lidar com rendimentos baixos e com uma realidade socioeconómica de pobreza.

P1: Fui ao supermercado, também não é habitual, agora... Só quando se pode, não é?

P3: Eu tenho aí. (café) Não vou estar a gastar dinheiro.

P4: E eu só vou levantar a receita, no dia oito, quando tiver dinheiro.

P5: Do dinheiro e daquilo que se traz. Tem de se ter muita calma com o dinheiro que se gasta.

Por outro lado, ao explorarmos, através da questão de investigação 5, as perspetivas futuras dos participantes, conseguimos perceber como as prioridades dependem do ponto de situação das pessoas. No entanto todas almejando por ingressar no mercado de trabalho com contrato seguro e permanente:

P1: Está tudo no começo, quero levar as coisas devagar (...) O meu objetivo agora... é parar com a bebida (...) a ver se... consigo... eu e ele conseguimos fazer isso, do contrato e essas coisas todas. Que é para me sentir útil a 100%, para contribuir a sério para a, para a... para a sociedade, não é?

P2: Arranjar um trabalho, não sei... Trabalhar para ter... outras condições de vida. (...) Desde que nós tenhamos uma estabilidade sustentável, económica, economicamente, que desse pa nós pagarmos rendas, pa nos alimentarmos, se não a precisar de ajuda de mais ninguém, era ... Era um dos projetos que eu gostava.

P3: É ter trabalho (...) Seguro!

P4: Eu gostava de estar a fazer alguma coisa (...) a trabalhar. (...) Contratam e que se sintam satisfeitos com o meu trabalho. (...) Para eu ser uma mais-valia para a empresa e uma mais-valia para mim.

P5: É encontrar um emprego estável. E não andar sempre a fazer formações. (...) Com um contrato (...) Que me permita até ter mais tranquilidade. Por exemplo, agente estamos uns meses em formação, e depois? Começamos a pensar: “E depois de onde é que vem o dinheiro?”

Note-se como o emprego, a educação e a formação são sub-dimensões da participação económica (Cordier, Milbourn, Martin, Buchanan, Chung, & Speyer, 2017), relacionada com a integração psicossocial. O emprego possibilita que as pessoas sejam participantes ativos nas suas comunidades, promovendo a garantia da igualdade de oportunidades e direitos fundamentais (Filipe & Barroso, 2005).

Os resultados desconstroem, tal como no estudo de de Sousa e de Almeida (2001), o mito de que as pessoas estão em situação de sem-abrigo por escolha própria e que valorizam a liberdade de não ter responsabilidades ou compromissos sociais. Pelo contrário, vão ao encontro de que as pessoas preferem viver com dignidade numa habitação com condições.

Martins, Ornelas e Silva (2016) fazem notar a abrangência da intervenção Housing First, em que a equipa procura perceber as necessidades dos (as) inquilinos(as),

no que toca, por exemplo, a estas questões educacionais e de empregabilidade (Martins, Ornelas, & Silva, 2016).

Aponte-se para a intervenção ecológica e colaborativa da Psicologia Comunitária, que faz a ligação entre os vários níveis do sistema (Tsemberis, 2010), desde o individual - neste caso, a pessoa em situação de sem-abrigo -, ao das políticas públicas - por exemplo, políticas habitacionais, sobre a educação e emprego. Salienta-se a importância da passagem à prática concreta, das políticas para a resolução da problemática da existência de pessoas em situação de sem-abrigo (de Sousa, & de Almeida; 2001; Padgett, 2020), já que o hiato entre a teoria e a prática ainda é grande, na resposta às necessidades desta população (Padgett, 2020; Fitzpatrick-Lewis, et al., 2011).

As pessoas, através das suas rotinas, incluem-se num contexto, fazendo parte de um sistema, que parece sempre trabalhar para o seu bem-estar e sustentabilidade (Hawe, 2017). A habitação é um espaço que possibilita o desenvolvimento do ativismo e de orientações políticas (Zavisca & Gerber, 2016). Os movimentos sociais e o ativismo, podem alterar e estreitar a relação entre o abstrato e o concreto (Patillo, 2013).

O presente trabalho parece indicar que as pessoas entrevistadas, inquilinas em Housing First, através do recurso da casa - seu direito humano -, voltam a desenvolver a sua cidadania, entrando em processos de empoderamento e recovery. Finalmente, reconhece-se, conjuntamente, o potencial dos seus contributos para a sociedade alargada, promovendo que se descubra o papel do ativismo.

## Conclusão

Este estudo representa vários privilégios: de poder aprender com as experiências e conhecimentos de pessoas que estiveram em situação de sem-abrigo, como sobrevivem e se adaptam, continuando a ter esperanças e objetivos em relação ao futuro; de através destes testemunhos, poder utilizar a academia a favor da mudança social e da informação de políticas públicas; e de poder disseminar e fazer parte de um movimento programático - Housing First - humanista de defesa e reconquista dos direitos humanos.

A intenção foi a de ampliar as vozes dos participantes nas suas contribuições sociopolíticas, que em consonância com os princípios ecológicos e colaborativos da Psicologia Comunitária, devem ser privilegiados na construção e aplicação de qualquer intervenção.

No que se relaciona com as limitações deste estudo, considero que existiram algumas. Por exemplo, a riqueza dos dados obtidos nas entrevistas com os participantes poder depender do ponto de recovery individual, sendo que existiram diferenças nos níveis de funcionamento dos(as) inquilinos(as), a este nível. De qualquer modo, acredito que devemos valorizar esta diversidade. Acresce a este ponto, o número reduzido de participantes da amostra, que faz com que os resultados não possam ser generalizáveis, mas servem de serviço descritivo exploratório, para que estudos futuros possam continuar a exploração, no sentido de encontrar mais padrões de comportamentos e contributos sociopolíticos. Considero que seria interessante também continuar o estudo a nível longitudinal, em outros pontos temporais, no sentido de perceber como as rotinas se alteram ao longo do tempo, do estabelecimento de confiança, de habituação à casa e de desenvolvimento de laços na comunidade.

Acredito que esta investigação promoveu uma reflexão positiva dos participantes, relativamente aos seus percursos, proporcionando um momento em que pudemos parar para refletir, em conversa colaborativa num processo de aprendizagem mútua. Para além disto, creio que este trabalho contribuiu para desconstruir estereótipos de culpabilização e diminuição de valor e expectativas das pessoas em situação de

sem-abrigo, salientando a importância de uma habitação, ponto de partida para todas as dimensões e desenvolvimento da vida das pessoas.

Aprendi sobre a perseverança que, naturalmente, as pessoas desenvolvem nos seus contextos. Ecologicamente, todos(as) podem ter a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento e manutenção de estruturas e recursos que favorecem, de uma forma colaborativa, justa e humanitária, um sistema sustentável.

A pertinência deste estudo, com a força dos testemunhos, é o seu poder de contribuir para a literatura, como mais uma prova da importância da habitação, da pertinência e eficácia do Programa Housing First, e de como ainda falta percorrer um longo caminho para que pessoas em situação de extrema vulnerabilidade tenham as suas necessidades e direitos básicos humanos assegurados. Outra intenção é que o presente trabalho sirva como intensificador para o comprometimento dos Estados e Organizações Nacionais e Internacionais, relativamente às questões de aplicação do programa Housing First como resposta habitacional à problemática da existência de pessoas em situação de sem-abrigo.

## Referências Bibliográficas

- Alves, F. (2017). Psiquiatria e comunidade: Elementos de reflexão. *Actas Dos Ateliers Do Vº Congresso Português De Sociologia*. (p.56–64). Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção. Retirado de [https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4628f725bc048\\_1.pdf](https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4628f725bc048_1.pdf)
- Amadeo, K. (2021, maio 29). *What was desinstitutionalization?*. Retirado de <https://www.thebalance.com/deinstitutionalization-3306067#cons>
- Ann Wright, P., & Kloos, B. (2007). Housing environment and mental health outcomes: A levels of analysis perspective. *Journal of Environmental Psychology*, 27(1), 79–89. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2006.12.001>
- Assembleia da República (2005). *Constituição da República Portuguesa. VII Revisão Constitucional*. Retirado de <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/constpt2005.pdf>
- Ann Wright, P., & Kloos, B. (2007). Housing environment and mental health outcomes: A levels of analysis perspective. *Journal of Environmental Psychology*, 27(1), 79–89. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2006.12.001>
- Bartholomew, T. T., & Brown, J. R. (2012). Mixed methods, culture, and psychology: A review of mixed methods in culture-specific psychological research. *International Perspectives in Psychology: Research, Practice, Consultation*, 1(3), 177. <https://doi.org/10.1037/a0029219>
- Business Council for Sustainable Development Portugal (2022). *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Consultado em 15 de outubro de 2022. Disponível em <https://ods.pt/objectivos/11-cidades-e-comunidades-sustentaveis/>
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using Thematic Analysis in Psychology, *Qualitative Research in Psychology*, 3(2) pp.77-101.
- Busch-Geertsema, V. (2014). Housing first europe: Results of a european social experimentation project. *European Journal of Homelessness*, 8(1). Retirado de [https://www.feantsaresearch.org/download/article-01\\_8-13977658399374625612.pdf](https://www.feantsaresearch.org/download/article-01_8-13977658399374625612.pdf)

- Cattaneo, L. B., & Chapman, A. R. (2010). The process of empowerment: A model for use in research and practice. *American Psychologist*, 65(7), 646–659.  
<https://doi.org/10.1037/a0018854>
- Comissão Europeia. (2017). *O Pilar Europeu dos Direitos Sociais em 20 princípios*. Consultado a 25 de outubro de 2022. Disponível em  
[https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/economy-works-people/jobs-growth-and-investment/european-pillar-social-rights/european-pillar-social-rights-20-principles\\_pt#captulo-iii-proteo-e-incluso-sociais](https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/economy-works-people/jobs-growth-and-investment/european-pillar-social-rights/european-pillar-social-rights-20-principles_pt#captulo-iii-proteo-e-incluso-sociais)
- Comissão Nacional da Unesco (2022). *Os 17 ODS*. Consultado a 23 de outubro de 2022. Disponível em  
<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/os-17-ods>
- Conley, D. & Gifford, B. (2006). Home Ownership, Social Insurance, and the Welfare State. *Sociological Forum*, 21(1), 55–82. <https://doi:10.1007/s11206-006-9003-9>
- Cordier, R., Milbourn, B., Martin, R., Buchanan, A., Chung, D., & Speyer, R. (2017). A systematic review evaluating the psychometric properties of measures of social inclusion. *PLoS ONE*, 12(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0179109>
- de Sousa, F. M., & de Almeida, S. M. (2001). E se perguntássemos aos Sem-Abrigo?! Satisfação e necessidades percebidas face aos serviços, num abrigo de Lisboa = And if we were to ask about the homeless?! Perceived satisfaction with services and the need for services in a Lisbon shelter. *Análise Psicológica*, 19(2), 299–312.
- European Commission (2016). Housing First: Peer review in social protection and social inclusion. Synthesis Report. *Social Europe*. Belgium, 16-17 March.
- ENIPSSA (2017). *Enquadramento*. Consultado a 29 de setembro de 2022. Disponível em <https://www.enipssa.pt/enquadramento>
- Etikan, I., Musa, S. A., & Alkassim, R. S. (2016). Comparison of convenience sampling and purposive sampling. *American Journal of Theoretical and Applied Statistics*, 5(1), 1-4.

- Filipe, L., Barroso, F. (2005). *Novos desafios para o emprego apoiado: Reflexões de 15 anos de experiência*. In AEIPS. (2005). *Participação e Empowerment das Pessoas com Doença Mental e seus Familiares*. (1a Edição). Coord.: Ornelas, J., Monteiro, F. J., Moniz, M. J. V., & Duarte, T. AEIPS Edições. ISBN: 972-99904-0-9
- Fitzpatrick-Lewis, D., Ganann, R., Krishnaratne, S., Ciliska, D., Kouyoumdjian, F., & Hwang, S. W. (2011). Effectiveness of interventions to improve the health and housing status of homeless people: a rapid systematic review. *BMC Public Health*, 11(1), 638–0. <https://doi:10.1186/1471-2458-11-638>
- Frankish, C. J., Hwang, S. W., & Quantz, D. (2005). Homelessness and health in Canada: Research lessons and priorities. *Can J Public Health*, 96(Suppl 2): S23-29.
- Gulcur, L., Stefancic, A., Shinn, M., Tsemberis, S., & Fischer, S. N. (2003). Housing, hospitalization, and cost outcomes for homeless individuals with psychiatric disabilities participating in continuum of care and housing first programmes. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 13, 171–186.
- Greenwood, R. M., Manning, R. M., O’Shaughnessy, B. R., Vargas-Moniz, M. M. J., Loubière, S., Spinnewijn, F., Lenzi, M., Wolf, J. R., Bokszczanin, A., Bernad, R., Källmén, H., & Ornelas, J. (2020). Homeless adults’ recovery experiences in housing first and traditional services programs in seven European countries. *American Journal of Community Psychology*, 65(3–4), 353–368. <https://doi.org/10.1002/ajcp.12404>
- Greenwood, R. M., Stefancic, A., Tsemberis, S., & Volker B. (2013). Implementations of Housing First in Europe: Successes and Challenges in Maintaining Model Fidelity. *American Journal of Psychiatric Rehabilitation*, 16(4), 290–312. <https://doi:10.1080/15487768.2013.847764>
- Halcomb, E. J., & Davidson, P. M. (2006). Is verbatim transcription of interview data always necessary?. *Applied Nursing Research*, 19(1), 0–42. <https://doi:10.1016/j.apnr.2005.06.001>
- Hawe, P. (2017). The contribution of social ecological thinking to community

psychology: Origins, practice, and research. In M. A. Bond, I. Serrano-García, C. B. Keys, M. Shinn, M. A. Bond (Ed), I. Serrano-García (Ed), C. B. Keys (Ed), & M. (ORCID: 0000-0002-6681-8273) Shinn (Ed) (Eds.), *APA handbook of community psychology: Theoretical foundations, core concepts, and emerging challenges.*, Vol. 1. (pp. 87–105). American Psychological Association.

<https://doi.org/10.1037/14953-00>

Hogan, M. F. (2003). The president's new freedom commission: Recommendations to transform mental health care in America. *Psychiatric Services*, 54, 1467–1474.

<https://doi:10.1176/appi.ps.54.11.1467>

Holahan, C. J. (1977). The role of ecology in community psychology: A tale of three cities. *Professional Psychology*, 8(1), 25–32.

<https://doi.org/10.1037/0735-7028.8.1.25>

Holahan, C. J., & Spearly, J. L. (1980). Coping and ecology: An integrative model for community psychology. *American Journal of Community Psychology*, 8(6),

671–685. <https://doi.org/10.1007/BF00918279>

Holmes, A., Carlisle, T., Vale, Z., Hatvani, G., Heagney, C., & Jones, S. (2017).

Housing First: permanent supported accommodation for people with psychosis who have experienced chronic homelessness. *Australasian Psychiatry*. 25(1); 56-59. doi:[10.1177/1039856216669916](https://doi.org/10.1177/1039856216669916)

Instituto de Segurança Social (2005). *Estudo dos Sem-Abrigo*. Lisboa: Grafilinha, Lda.

Instituto da Segurança Social (2009). *Guia Prático: Respostas Sociais – Família e Comunidade – Família e Comunidade em Geral*. Retirado de

[http://www4.segsocial.pt/documents/10152/14961/apoios\\_sociais\\_crianças\\_jovens\\_deficiencia](http://www4.segsocial.pt/documents/10152/14961/apoios_sociais_crianças_jovens_deficiencia).

Jorge-Monteiro, M. F. (2015). *Contributos do modelo “empowerment - comunidade” para a mudança transformativa na saúde mental comunitária: Análise comparativa*. (Tese de doutoramento, ISPA – Instituto Universitário, Portugal).

Disponível em

<https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/4602/1/TES%20MONT%20MF1.pdf>

f

- Kelly, J. G. (2006). *Becoming Ecological: An Expedition into Community Psychology*. Oxford University Press.  
<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195173796.001.0001>
- Kloos, B., & Shah, S. (2009). A social ecological approach to investigating relationships between housing and adaptive functioning for persons with serious mental illness. *American Journal of Community Psychology*, 44(3–4), 316–326.  
<https://doi.org/10.1007/s10464-009-9277-1>
- Kloos, B., & Townley, G. (2011). Investigating the relationship between neighborhood experiences and psychiatric distress for individuals with serious mental illness. *Administration and Policy in Mental Health and Mental Health Services Research*, 38(2), 105–116. <https://doi.org/10.1007/s10488-010-0307-y>
- KoreaScience. (2009). Possibilities and Evaluation of the Tokyo Metropolitan 'Housing First' Program: Focusing on its "support program for helping the homeless reintegrate". Consultado a 18 de outubro de 2022. Disponível em <https://koreascience.kr/article/CFKO200935738821759.page>
- Langhout, R. D., Fernández, J. S., Wyldbore, D. & Savala, J. (2016). Photovoice and house meetings as tools within participatory action research. In Jason, L. A. & Glenwick, D. S. *Handbook of Methodological Approaches to Community-based Research*. Oxford. Cap. 9, pp. 81-92.
- Lucas, M. I. (2019). *Os (as) intervenientes sociopolíticos e o modelo housing first: Perspetivas e desafios no apoio às pessoas em situação de sem-abrigo*. (Tese de mestrado, ISPA – Instituto Universitário, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/7271/1/22616.pdf>
- Ly, A., & Latimer, E. (2015). Housing First impact on costs and associated cost offsets: A review of the literature. *The Canadian Journal of Psychiatry / La Revue Canadienne de Psychiatrie*, 60(11), 475–487.
- Manning, R. M., & Greenwood, R. M. (2019). Understanding innovation in homeless service provision: A study of frontline providers' values-readiness for change. *Administration and Policy in Mental Health and Mental Health Services Research*, 46(5), 649–659. <https://doi.org/10.1007/s10488-019-00943-0>
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS (3ª Edição)*. Edições

Sílabo Lda.

Martins, P., Ornelas, J., & Silva, A. C. (2016). The role of perceived housing quality and perceived choice to recovery: An ecological perspective on a housing first program in Lisbon. *Journal of Environmental Psychology*, 47, 44–52.

<https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.05.004>

Médicins du Monde. (2017). Housing First Tokyo Project. Disponível em

<https://www.mdm.or.jp/project-en/4262/>

Nações Unidas. (2022). *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. 17 objetivos para mudar o nosso mundo*. Consultado a 25 de outubro de 2022. Disponível em

<https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel>

Neal, J. W., & Neal, Z. P. (2013). Nested or Networked? Future Directions for Ecological Systems Theory. *Social Development*, 22(4), 722–737.

<https://doi.org/10.1111/sode.12018>

Nelson, G. (2010). Housing for people with serious mental illness: Approaches, evidence, and transformative change. *Journal of Sociology & Social Welfare*, Vol. 37: Iss. 4, Article 7. Disponível em:

<https://scholarworks.wmich.edu/jssw/vol37/iss4/>

Ornelas, J. (2008). *Psicologia Comunitária*. Fim de Século Edições, Sociedade Unipessoal, Lda. Lisboa.

Ornelas, J. (2013). Final evaluation report of casas primeiro program. *Housing First Europe Local Evaluation Report Lisbon*. Retirado de <https://www.socialstyrelsen.dk/housingfirsteurope>

Ornelas, J., Martins, P., Zilhão, M. T., & Duarte, T. (2014). Housing first: An ecological approach to promoting community integration. *European Journal of Homelessness*. Vol. 8(1).

Padgett, D. K. (2007). There's no place like (a) home: Ontological security among persons with serious mental illness in the United States. *Social Science & Medicine*, 64(9), 1925–1936. <https://doi:10.1016/j.socscimed.2007.02.011>

Padgett, D. K., Henwood, B., & Tsemberis, S. (2016). *Housing First: Ending*

*homelessness, transforming systems and changing lives*. Oxford University Press.

<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199989805.001.0001>

Padgett, D. K. (2020). Homelessness, housing instability and mental health: Making the connections. *BJPsych Bulletin*, 44(5), 197–201.

<https://doi.org/10.1192/bjb.2020.49>

Parlamento Europeu. (2021). *Resolução do Parlamento Europeu, de 21 de janeiro de 2021, sobre o acesso a uma habitação digna e a preços acessíveis para todos (2019/2187(INI))*. Consultado a 24 de outubro de 2022. Disponível em

[https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2021-0020\\_PT.html](https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2021-0020_PT.html)

Pattillo, M. (2013). Housing: Commodity versus Right. *Annual Review of Sociology*, 39(1), 509–531. <https://doi:10.1146/annurev-soc-071312-145611>

Petit, J.M., Loubiere, S., Vargas-Moniz, M.J. et al. (2018). Knowledge, attitudes, and practices about homelessness and willingness-to-pay for housing-first across 8 European countries: a survey protocol. *Arch Public Health*, 76, 71

<https://doi.org/10.1186/s13690-018-0317-x>

Pleace, N. (s. d.). Housing First. European Observatory on Homelessness. Disponível em

[https://www.feantsaresearch.org/download/housing\\_first\\_pleace3790695452176551843.pdf](https://www.feantsaresearch.org/download/housing_first_pleace3790695452176551843.pdf)

Poland, B. D. (1995). Transcription Quality as an Aspect of Rigor in Qualitative Research. *Qualitative Inquiry*, 1(3), 290–310.

<https://doi:10.1177/107780049500100302>

Rappaport, J. (1987). Terms of empowerment/exemplars of prevention: Toward a theory for community psychology. *American Journal of Community Psychology*, 15(2), 121–148. <https://doi.org/10.1007/BF00919275>

República Portuguesa (2020). *Protocolos com associações criam habitações para pessoas sem-abrigo*.

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=protocolos-com-associacoes-criam-habitacoes-para-pessoas-sem-abrigo>

- República Portuguesa (2020). *Protocolos que garantem respostas de alojamento já abrangem 291 pessoas*.  
<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/comunicado?i=protocolos-que-garantem-respostas-de-alojamento-ja-abrangem-291-pessoas>
- Seidman, E. (1990). Pursuing the meaning and utility of social regularities for community psychology. In P. Tolan, C. Keys, F. Chertok, & L. A. Jason (Eds.), *Researching community psychology: Issues of theory and methods*. (pp. 91–100). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10073-008>
- Seidman, E. (2012). An emerging action science of social settings. *American Journal of Community Psychology*, 50(1–2), 1–16.  
<https://doi.org/10.1007/s10464-011-9469-3>
- Serme-Morin, C. & Coupechoux, S. (Coord.) (2021). *Sixth overview of housing exclusion in europe 2021*. Fondation Abbé Pierre - FEANTSA.  
[https://www.feantsa.org/public/user/Resources/reports/2021/6th\\_Overview\\_of\\_Housing\\_Exclusion\\_in\\_Europe\\_2021\\_EN.pdf](https://www.feantsa.org/public/user/Resources/reports/2021/6th_Overview_of_Housing_Exclusion_in_Europe_2021_EN.pdf)
- Stewart, K., & Townley, G. (2020). How far have we come? An integrative review of the current literature on sense of community and well-being. *American Journal of Community Psychology*, 66(1–2), 166–189. <https://doi.org/10.1002/ajcp.12456>
- Stiker, H. (2018, março 1). *Deinstitutionalization*. *Encyclopedia Britannica*. Retirado de <https://www.britannica.com/topic/deinstitutionalization>
- Tashakkori, A., & Creswell, J. W. (2007). The new era of mixed methods. *Journal of Mixed Methods Research*, 1, 3–7. <https://doi:10.1177/2345678906293042>
- Terry, R., & Townley, G. (2019). Exploring the role of social support in promoting community integration: An integrated literature review. *American Journal of Community Psychology*, 64(3–4), 509–527. <https://doi.org/10.1002/ajcp.12336>
- Toro, P., Bellavia, C., Wall, D., Smith, S., Rabideau, J., Daeschler, C. & Thomas, D. (1997). Evaluating an Intervention for Homeless Persons: Results of a Field Experiment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(3), 476-484.
- Townley, G., Miller, H. & Kloos, B. (2013). A little goes a long way: The impact of

distal social support on community integration and recovery of individuals with psychiatric disabilities, *American Journal of Community Psychology*, 52(1-2) pp.84-96.

Townley, G., & Kloos, B. (2009). Development of a measure of sense of community for individuals with serious mental illness residing in community settings. *Journal of Community Psychology*, 37(3), 362–380. <https://doi.org/10.1002/jcop.20301>

Townley, G., & Kloos, B. (2011). Examining the psychological sense of community for individuals with serious mental illness residing in supported housing environments. *Community Mental Health Journal*, 47(4), 436–446. <https://doi.org/10.1007/s10597-010-9338-9>

Townley, G., & Kloos, B. (2014). Mind over matter? The role of individual perceptions in understanding the social ecology of housing environments for individuals with psychiatric disabilities. *American Journal of Community Psychology*, 54(3–4), 205–218. <https://doi.org/10.1007/s10464-014-9664-0>

Townley, G., Pearson, L., Lehrwyn, J. M., Prophet, N. T., & Trauernicht, M. (2016). Utilizing participatory mapping and GIS to examine the activity spaces of homeless youth. *American Journal of Community Psychology*, 57(3–4), 404–414. <https://doi.org/10.1002/ajcp.12060>

Trickett, E. J. (2009). Community psychology: Individuals and interventions in community context. *Annual Review of Psychology*, 60, 395–419. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.60.110707.163517>

Tsemberis, S. (1999). From streets to homes: An innovative approach to supported housing for homeless adults with psychiatric disabilities. *Journal of Community Psychology*, 27(2), 225–241. [https://doi:10.1002/\(sici\)1520-6629\(199903\)27:2<225::aid-jcop9>3.0.co;2-y](https://doi:10.1002/(sici)1520-6629(199903)27:2<225::aid-jcop9>3.0.co;2-y).

Tsemberis, S. (2010). *Housing first manual: The pathways model to end homelessness for people with mental health and substance use disorders*. City Center, MN: Hazeldon.

- Tsemberis, S., Gulcur, L., & Nakae, M. (2004). Housing First, consumer choice, and harm reduction for homeless individuals with a dual diagnosis. *American Journal of Public Health*, 94, 651– 656.
- Tsemberis, S., Moran, L., Shinn, M., Asmussen, S. M., & Shern, D. L. (2003). Consumer preference programs for individuals who are homeless and have psychiatric disabilities: A drop-in center and a supported housing program. *American Journal of Community Psychology*, 32(3-4), 305–317.  
<https://doi:10.1023/b:ajcp.0000004750.66957.bf>
- United Nations Human Rights Office of the High Commissioner. (2019). Guidelines for the Implementation of the Right to Adequate Housing. United Nations Human Rights Office of the High Commissioner,  
<https://www.ohchr.org/en/special-procedures/sr-housing/guidelines-implementation-right-adequate-housing>
- Watson, D. P., Shuman, V., Kowalsky, J., Golembiewski, E., & Brown, M. (2017). Housing First and harm reduction: A rapid review and document analysis of the US and Canadian open-access literature. *Harm Reduction Journal*, 14.  
<https://doi.org/10.1186/s12954-017-0158-x>
- Zavisca, J. R., & Gerber, T. P. (2016). The socioeconomic, demographic, and political effects of housing in comparative perspective. *Annual Review of Sociology*, 42, 347–367. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-081715-074333>
- Zimmerman, (2000). Empowerment Theory: Psychological, organizational and community levels of analysis. In Rappaport, J., Seidman, E. (Eds.), *Handbook of Community Psychology*. (pp. 43–63). Kluwer Academic/Plenum Publishers.  
[https://doi:10.1007/978-1-4615-4193-6\\_2](https://doi:10.1007/978-1-4615-4193-6_2)

## Anexos

### Anexo 1: Consentimento Informado

#### CONVITE À PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO

#### **Estudo sobre as rotinas de pessoas participantes no Housing First e relação com a sua integração social**

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Este documento é um formulário de consentimento informado, esclarecido e livre para participação num estudo de investigação.

Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações.

Este estudo insere-se no contexto da elaboração de uma Tese de Mestrado em Psicologia Comunitária no ISPA-IU, orientada pela Prof.ª Doutora Maria João Vargas-Moniz, no sentido de obtenção do grau de Mestre.

Este estudo será realizado através de entrevistas semi-estruturadas gravadas e aplicadas, presencialmente, num local à escolha dos/das participantes. As entrevistas irão basear-se na recolha de dados biográficos e em perguntas abertas, sendo realizadas uma vez por semana, durante 5 dias. As entrevistas serão gravadas via áudio e iremos garantir a proteção do conteúdo das entrevistas, através da destruição de gravações dentro do prazo de 1 ano.

A participação neste estudo é de carácter voluntário, sendo que não existe qualquer prejuízo caso não queira participar. Mais, cumpre informar que este estudo segue todos os Princípios Éticos, salvaguardando os direitos da pessoa participante. Garantimos a confidencialidade e o uso exclusivo dos dados recolhidos para o presente estudo. O anonimato é assegurado, não sendo registados outros dados de identificação para além do presente documento. Os dados recolhidos serão reservados num local institucional, ao qual só a investigadora e a orientadora terão acesso.

Agradecemos desde já toda a sua colaboração e disponibilidade.

Pode contactar-nos a qualquer momento através dos e-mails: [25980@alunos.ispa.pt](mailto:25980@alunos.ispa.pt) e [maria\\_moniz@ispa.pt](mailto:maria_moniz@ispa.pt).

#### **Assinatura/s de quem pede consentimento:**

---

Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento, por favor.

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora. Estou informado que irei receber 3 vouchers no valor de 10 euros cada pela minha participação neste estudo.

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO POR 1 PÁGINA E FEITO EM DUPLICADO: UMA PARA A INVESTIGADORA, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

**Anexo 2:** Guião Semi-Estruturado de Entrevista

## DADOS PESSOAIS

- Nome (iniciais do nome): \_\_\_\_\_
- Idade: \_\_\_\_\_
- Género: \_\_\_\_\_
- Habilitações Literárias: \_\_\_\_\_
- Empregado(a) / Desempregado(a) / Ocupação: \_\_\_\_\_
- Rendimentos / Apoios sociais: \_\_\_\_\_
- Anos de experiência de rua: \_\_\_\_\_
- Data de integração na casa / Tempo a viver na casa: \_\_\_\_\_
- Área da habitação: \_\_\_\_\_
- Tem passe? Tem passe social? \_\_\_\_\_
- Tem televisão? Pacote ou TDT? Tem internet?  
\_\_\_\_\_
- Tem telemóvel? \_\_\_\_\_
- Tem alguma questão a nível de saúde física ou mental? Comorbilidades e mobilidade: \_\_\_\_\_
- As suas questões de saúde já estavam presentes enquanto estava em situação de sem-abrigo (SSA),? Surgiram nesse tempo? Ou depois?  
\_\_\_\_\_
- Após ter saído da situação de sem-abrigo, surgiram outras questões de saúde?  
\_\_\_\_\_
- É acompanhado(a) em algum serviço de saúde? Desde quando?  
\_\_\_\_\_
- Tem neste momento alguma experiência de consumos? \_\_\_\_\_

## GUIÃO DE ENTREVISTA

- 1) A rotina que teve hoje costuma ser habitual? Para si, hoje foi um dia típico ou foi especial por alguma razão?

---

- 2) Qual foi o percurso que fez hoje? Que serviços visitou?

---

- 3) Como se sentiu nesses caminhos? Existe alguma emoção que associe aos sítios que visitou?

---

- 4) Quando estava em situação de sem-abrigo (SSA), a sua rotina era muito diferente? Visitava os mesmos serviços quando estava em SSA? Como era um típico para si, enquanto estava em SSA?

---

## PERGUNTAS FINAIS

1) Está satisfeito(a) com a localização da sua casa?

---

2) Está satisfeito(a) com as condições / qualidade da sua casa?

---

3) Está satisfeito(a) com o ambiente da sua vizinhança?

---

4) Está satisfeito(a) com os seus vizinhos?

---

5) Tem contactos frequentes ou amizade com os(as) seus(suas) vizinhos(as)?

---

6) Sente-se bem-vindo(a) no seu bairro?

---

7) Sente-se seguro(a) na sua casa?

---

8) Sente-se mais seguro(a) na sua casa, comparando quando estava em situação de sem-abrigo?

---

9) Sente que houve alguma mudança a nível da sua saúde mental e física quando integrou a casa?

---

10) Sentia-se discriminado(a) quando estava em SSA?

---

11) Atualmente, sente algum tipo de discriminação no seu bairro?

---

12) Sente que faz parte / está integrado(a) do seu bairro e da comunidade?

---

13) E quando estava em SSA, sentia que fazia parte / estava integrado(a) no seu bairro e na sua comunidade?

---

14) O que considera mais transformador / importante na sua experiência no Programa Casas Primeiro?

---

15) Quais são as suas perspectivas relativamente ao futuro? Tem esperança e / ou algumas aspirações?

---